



Relatório do Software Anti-plágio CopySpider

Para mais detalhes sobre o CopySpider, acesse: <https://copyspider.com.br>

Instruções

Este relatório apresenta na próxima página uma tabela na qual cada linha associa o conteúdo do arquivo de entrada com um documento encontrado na internet (para "Busca em arquivos da internet") ou do arquivo de entrada com outro arquivo em seu computador (para "Pesquisa em arquivos locais"). A quantidade de termos comuns representa um fator utilizado no cálculo de Similaridade dos arquivos sendo comparados. Quanto maior a quantidade de termos comuns, maior a similaridade entre os arquivos. É importante destacar que o limite de 3% representa uma estatística de semelhança e não um "índice de plágio". Por exemplo, documentos que citam de forma direta (transcrição) outros documentos, podem ter uma similaridade maior do que 3% e ainda assim não podem ser caracterizados como plágio. Há sempre a necessidade do avaliador fazer uma análise para decidir se as semelhanças encontradas caracterizam ou não o problema de plágio ou mesmo de erro de formatação ou adequação às normas de referências bibliográficas. Para cada par de arquivos, apresenta-se uma comparação dos termos semelhantes, os quais aparecem em vermelho.

Veja também:

[Analisando o resultado do CopySpider](#)

[Qual o percentual aceitável para ser considerado plágio?](#)



Relatório gerado por: alanmariano28@hotmail.com

Arquivos	Termos comuns	Similaridade
Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc X http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491262475.pdf	387	3,78
Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc X http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143163	201	3,04
Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc X http://blog.ferrezescritor.com.br/2005/08/literatura-marginal.html	147	2
Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc X http://blog.ferrezescritor.com.br/2005/10/lado-bom.html	90	1,18
Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc X http://www.each.usp.br/revistaec/?q=revista/1/marcos-fundamentais-da-literatura-periférica-em-são-paulo	163	1,03
Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc X https://www.researchgate.net/publication/308746287_Escritos_a_margem_a_presenca_de_autores_de_periferia_na_cena_literaria_brasileira	75	0,8
Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc X http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/download/67/475	66	0,57
Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc X http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/26238	16	0,24
Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc X https://pt-br.facebook.com/anapaulafranconobile.brandileone	3	0,04
Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc X http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/download/431/pdf		- Conversão falhou



=====
Arquivo 1: [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#) (6257 termos)

Arquivo 2: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491262475.pdf (4366 termos)

Termos comuns: 387

Similaridade: 3,78%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento

http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491262475.pdf

=====
@LITERATURA_PERIFÉRICA: **A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS EDIÇÕES DA CAROS AMIGOS “LITERATURA MARGINAL – A CULTURA DA PERIFERIA” - NA INTERNET .**

RESUMO: A diversidade destaca-se como característica marcante **da ficção brasileira contemporânea**, presente em múltiplas formas, tons, temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre **o que é literatura** (RESENDE, 2008). Neste contexto, ganha relevo a ocupação da cena literária protagonizada **por vozes que**, antes, se encontravam **à margem da produção literária** nacional. Esse aspecto está alinhado a mudanças ocorridas no período pós-moderno, entre elas as relacionadas ao campo da comunicação, no qual a internet alterou o modo de ser e estar no mundo, o que inclui as práticas literárias. Diante disso, a rede passa a ser um novo e importante suporte para a produção, a divulgação e o exercício crítico **do fazer literário**. **A partir do** exposto e tomando como base os pressupostos teóricos abordados por Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013), Resende (2008), entre outros estudiosos, o presente artigo **tem por objetivo** analisar **a recepção crítica** na internet das **edições Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”**, que são um marco para a consolidação do **movimento literário marginal** periférico. Como resultado do estudo, observa-se que, embora de forma tímida, o exercício de recepção crítica das edições não se fez ausente na rede, contribuindo para o fortalecimento do projeto político-literário idealizado e desenvolvido **pelos escritores da periferia**.

PALAVRAS-CHAVE: recepção crítica; internet; literatura marginal; **revista Caros Amigos – A cultura da periferia**.

1 INTRODUÇÃO

Decorrente da emergência de novas vozes na **ficção brasileira contemporânea**, até recentemente afastadas do universo literário, surgiu a expressão artística que vem da periferia dos grandes centros urbanos brasileiros, **a literatura marginal**, que “[...] procura refletir os aspectos mais inumanos e marginalizados de nossa realidade social” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 99). Passo importante rumo à democratização do campo literário, até então não formatado para ser protagonizado por indivíduos que não pertencem aos nichos de poder. Afinal, como aponta Dalcastagnè (2012, p. 13): “[...] a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele”.

Dessa forma, se outrora havia vozes que buscavam **falar em “nome deles”**, agora **é do próprio** sujeito periférico **que deve emergir a denúncia**, o protesto, tornando-se, assim, agente de **sua própria história** (BRANDILEONE, 2013, p. 26). Em outras palavras, a voz que narra não é de alguém que olha de fora, a



contar do outro, mas de uma perspectiva de dentro; identidade **da literatura marginal**, segundo Ferréz:

A Literatura Marginal sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. (FERRÉZ, 2005b, p. 12).

É, então, dessa “margem” que os escritores marginais granjeiam o seu lugar de fala para vociferarem sobre suas próprias realidades. Entre os expoentes do movimento estão **Paulo Lins** (2002) e Ferréz (2005a), que publicaram, respectivamente **Cidade de Deus** e **Capão Pecado**.

A literatura marginal está assentada em **uma produção literária que encontra nos** princípios socioeconômico e geográfico, **seu fator de reconhecimento**, segundo Patrocínio (2013). Por isso, segundo o autor, um dos elementos mais importantes para a identificação desse grupo, que reúne **escritores da periferia**, é a territorialidade do texto, seja porque a periferia torna-se o cenário das narrativas, seja pelo fato de seus autores residirem em espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões.

O termo, ainda, designa uma literatura que se propõe a intervir no modelo de produção literária praticado pelo sujeito burguês: “Nesses termos, passa a ser denominada não apenas a literatura que está à margem, mas aquela que se coloca à margem enquanto proposta de intervenção literária que busca uma sombra na modelação do sujeito burguês” (PATROCÍNIO, 2013, p. 27). **Não por acaso, a literatura marginal** leva para o centro da discussão **a realidade de** violência e de vulnerabilidade social **sofrida pelos sujeitos periféricos**, que narram **a partir de** suas próprias experiências de vida. Sob esta perspectiva, opera segundo um caráter híbrido, entre o referencial, dado pelo discurso biográfico do autor, que utiliza a sua própria trajetória de vida como matéria fundante de sua produção ficcional, e o discurso propriamente ficcional da narrativa.

É fruto desse movimento **os três volumes da Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia”** que, organizados por Ferréz, em **parceria com a Editora Casa Amarela**, foram publicados entre **agosto de 2001 a abril de 2004**. Esses volumes são compreendidos, por estudiosos, como um **marco na formação e estruturação** de um projeto literário coletivo, cujo objetivo era reunir as diversas vozes das periferias. **É o caso de** Patrocínio, para quem **as edições especiais da Caros Amigos** favoreceram “[...] **a formação de um espaço discursivo próprio dentro da série literária hegemônica**” (2013, p.16).

Também para Nascimento (2009), os três atos propiciaram **a apropriação e a legitimação** de um novo sentido para o adjetivo marginal, qualificando uma nova vertente literária no panorama contemporâneo. Além disso, foram porta de entrada para a inserção de diversos **escritores da periferia na cena literária brasileira** (NASCIMENTO, 2009). Já para Holanda (2014), **os números especiais da revista são “[...] seminais, no sentido de que Caros Amigos tem uma circulação mais ampla e diversificada, tem a atenção dos antenados, uma boa distribuição, e me parece que foi aí, nesses números especiais, que nasceu e se firmou a noção de literatura marginal como a nova expressão literária das periferias”** (HOLLANDA, 2014, p. 33).

Compostos de poemas, contos, crônicas **e letras de rap**, os atos possuem a marca de 48 escritores e rappers, provenientes das grandes periferias urbanas, principalmente **de São Paulo e do Rio de Janeiro**. Vale destacar que a distribuição das revistas foi realizada, de forma gratuita, nos bairros das comunidades, como apontado por Nascimento (2009); fator que evidencia o lema dessas produções: uma literatura da periferia para a própria periferia. Logo, esses textos estabelecem um diálogo contínuo com as comunidades em que vivem e tematizam assuntos relacionados ao seu cotidiano, como, por exemplo, a



violência e a falta de estrutura, que afeta a sobrevivência e a subsistência dos moradores (NASCIMENTO, 2009).

Considerando a relevância dessa coletânea para firmar e afirmar a expressão literária vinda das periferias e, assim, edificar um projeto literário de cunho inédito, é que surgiu o interesse em investigar a recepção crítica desses volumes na internet. De um lado para identificar o espaço que esses volumes obtiveram na cena literária brasileira, já que se inscreveram como marco para afiançar e consolidar o movimento literário marginal e, de outro, verificar a sua ressonância em outro suporte, que não o jornal; lócus até então institucionalizado para o exercício da crítica literária, mas que tem, paulatinamente, deixado de ser o principal meio de difusão da literatura.

Sabe-se que o advento da internet e da tecnologia eletrônica aplicada à literatura, por meio da apropriação de novos dispositivos, tornou a circulação de textos muito mais fácil e rápida, bem como vitrine para novos autores, o que “[...] possibilitou o aparecimento de milhares de novos leitores críticos, de competência variada, em sites ou em blogs” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 68). Além disso, o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, uma vez que o processo de criação literária se tornou um processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor. Desse modo, o texto literário ganhou uma nova dimensão não só pela velocidade da criação, mas também pela transmissão e recepção dos textos, muitas vezes associada a debates inflamados sobre textos e autores (CORRÊA, 2008). Aspecto que se pretende esquadrihar, a partir do mapeamento da recepção crítica, os três atos de “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia” em blogs e demais práticas da internet. O presente trabalho está organizado em duas seções: na primeira, contextualiza-se a respeito da manifestação da crítica literária na internet e no fortalecimento das práticas virtuais na recepção e divulgação dos autores e textos literários. Em seguida, na última seção, análise do mapeamento da fortuna crítica, a fim de evidenciar a repercussão dos referidos volumes na internet.

2 A CRÍTICA LITERÁRIA ENTRE FIOS E CONEXÕES

Desde o advento do jornalismo no Brasil, em meados do século XIX, a literatura ganhou espaço privilegiado e, por isso, a crítica literária era aguardada (e temida) com expectativa por escritores e editores. De um lado porque o jornal tornou-se o principal veículo de divulgação do literário, seja através da publicação de obras literárias, notícia de lançamentos de livros, notas sobre escritores e obras ou, ainda, por exercer a função de difundir artigos críticos, resenhas e entrevistas. Por outro lado, prestou-se como fonte de renda para os escritores, concedendo-lhes não só condições mínimas de independência econômica, mas também os libertando, ainda que provisoriamente, das demandas éticas e estéticas dos mecenas (BORDIEU, 2009). Desse modo, o jornal configurou-se como prestigiada instância de legitimação de escritores e de suas obras.

Atualmente, no entanto, pode-se verificar o paulatino apagamento da crítica literária nos jornais, ficando restrita aos poucos suplementos literários que ainda resistem, como é o caso do Jornal Rascunho, Cândido e o Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco ou, então, aos cadernos culturais de circulação em massa que, atualmente, estão mais à serviço do colunismo social que do exercício propriamente da crítica literária (FRANCHETTI, 2005). Já a crítica literária produzida nas universidades, ficam, em sua grande maioria, encastelada nelas mesmas, sobrevivendo bravamente, sem sucumbir. Essas constatações encontram eco em Durão (2016), que evidencia as fragilidades da crítica literária contemporânea, tanto da crítica acadêmica quando da crítica praticada no jornal:



Quando postas lado a lado, a crítica acadêmica e a crítica de jornal deixam entrever suas fraquezas: por não ter um compromisso direto com o receptor, a crítica acadêmica é muitas vezes abstrusa e desnecessariamente difícil, a desproporção entre a produção e o uso – centenas e centenas de livros e milhares de artigos científicos não têm mais do que meia dúzia de leitores cada [...] Já a crítica de jornal parece estar cada vez mais incluída em uma lógica de mercado. Isso se manifesta em uma tendência para beneficiar a superficialidade, reduzir o espaço de reflexo e ignorar aquele desinteresse sem o qual a crítica alguma pode ser exercida: no limite, o jornal pode fazer o comentário de um livro como se estivesse planejando sua campanha publicitária. (DURÃO, 2016, p. 12-13).

Tendo em vista os limites da crítica literária exercida no jornal e na Academia é que a internet se apresenta como um novo suporte que, entretanto, não foge à lógica comercial; aspecto já delineado por Franchetti a respeito do jornal. Para Durão (2016), a prática da crítica literária nos espaços virtuais serve, não raro, como veículo de propaganda de certos escritores e obras:

[...] quando a crítica é submetida à mesma lógica comercial da indústria cultural, o ter-que-dizer antepõe-se ao ter-o-que-dizer. Ela vê-se muitas vezes obrigada a achar o que comentar em objetos que talvez não fossem merecedores de comentário. Se a crítica abre mão da resistência ao ter-que-dizer como a priori, ela converte-se em algo não muito melhor que uma simples propaganda da obra e de sua editora. (DURÃO, 2016, p. 114).

Nesse contexto, pode-se observar diferentes atuações do mercado, que se manifestam, sobretudo, pela contratação de ações de publicidade por parte das editoras e de autores independentes, que vão desde a divulgação da capa e/ou da sinopse de determinado livro nas redes sociais, maior destaque para o Instagram, até a leitura de parte de determinada obra e/ou a publicação de um vídeo com impressões de leitura para o Youtube. Outra prática comum nesses canais de vídeos sobre livros no Youtube é o envio, por parte das editoras, de seus livros recém lançados, os quais aparecem em vídeos intitulados como “bookhall” e/ou de caixa-postal que são publicados mensalmente; nessa prática, no entanto, não ocorre a contratação de um serviço como mencionado anteriormente. Em todas essas situações, o booktub toma o lugar do outdoor; estratégia de marketing ainda responsável por divulgar o que de mais novo há no mercado.

Espaço decorrente das transformações tecnológicas ocorridas no final do século passado, principalmente no que tange à democratização do acesso à rede e ao surgimento de plataformas de comunicação como blogs e redes sociais, a exemplo o Blogger, Orkut, Facebook e Youtube, a internet assemelha-se, portanto, a uma (nova) ágora, no qual os indivíduos têm a possibilidade de se expressarem e construir linhas de pensamentos de forma coletiva.

É, então, por meio das redes sociais que os usuários encontram a possibilidade de organizarem lócus de interesse comuns, na medida em que surgiram “[...] novas formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos” (CASTELLS, 2003, p. 110). Por favorecer a liberdade de expressão, os indivíduos encontram, ainda, a possibilidade de ampliar suas formas de interação social e, ao mesmo tempo, encontrar um espaço de uso comum e coletivo.

Sendo assim, não é surpreendente verificar que surgiram novos círculos, formados pelos usuários da rede, que se unem para debater assuntos relacionados ao universo literário em diversos sites e redes sociais. Entre eles, pode-se citar os blogs “Literature-se”, criado por Mellory Ferraz, e “Tiny Little Things”, de Tatiana Feltrin, que também se inscrevem em outras plataformas sociais, como canais no Youtube, perfis



no Instagram e página no Facebook . **No caso de** Mellory Ferraz, há também um grupo produzido por ela no Facebook, em que seus membros compartilham informações, dicas de leitura e realizam o exercício crítico das leituras em curso e/ou finalizadas.

Apesar do exercício crítico praticado nessas plataformas de comunicação ser de base mais impressionista , o leitor (comum) pode estabelecer um canal de comunicação não apenas para manifestar e expor sua opinião, mas também debater com outros leitores. Aspecto que encontra ressonância em considerações de Resende, para quem a literatura “[...] na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação” (2008, p. 18). Também Schøllhammer (2009) enfatiza que a rede alterou a circulação e a recepção do texto literário, bem como a relação entre o escritor e o público:

As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os blogs, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 13).

Diante do exposto, verifica-se **que a produção** e a circulação de textos literários e da própria crítica se tornaram mais veloz, podendo alcançar tanto o público já interessado em literatura quanto aquele que não possui tanto contato com o universo literário, instigando-o a conhecer e a realizar novas leituras.

Entretanto, **a crítica literária** na rede é uma faca de dois gumes. **Se por um lado** a internet é espaço aberto , em que os usuários possuem vasta liberdade para exprimir seu **ponto de vista a respeito do** que tem lido, por outro, o exercício crítico nas práticas virtuais pode, muitas vezes, ser superficial, como alerta Perrone-Moisés: “[...] a crítica dos blogs assemelha-se à jornalística por seu dinamismo e seu caráter judicativo, mas por ser individual e anárquica carece, frequentemente, de fundamentos sólidos” (2016, p. 61). Outra faceta da internet se encontra na efemeridade das informações publicizadas. Assim, se a força da internet está na sua forte relação com o presente, dado o seu consumo instantâneo e seu caráter intempestivo, os dados exibidos na rede podem se obliterar, seja por falta de atualização contínua, problemas na hospedagem de sites e blogs, ou até mesmo devido à ação de hackers. É por esse motivo que muitos blogs e sites desaparecem no universo de informações que há por detrás das conexões. Nessa perspectiva **é que o** os jornais e livros físicos facilitam a preservação **da crítica literária** se comparado às práticas virtuais. A seguir, análise do mapeamento da **recepção crítica dos volumes da Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia”**.

3. NAVEGANDO NO MAPEAMENTO

O mapeamento realizado entre 2017 e 2018 da fortuna crítica **das três edições de Literatura Marginal da Revista Caros Amigos** deu-se por meio de pesquisas no Google, **a partir de** palavras-chave relacionados aos volumes, a exemplo: Ferréz e **Caros Amigos; Literatura Marginal; Talentos da Periferia; A cultura da periferia; Revista Caros Amigos**. Importante dizer que o objetivo da pesquisa foi o resgatar as manifestações críticas **do calor da hora**, entre de 2001 a 2004. Entretanto, também foram consideradas manifestações críticas de 2005, por coincidirem com o lançamento da coletânea intitulada **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**, organizada por Ferréz e publicada em 2005, que reúne textos **das três edições** em questão.

Ao todo foram encontradas duas publicações em blogs especializados de literatura que, apesar de não tratarem especificamente dos volumes, ambas as postagens apresentam uma densa discussão **sobre a literatura marginal**, citando inclusive as edições **da revista, de** forma que é possível obter um



posicionamento crítico. Quanto ao exercício crítico por leitores não especializados, foram encontradas duas manifestações no blog do escritor Ferréz.

Os artigos referentes à crítica especializada foram localizados no blog homônimo de Heloisa Buarque de Hollanda e são dois: “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” e “Literatura marginal”. O segundo texto mencionado já não se encontra, porém, disponível, uma vez que o blog da pesquisadora passou por alterações, inclusive no link, que passou a se denominar “Heloisa Buarque Projetos”. Desse modo, grande parte do conteúdo antes disponível já não pode ser acessado. Além disso, o artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” foi atualizado na nova versão do portal. Isso demonstra e reforça a efemeridade dos dados na rede; aspecto já discutido na seção anterior deste artigo. Felizmente, ambos os artigos foram salvos previamente. Relevante ressaltar que no blog, de onde inicialmente os artigos foram encontrados, não há referência sobre a data das publicações. Infere-se, no entanto, que os artigos foram publicados no intervalo entre os atos I e II dos volumes especiais da Caros Amigos, isto é, entre junho de 2002 e abril de 2004, pois em um trecho do artigo “Literatura marginal”, a pesquisadora escreve: “Ferréz organizou dois números especiais da Revista Caros Amigos chamados “Literatura Marginal” com que reúnem e divulgam escritores da periferia, abrindo espaço para nos talentos locais”.

No artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, a pesquisadora inicia a discussão abordando a intensificação do processo de “favelização” ocorrido nas últimas décadas, ressaltando a importância das manifestações culturais nessas comunidades:

Uma das mais interessantes reações ao recuo do Estado no que diz respeito às políticas sociais, **é o caso** dos processos de atuação que se desenvolvem na cultura do hip hop tal como vêm sendo praticados nas favelas e comunidades de baixa renda no Brasil.

A seguir, a autora aborda o hip hop para evidenciar que essa manifestação artística adquiriu novas características no Brasil, sendo a principal delas assumir um caráter de “capitalismo cultural”, devido à abertura para o mercado; aspecto que se distancia do local de origem do movimento, a Jamaica. Salienta, também, que aqui os artistas da cultura hip hop passaram a concebê-la como mecanismo para o desenvolvimento social e político nas comunidades. Outra especificidade adquirida em terras nacionais foi que o hip hop passou a agregar em sua forma novas expressões artísticas, como a literatura, associando-se a um projeto educacional que visa à ampliação do acesso ao conhecimento:

Antes de mais nada, é importante esclarecer que o hip-hop, nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, é mais abrangente do que sua forma original norte americana que é composto tradicionalmente pelo rap, grafite, MCs e break dance (bboys). No Brasil, o hip hop, além desses, agrega a literatura (uma tendência muito forte e prestigiada do nosso hip hop), algumas formas de competição esportivas como o basket de rua, além do que me parece mais interessante, que é o conhecimento. A partir da necessidade política de valorização da história local e das raízes culturais do hip hop, podemos observar nas comunidades hip hop brasileiras um investimento bastante significativo nas formas de aquisição e produção de conhecimento em formas cada vez mais amplas e diversificadas, incluindo-se aqui um real aumento na taxa de entrada destes artistas em instituições de educação formal de ensino médio e superior

Essa filiação do hip hop à literatura, sobretudo às práticas poéticas do rap, encontram eco nas considerações de Patrocínio (2013) e da própria autora, em artigo intitulado “Crônica marginal”. Assim



como o **movimento hip hop**, a **produção literária marginal**, segundo Patrocínio (2013), é um discurso de contestação que aglutina vozes marginalizadas, a fim de produzir uma fala contrária ao estabelecido e, assim, gerar um projeto de resistência e afirmação de **uma identidade própria**, já que o discurso é construído pelo subalterno. **Engajamento político e** compromisso social que acabam suscitando o protesto e a conscientização dos indivíduos à margem **que, por sua vez**, motivam ações culturais pedagógicas “[...] com excelentes resultados para as comunidades pobres” (HOLLANDA, 2014, p. 31). Além disso, ambas as manifestações culturais apresentam um discurso de valorização da identidade periférica e o mesmo teor de crítica social e, por isso, instrumento de denúncia de um cotidiano marcado pela vulnerabilidade e pela desigualdade social. Por isso, continua Hollanda em “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, o movimento artístico das periferias brasileiras possui um cunho intervencionista, que se manifesta no compromisso de dedicar-se à defesa das causas e das experiências dos oprimidos, denunciando as mazelas das comunidades, e em promover mudanças sociais. E, como força dessa (nova) cultura periférica, ela cita o AfroReggae, mundialmente reconhecido pelo seu ativismo por meio da arte, e a produção literária dos escritores periféricos, consumida nas próprias comunidades. É, então, nesse contexto que a autora aponta para a produção literária desenvolvida na periferia e menciona Ferréz, ressaltando a sua atuação na comunidade **de Capão Redondo** e, assim, seu ativismo ao ressaltar que o escritor “[...] assume publicamente o compromisso de sua literatura em estilo e em ativismo com o **movimento hip hop**”. Além disso, ela o caracteriza como “uma forte liderança entre seus “brothers”, referindo-se à organização **das edições da Caros Amigos, que** “[...] reúne diversos **escritores da periferia**, abrindo assim espaço para os talentos locais”; consideração presente nas duas publicações encontradas da estudiosa.

Já no artigo “**Literatura Marginal**”, a pesquisadora evidencia o caráter de autorrepresentatividade do movimento literário periférico, afirmando que a partir dele “[...] a própria noção de cultura, e por tabela a de literatura, é forçada a repensar seus parâmetros e até mesmo, – o que mais interessante –, sua função social”. Outros estudiosos **da literatura marginal** também apontam para a necessidade de rever o estatuto que rege o texto literário quando a produção literária dos **escritores da periferia** são objeto de reflexão. **É o caso de** Nascimento (2009), para quem “[...] a criação literária é o meio pelo **qual os autores** estão expressando outras preocupações que não as pertinentes à formalização estética, e que envolvem questões, sociais, culturais e políticas” (NASCIMENTO, 2009, p. 165). Ou, ainda, Patrocínio (2013), que define **a literatura marginal como** “[...] ferramenta para o estabelecimento de uma compreensão de estruturas sociais desiguais e para denunciar situações de vulnerabilidade sofridas pelos residentes em favelas e bairros de periferia” (PATROCÍNIO, 2013, p. 49) e, por isso, deve ser lida segundo “[...] uma chave de leitura que possibilite uma análise conjugada: ler no texto literário a presença do sentido político e social do movimento” (PATROCÍNIO, 2013, p. 51). Sob essa ótica, **a literatura marginal** deve ser avaliada, principalmente, por meio de sua orientação política, social e ética, em detrimento de sua dimensão estética: “[...] na estruturação desse novo grupo, o estético foi colocado em segundo plano, não negligenciado, mas é suprimido pela importância conferida à ética” (PATROCÍNIO, 2013, p. 39). Nessa perspectiva é que, segundo Hollanda, a literatura periférica institui um novo cânone que estaria “[...] em processo de gestação”. Em artigo já aqui referenciado, “Crônica marginal”, a autora reitera essa percepção quando destaca que **a publicação de Cidade de Deus, de Paulo Lins**, em 1997, funda não apenas “[...] um formato narrativo-descritivo de ação que vai marcar a estética do final do século na literatura, na TV e no cinema” (HOLLANDA, 2014, p. 29), mas também um “novo cânone” (HOLLANDA, 2014, p. 29). **Ponto de vista** partilhado por Patrocínio (2013), que compreende a obra de Lins como uma espécie de marco inaugural do movimento de autores periféricos; caminho aberto que “[...] está sendo



percorrido por inúmeros **autores da periferia**, como Ferréz, Allan Santos Rosa, Sérgio Vaz, Sacolinha, Alexandre Buzo e Rodrigo Ciríaco, para citar os mais representativos” (PATROCÍNIO, 2013, p. 15). Além da autorrepresentatividade, a estudiosa também põe em relevo o olhar **para o que** ela chama de “interior” dos escritos marginais, que possibilita “[...] pela primeira vez [...] uma detalhada anatomia do cotidiano da miséria e do crime no Brasil, agora com as cores da experiência vivida” e que, por isso, “[...] já não se trata mais da favela idealizada”. Esse olhar de dentro produzida por esses autores, baseada nas cores da experiência vivida e materializada nos textos literários, caracteriza um dos elementos configuradores mais relevantes **da literatura marginal** periférica, conforme assinalado anteriormente. **Não por acaso**, o retrato gerado pela ficcionalização dos traços autobiográficos dificulta a separação do que é ficcional e do que é biográfico, **o que, não raro**, dá aos escritos marginais um caráter documental; procedimento que visa ao desenvolvimento de uma consciência identitária coletiva dos sujeitos que vivem nas periferias, como aponta Patrocínio :

O objetivo, claramente ancorado em um engajamento através da literatura, aponta para o desejo de formar um povo que se configura de forma anômala, espreado nas margens urbanas. A formação desse povo marginalizado se dá na sua ficcionalização, empreendendo para isso o resgate de elementos reais e fatos concretos. Nessa articulação, entre ficção e realidade, o povo é reinventado, favorecendo a construção identitária **a partir de** um discurso de afirmação. (2013, p. 59).

É, então, na busca por retratar a realidade e a experiência marginais, que o diálogo entre o ficcional e a realidade se concretiza, contribuindo, dessa forma, para a construção identitária da própria periferia, sem, entretanto, abrir mão da denúncia, já **que a literatura marginal é** uma enunciação marcada por um forte apelo político e social, não se reduzindo “[...] ao literário, expande-se e passa a observar o seu sentido político, **social e cultural**” (PATROCÍNIO, 2013, p. 50).

Para finalizar as discussões **de “Literatura Marginal”**, Hollanda revisita questões importantes já apresentadas, como a ocupação da cena literária pelas vozes marginais e o novo processo de mediação de suas realidades, já que em vez de objeto de discurso, os periféricos passam a ser sujeitos de discurso: “[...] estamos aprendendo que em vez de interpretar demandas e traduzir diretamente culturas devemos exercer o papel de negociadores que possam relativizar nossos espaços de fala”. Ela, também, expõe o impacto causado por essa produção literária no cenário cultural brasileiro, que possibilita repensar “[...] o que seria uma cultura ‘alta’ e uma cultura ‘baixa’ seja ela uma cultura de massa ou popular”. Apontamento que sinaliza para o deslocamento das esferas **do saber e do poder** no âmbito das práticas histórico-culturais, afinal, a produção intelectual epistemológica e cultural não fica mais restrita a um grupo minoritário. Por último, a pesquisadora encerra o texto dando seu parecer em relação a essas novas vozes : “[...] e, finalmente, gostaria de passar para vocês o entusiasmo que estou vivendo com esse momento meio assustador, mas certamente atraente”. Logo, verifica-se que Hollanda possui uma visão positiva em relação a essa linha de força **da produção literária** contemporânea. Vale ressaltar que a recepção entusiasmada dos textos oriundos de **escritores da periferia** se mantém presente mesmo depois de mais de uma década da publicação **dos volumes especiais da Caros Amigos**, haja vista, por exemplo, o sucesso de crítica e de público do livro *O sol na cabeça*, de Giovani Martins, publicado em 2018, recentemente indicado ao Prêmio Jabuti na categoria conto; autor que toma para si a alcunha de escritor periférico.

No que se refere às manifestações críticas não vinculadas à crítica especializada, foram localizados dois comentários no blog pessoal de Ferréz, publicados em 2005. Apesar de não coincidirem com o



lançamento dos atos, estão temporalmente situados no período da publicação da coletânea **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**, que reúne alguns escritos das três edições. No primeiro comentário, um morador da periferia apresenta seu ponto de vista sobre o livro *Capão Pecado*, de Ferréz (2000): “[...] tempos atrás li o capão pecado e particularmente não gostei muito (achei um tanto apelativo em relação a sociedade) antes que você pense algo, também sou da periferia”. Entende-se que é a partir da estratégia narrativa da produção literária marginal de colocar o próprio excluído para narrar a sua história e a dos seus iguais, o que, não raro, reverbera uma relação direta com o mundo (realidade elevada à máxima potência), conferindo ao texto certa referencialidade, que se pode ler as ponderações desse leitor. A busca pela autenticidade da “vida como ela é” dos escritos marginais pode ter motivado o leitor a chamar de “apelativo” o retrato social da periferia figurado por Ferréz em *Capão Pecado*. E acrescenta: “[...] espero que não se sinta ofendido pela crítica, é apenas minha humilde opinião, além do mais eu penso o seguinte ‘quem é competente, não tem medo de críticas’”.

O internauta também revela seu posicionamento quanto à publicação da coletânea organizada por Ferréz, em 2005, que reuniu parte dos textos dados à público pelas edições da *Caros Amigos*: “[...] achei bem legal isso, quando eu li a primeira vez já havia achado muito boa as idéias publicadas na revista”. Evidencia, ainda, certo preconceito e descrença por parte da sociedade em relação aos escritores oriundos da periferia, incluindo-se entre eles: “É engraçado o quanto ninguém dá nada para você quando você é da periferia não é mesmo? [...] eles pensam que você é burro, não conhece nada e adoram dar uma de Pseudos Intelectuais”. Por fim, informa que possui um blog e convida Ferréz a acessá-lo:

[...] gostaria que lesse meu blog e me respondesse [...] ignore este blog do Blogspot [...] eu pretendo logo fazer um blog com uma ideologia mais séria, pois este blog que estou usando é mais uma espécie de “passatempo”, afinal eu publico de tudo um pouco lá.

A citação acima corrobora aspecto anteriormente destacado e que se refere à possibilidade de o usuário comum da internet criar plataformas para produzir conteúdo e/ou manifestar-se criticamente sobre literatura, não sendo necessário que seja especialista na área para realizar tal exercício.

O segundo comentário foi realizado por uma estudante de Letras, e versa a respeito da forma em que teve acesso à produção de Ferréz: “Oi Ferréz você não me conhece e eu pouco lhe conheço mas já sou uma fã e leitora, tive acesso à seus textos através da *caros amigos*, incrível essa revista”. A seguir, acrescenta: “Estou 2º ano do curso de Letras aqui perto de minha cidade, ja levei textos seus para apresentação de trabalhos, quero pesquisá-los, será meu tema de conclusão de curso”. E finaliza seu comentário dizendo: “A partir de agora mantereí sempre o contato e vou sentir-me honrada quando concluir meu trabalho e ele for um grande sucesso, pois o tema ja é”. Com base nesse comentário, verifica-se que os três volumes do suplemento “*Literatura Marginal – A Cultura da Periferia Ato I, Ato II e Ato III*”, publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004 pela revista *Caros Amigos*, atuam como caminho condutor para outras leituras do movimento, ao mesmo tempo que revela a inserção das vozes marginais periféricas no espaço universitário, o que possibilita travar debates mais densos sobre a produção marginal.

No site Memorial da democracia foi encontrada outra publicação intitulada “**LITERATURA MARGINAL' É A VOZ DA PERIFERIA**” que, embora não trate especificamente das edições da *Caros Amigos*, aborda a coletânea **Literatura marginal: talentos da escrita periférica** que, conforme destacado anteriormente, foi gerada a partir da publicação dos três atos. Para o leitor, o livro organizado por Ferréz pode ser considerada como “[...] referência na literatura brasileira do início do século 21, marcada pelo protagonismo de autores da periferia”. Além disso, destaca a linguagem dos escritos marginais: “A



linguagem marginal se relaciona, portanto, com **a cultura da periferia e com a** valorização de seu vocabulário e de sua própria dicção”. Antes de finalizar o texto, aborda a fratura promovida pelos escritores periféricos **no campo literário** hegemônico, colocando em relevo o olhar “de dentro” dessas publicações por colocar o marginalizado como sujeito **da sua própria história**: “Nesse movimento, a periferia tomara para si o poder de narrar e produzir discursos. Não se trata, porém, de um “retrato da periferia”, mas da periferia tirando as suas próprias fotos”. Esta última citação demonstra que o leitor não apenas a leu a **coletânea de contos** e poemas, como também o texto introdutório da antologia, **intitulado “Terrorismo Literário”**, uma vez que faz paráfrase das palavras de Ferréz: “Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita em carvão, a regra é só uma, mostrar a cara. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (FERRÉZ, 2005, p. 9).

Vale destacar que foram encontrados alguns materiais que, apesar de também não estarem relacionados especificamente aos **volumes da Caros Amigos**, estão relacionados à literatura marginal periférica. **É o caso de** um vídeo no Youtube de entrevista concedida por Ferréz, Alessandro Buzo e **Erton Moraes e** transmitida pelo extinto programa “Jogo de Ideias”, em 2005, e que trata sobre o lançamento **da coletânea de contos**. Também uma comunidade denominada **“Literatura Marginal”**, no Orkut, que já se encontrava indisponível quando da elaboração deste artigo; aspecto que reforça a efemeridade das informações difundidas pela internet. Nela, os usuários da rede trocavam indicações de leitura, realizavam o exercício crítico e divulgavam suas produções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que os volumes especiais da literatura marginal na Revista Caros Amigos não passaram despercebidos, o que concorre para reforçar a visibilidade granjeada pelos autores periféricos. Não obstante consideração de Dalcastagnè (2012), que observa a invisibilização desses escritores na imprensa prestigiada e de grande circulação. Aspecto que felizmente não se aplica aos volumes aqui discutidos, como problematizado no artigo intitulado “Vozes **sobre a literatura** periférica: **A recepção crítica das edições da Caros Amigos ‘Literatura marginal - A cultura da periferia’**”, que analisa **a recepção crítica no calor da hora** dos três atos em jornais de circulação nacional.. Segundo Brandileone e Martins (2018), os recortes jornalísticos publicados em **O Estado de São Paulo** e **Folha de São Paulo** concorrem para comprovar **que o movimento literário marginal** se fez ouvir, fazendo-se ecoar não apenas pelos seus pares. O levantamento dessas manifestações críticas discutidas pelas autoras não exclui, entretanto, as problemáticas levantadas por Dalcastagnè (2012), que envolvem o apagamento de autores e obras periféricas, ainda que representem um passo importante rumo a ocupação de vozes subalternizadas da **cena literária brasileira**.

A partir do mapeamento da **recepção crítica dos volumes especiais da Caros Amigos**, pode-se verificar que a internet apresenta-se como um fértil suporte para a atuação do exercício **da crítica literária**, seja por meio da crítica especializada, a exemplo da pesquisadora **Heloísa Buarque de Holanda**, que discute **a respeito do** movimento literário periférico de forma mais sistematizada, seja por parte dos leitores “comuns”, que encontram, na rede, espaço para manifestarem suas opiniões sobre **os textos literários, ao mesmo tempo** que possibilita a interação e a troca de experiências com outros leitores. Importante considerar que, embora os comentários recolhidos no blog de Ferréz não forneçam uma discussão mais densa **sobre o movimento literário marginal**, apresentam uma visão bastante particular e peculiar sobre as edições, fator de grande relevância porque evidencia a sua recepção por indivíduos que pertencem a diferentes grupos e esferas sociais.



Pode-se, ainda, constatar que a internet, hoje, também se configura como espaço de produção literária, devido ao surgimento de projetos independentes de escritores nas plataformas sociais, cuja experimentação literária servem como termômetro de repercussão dos textos ou primeiro campo de publicação. Nesse contexto, convém mencionar os sites de financiamento coletivo, a exemplo da plataforma Catarse, que é uma espécie de “vaquinha” online que subsidia a publicação de livros de autores que procuram espaço na cena literária nacional. Ao mesmo tempo, a web caracteriza-se como veículo para a divulgação de obras, que não foge das garras do mercado, como é o caso das ações de publicidades vendidas pelos booktubers. Por fim, a rede possibilita um espaço de debate sobre a produção literária, em que os comentários dos internautas, seus likes e dislikes, bem como demais formas de reação, são ansiosamente aguardadas pelos autores, muitas vezes ponto de partida para a manifestação da crítica especializada.

5 REFERÊNCIAS

- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. *Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos*. In: OLIVEIRA, Vanderléia da Silva; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. *Desafios contemporâneos: a escrita do agora*. São Paulo: AnnaBlume, 2013. p.17-33.
- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Férrez e a escrita do testemunho. *Navegação*, Porto Alegre, vol.7, no.1, p.23-30. jan./jun. 2014.
- BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). *Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato I*. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, ago. 2001.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). *Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato II*. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, jun. 2002.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). *Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato III*. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, abr. 2004.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet e a sociedade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CORRÊA, Almir Aquino (org). *Ciberespaço: mistificação e paranóia*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Iberic@I Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, Paris, n. 2, p. 13-18, 2012. Disponível em : <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em 20 jul. 2020.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. *O que é crítica literária?*. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.
- FERRÉZ. *Capão pecado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005a.



FERRÉZ, (org). Terrorismo Literário. In: **Literatura Marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005b.

FRANCHETTI, Paulo. **A demissão da crítica**. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

HOLLANDA, **Heloísa Buarque de**. A política do hip hop nas favelas brasileiras. Disponível em: <<https://www.heloisabuarquedehollanda.com/periferia>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HOLLANDA, **Heloísa Buarque de**. “Crônica marginal”. In: **RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRA, Ettore**. Possibilidades da Nova Escrita Literária no Brasil. Rio de Janeiro: **Revan**, 2014. p. 25-38.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. 2ª ed. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2002.

MARTINS, Geovani. O sol na cabeça. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2018

MARTINS, Maria Luiza Navarro; **BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile**. Vozes sobre a literatura periférica: **A recepção crítica das edições da Caros Amigos “Literatura marginal - A cultura da periferia”**. Revista Crioula, **São Paulo**, no.21, p.67-88, jan./jul. 2018.

Memorial da democracia. '**Literatura marginal**' é a voz da periferia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/a-periferia-por-ela-mesma>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NASCIMENTO, Érica **Peçanha do**. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: **Aeroplano**, 2009.

PATROCÍNIO, **Paulo Roberto Tonani do**. **Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira**. Rio de Janeiro: **7 Letras; FAPERJ**, 2013.

PERRONE–MOISÉS, Leyla. **A crítica literária**. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: **Companhia das letras**, 2016. p. 60-69.

RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: Expressões **da Literatura Brasileira** no século XXI. **Rio de Janeiro**: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. **Rio de Janeiro**: Civilização Brasileira, 2011.

Title
@Peripheral_Literature: the critical reception of the special volumes of **Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura Da Periferia”** on internet.

Abstract
Diversity stands out as a feature of contemporary Brazilian fiction, present in multiple forms: tones, themes



and, especially, multiple convictions about what literature is (RESENDE, 2008). In this context, the occupation of the literary scene by voices that were once on the fringes of national artistic production is earning importance. This aspect is in line with the changes that have occurred in the post-modern period, especially those related to the field of communication, whom the Internet has changed our way of being in the world, which includes literary practices. In view of this, the network becomes a new and important support for the production, dissemination and critical exercise of literature. Based on these aspects, and taking as a basis the theoretical assumptions discussed by Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013) and Resende (2008), among other scholars, this paper aims to discuss the critical reception of Caros Amigos' special volumes entitled "**Literatura Marginal – A Cultura da Periferia**" on internet. As a result, it is observed that, although timidly, the exercise of critical reception of these editions was not absent from the internet, contributing to the strengthening of the visibility of the political-literary project idealized and developed by peripheral writers.

Keywords

Critical reception; Internet; Marginal literature; Caros Amigos – "**A cultura da periferia**" magazine.

Recebido em:

Aceito em



=====
Arquivo 1: [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#) (6257 termos)

Arquivo 2: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143163> (555 termos)

Termos comuns: 201

Similaridade: 3,04%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143163>

=====
@LITERATURA_PERIFÉRICA: A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS EDIÇÕES DA CAROS AMIGOS “LITERATURA MARGINAL – A CULTURA DA PERIFERIA” - NA INTERNET .

RESUMO: A diversidade destaca-se como característica marcante da **ficção brasileira contemporânea**, presente em múltiplas formas, tons, temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura (RESENDE, 2008). Neste contexto, ganha relevo a ocupação da cena literária protagonizada por vozes que, antes, se encontravam à margem da produção literária nacional. Esse aspecto está alinhado a mudanças ocorridas no período pós-moderno, entre elas as relacionadas ao campo da comunicação, no qual a internet alterou o modo de ser e estar no mundo, o que inclui as práticas literárias. Diante disso, a rede passa a ser um novo e importante suporte para a produção, a divulgação e o exercício crítico do fazer literário. A partir do exposto e tomando como base os pressupostos teóricos abordados por Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013), Resende (2008), entre outros estudiosos, **o presente artigo** tem por objetivo analisar **a recepção crítica** na internet **das edições Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”**, **que são um marco para a consolidação do movimento literário marginal** periférico. Como resultado do estudo, observa-se que, embora de forma tímida, o exercício de **recepção crítica das edições** não se fez ausente na rede, contribuindo para o fortalecimento do projeto político-literário idealizado e desenvolvido pelos **escritores da periferia**.

PALAVRAS-CHAVE: recepção crítica; internet; literatura marginal; **revista Caros Amigos – A cultura da periferia**.

1 INTRODUÇÃO

Decorrente da emergência de novas vozes na **ficção brasileira contemporânea**, até recentemente afastadas do universo literário, surgiu a expressão artística que vem da periferia dos grandes centros urbanos brasileiros, a literatura marginal, que “[...] procura refletir os aspectos mais inumanos e marginalizados de nossa realidade social” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 99). Passo importante rumo à democratização do campo literário, até então não formatado para ser protagonizado por indivíduos que não pertencem aos nichos de poder. Afinal, como aponta Dalcastagnè (2012, p. 13): “[...] a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele”.

Dessa forma, se outrora havia vozes que buscavam falar em “nome deles”, agora é do próprio sujeito periférico que deve emergir a denúncia, o protesto, tornando-se, assim, agente de sua própria história (BRANDILEONE, 2013, p. 26). Em outras palavras, a voz que narra não é de alguém que olha de fora, a contar do outro, mas de uma perspectiva de dentro; identidade da literatura marginal, segundo Ferréz:



A Literatura Marginal sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. (FERRÉZ, 2005b, p. 12).

É, então, dessa “margem” que os escritores marginais granjeiam o seu lugar de fala para vociferarem sobre suas próprias realidades. Entre os expoentes do movimento estão Paulo Lins (2002) e Ferréz (2005a), que publicaram, respectivamente *Cidade de Deus* e *Capão Pecado*.

A literatura marginal está assentada em uma produção literária que encontra nos princípios socioeconômico e geográfico, seu fator de reconhecimento, segundo Patrocínio (2013). Por isso, segundo o autor, um dos elementos mais importantes para a identificação desse grupo, que reúne **escritores da periferia**, é a territorialidade do texto, seja porque a periferia torna-se o cenário das narrativas, seja pelo fato de seus autores residirem em espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões.

O termo, ainda, designa uma literatura que se propõe a intervir no modelo de produção literária praticado pelo sujeito burguês: “Nesses termos, passa a ser denominada não apenas a literatura que está à margem, mas aquela que se coloca à margem enquanto proposta de intervenção literária que busca uma sombra na modelação do sujeito burguês” (PATROCÍNIO, 2013, p. 27). Não por acaso, a literatura marginal leva para o centro da discussão a realidade de violência e de vulnerabilidade social sofrida pelos sujeitos periféricos, que narram a partir de suas próprias experiências de vida. Sob esta perspectiva, opera segundo um caráter híbrido, entre o referencial, dado pelo discurso biográfico do autor, que utiliza a sua própria trajetória de vida como matéria fundante de sua produção ficcional, e o discurso propriamente ficcional da narrativa.

É fruto desse movimento os três volumes da **Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia”** que, organizados por Ferréz, em parceria com a Editora Casa Amarela, foram publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004. Esses volumes são compreendidos, por estudiosos, como um marco na formação e estruturação de um projeto literário coletivo, cujo objetivo era reunir as diversas vozes das periferias. É o caso de Patrocínio, para quem as edições especiais **da Caros Amigos** favoreceram “[...] a formação de um espaço discursivo próprio dentro da série literária hegemônica” (2013, p.16).

Também para Nascimento (2009), os três atos propiciaram a apropriação e a legitimação de um novo sentido para o adjetivo marginal, qualificando uma nova vertente literária no panorama contemporâneo. Além disso, foram porta de entrada para a inserção de diversos **escritores da periferia na cena literária brasileira** (NASCIMENTO, 2009). Já para Holanda (2014), os números especiais da revista são “[...] seminais, no sentido de que Caros Amigos tem uma circulação mais ampla e diversificada, tem a atenção dos antenados, uma boa distribuição, e me parece que foi aí, nesses números especiais, que nasceu e se firmou a noção de literatura marginal como a nova expressão literária das periferias” (HOLLANDA, 2014, p. 33).

Compostos de poemas, contos, crônicas e letras de rap, os atos possuem a marca de 48 escritores e rappers, provenientes das grandes periferias urbanas, principalmente **de São Paulo e do Rio de Janeiro**. Vale destacar que a distribuição das revistas foi realizada, de forma gratuita, nos bairros das comunidades, como apontado por Nascimento (2009); fator que evidencia o lema dessas produções: uma literatura da periferia para a própria periferia. Logo, esses textos estabelecem um diálogo contínuo com as comunidades em que vivem e tematizam assuntos relacionados ao seu cotidiano, como, por exemplo, a violência e a falta de estrutura, que afeta a sobrevivência e a subsistência dos moradores (NASCIMENTO,



2009).

Considerando a relevância dessa coletânea para firmar e afirmar a expressão literária vinda das periferias e, assim, edificar um projeto literário de cunho inédito, é que surgiu o interesse em investigar a recepção crítica desses volumes na internet. De um lado para identificar o espaço que esses volumes obtiveram na cena literária brasileira, já que se inscreveram como marco para afiançar e consolidar o movimento literário marginal e, de outro, verificar a sua ressonância em outro suporte, que não o jornal; lócus até então institucionalizado para o exercício da crítica literária, mas que tem, paulatinamente, deixado de ser o principal meio de difusão da literatura.

Sabe-se que o advento da internet e da tecnologia eletrônica aplicada à literatura, por meio da apropriação de novos dispositivos, tornou a circulação de textos muito mais fácil e rápida, bem como vitrine para novos autores, o que “[...] possibilitou o aparecimento de milhares de novos leitores críticos, de competência variada, em sites ou em blogs” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 68). Além disso, o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, uma vez que o processo de criação literária se tornou um processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor. Desse modo, o texto literário ganhou uma nova dimensão não só pela velocidade da criação, mas também pela transmissão e recepção dos textos, muitas vezes associada a debates inflamados sobre textos e autores (CORRÊA, 2008). Aspecto que se pretende esquadrihar, a partir do mapeamento da recepção crítica, os três atos de “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia” em blogs e demais práticas da internet. O presente trabalho está organizado em duas seções: na primeira, contextualiza-se a respeito da manifestação da crítica literária na internet e no fortalecimento das práticas virtuais na recepção e divulgação dos autores e textos literários. Em seguida, na última seção, análise do mapeamento da fortuna crítica, a fim de evidenciar a repercussão dos referidos volumes na internet.

2 A CRÍTICA LITERÁRIA ENTRE FIOS E CONEXÕES

Desde o advento do jornalismo no Brasil, em meados do século XIX, a literatura ganhou espaço privilegiado e, por isso, a crítica literária era aguardada (e temida) com expectativa por escritores e editores. De um lado porque o jornal tornou-se o principal veículo de divulgação do literário, seja através da publicação de obras literárias, notícia de lançamentos de livros, notas sobre escritores e obras ou, ainda, por exercer a função de difundir artigos críticos, resenhas e entrevistas. Por outro lado, prestou-se como fonte de renda para os escritores, concedendo-lhes não só condições mínimas de independência econômica, mas também os libertando, ainda que provisoriamente, das demandas éticas e estéticas dos mecenas (BORDIEU, 2009). Desse modo, o jornal configurou-se como prestigiada instância de legitimação de escritores e de suas obras.

Atualmente, no entanto, pode-se verificar o paulatino apagamento da crítica literária nos jornais, ficando restrita aos poucos suplementos literários que ainda resistem, como é o caso do Jornal Rascunho, Cândido e o Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco ou, então, aos cadernos culturais de circulação em massa que, atualmente, estão mais à serviço do colunismo social que do exercício propriamente da crítica literária (FRANCHETTI, 2005). Já a crítica literária produzida nas universidades, ficam, em sua grande maioria, encastelada nelas mesmas, sobrevivendo bravamente, sem sucumbir. Essas constatações encontram eco em Durão (2016), que evidencia as fragilidades da crítica literária contemporânea, tanto da crítica acadêmica quando da crítica praticada no jornal:

Quando postas lado a lado, a crítica acadêmica e a crítica de jornal deixam entrever suas fraquezas: por



não ter um compromisso direto com o receptor, a crítica acadêmica é muitas vezes abstrusa e desnecessariamente difícil, a desproporção entre a produção e o uso – centenas e centenas de livros e milhares de artigos científicos não têm mais do que meia dúzia de leitores cada [...] Já a crítica de jornal parece estar cada vez mais incluída em uma lógica de mercado. Isso se manifesta em uma tendência para beneficiar a superficialidade, reduzir o espaço de reflexo e ignorar aquele desinteresse sem o qual a crítica alguma pode ser exercida: no limite, o jornal pode fazer o comentário de um livro como se estivesse planejando sua campanha publicitária. (DURÃO, 2016, p. 12-13).

Tendo em vista os limites da crítica literária exercida no jornal e na Academia é que a internet se apresenta como um novo suporte que, entretanto, não foge à lógica comercial; aspecto já delineado por Franchetti a respeito do jornal. Para Durão (2016), a prática da crítica literária nos espaços virtuais serve, não raro, como veículo de propaganda de certos escritores e obras:

[...] quando a crítica é submetida à mesma lógica comercial da indústria cultural, o ter-que-dizer antepõe-se ao ter-o-que-dizer. Ela vê-se muitas vezes obrigada a achar o que comentar em objetos que talvez não fossem merecedores de comentário. Se a crítica abre mão da resistência ao ter-que-dizer como a priori, ela converte-se em algo não muito melhor que uma simples propaganda da obra e de sua editora. (DURÃO, 2016, p. 114).

Nesse contexto, pode-se observar diferentes atuações do mercado, que se manifestam, sobretudo, pela contratação de ações de publicidade por parte das editoras e de autores independentes, que vão desde a divulgação da capa e/ou da sinopse de determinado livro nas redes sociais, maior destaque para o Instagram, até a leitura de parte de determinada obra e/ou a publicação de um vídeo com impressões de leitura para o Youtube. Outra prática comum nesses canais de vídeos sobre livros no Youtube é o envio, por parte das editoras, de seus livros recém lançados, os quais aparecem em vídeos intitulados como “bookhall” e/ou de caixa-postal que são publicados mensalmente; nessa prática, no entanto, não ocorre a contratação de um serviço como mencionado anteriormente. Em todas essas situações, o booktub toma o lugar do outdoor; estratégia de marketing ainda responsável por divulgar o que de mais novo há no mercado.

Espaço decorrente das transformações tecnológicas ocorridas no final do século passado, principalmente no que tange à democratização do acesso à rede e ao surgimento de plataformas de comunicação como blogs e redes sociais, a exemplo o Blogger, Orkut, Facebook e Youtube, a internet assemelha-se, portanto, a uma (nova) ágora, no qual os indivíduos têm a possibilidade de se expressarem e construírem linhas de pensamentos de forma coletiva.

É, então, por meio das redes sociais que os usuários encontram a possibilidade de organizarem lócus de interesse comuns, na medida em que surgiram “[...] novas formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos” (CASTELLS, 2003, p. 110). Por favorecer a liberdade de expressão, os indivíduos encontram, ainda, a possibilidade de ampliar suas formas de interação social e, ao mesmo tempo, encontrar um espaço de uso comum e coletivo.

Sendo assim, não é surpreendente verificar que surgiram novos círculos, formados pelos usuários da rede, que se unem para debater assuntos relacionados ao universo literário em diversos sites e redes sociais. Entre eles, pode-se citar os blogs “Literature-se”, criado por Mellory Ferraz, e “Tiny Little Things”, de Tatiana Feltrin, que também se inscrevem em outras plataformas sociais, como canais no Youtube, perfis no Instagram e página no Facebook. No caso de Mellory Ferraz, há também um grupo produzido por ela



no Facebook, em que seus membros compartilham informações, dicas de leitura e realizam o exercício crítico das leituras em curso e/ou finalizadas.

Apesar do exercício crítico praticado nessas plataformas de comunicação ser de base mais impressionista, o leitor (comum) pode estabelecer um canal de comunicação não apenas para manifestar e expor sua opinião, mas também debater com outros leitores. Aspecto que encontra ressonância em considerações de Resende, para quem a literatura “[...] na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação” (2008, p. 18). Também Schøllhammer (2009) enfatiza que a rede alterou a circulação e a recepção do texto literário, bem como a relação entre o escritor e o público:

As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os blogs, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 13).

Diante do exposto, verifica-se que a produção e a circulação de textos literários e da própria crítica se tornaram mais veloz, podendo alcançar tanto o público já interessado em literatura quanto aquele que não possui tanto contato com o universo literário, instigando-o a conhecer e a realizar novas leituras.

Entretanto, a crítica literária na rede é uma faca de dois gumes. Se por um lado a internet é espaço aberto, em que os usuários possuem vasta liberdade para exprimir seu ponto de vista a respeito do que tem lido, por outro, o exercício crítico nas práticas virtuais pode, muitas vezes, ser superficial, como alerta Perrone-Moisés: “[...] a crítica dos blogs assemelha-se à jornalística por seu dinamismo e seu caráter judicativo, mas por ser individual e anárquica carece, frequentemente, de fundamentos sólidos” (2016, p. 61). Outra faceta da internet se encontra na efemeridade das informações publicizadas. Assim, se a força da internet está na sua forte relação com o presente, dado o seu consumo instantâneo e seu caráter intempestivo, os dados exibidos na rede podem se obliterar, seja por falta de atualização contínua, problemas na hospedagem de sites e blogs, ou até mesmo devido à ação de hackers. É por esse motivo que muitos blogs e sites desaparecem no universo de informações que há por detrás das conexões. Nessa perspectiva é que os jornais e livros físicos facilitam a preservação da crítica literária se comparado às práticas virtuais. A seguir, análise do mapeamento da recepção crítica dos volumes da **Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia”**.

3. NAVEGANDO NO MAPEAMENTO

O mapeamento realizado entre 2017 e 2018 da fortuna crítica das três edições de Literatura Marginal da **Revista Caros Amigos** deu-se por meio de pesquisas no Google, a partir de palavras-chave relacionados aos volumes, a exemplo: Ferréz e **Caros Amigos; Literatura Marginal; Talentos da Periferia; A cultura da periferia; Revista Caros Amigos**. Importante dizer que o objetivo da pesquisa foi o resgatar as manifestações críticas do **calor da hora**, entre de 2001 a 2004. Entretanto, também foram consideradas manifestações críticas de 2005, por coincidirem com o lançamento da coletânea intitulada Literatura marginal: talentos da escrita periférica, organizada por Ferréz e publicada em 2005, que reúne textos das três edições em questão.

Ao todo foram encontradas duas publicações em blogs especializados de literatura que, apesar de não tratarem especificamente dos volumes, ambas as postagens apresentam uma densa discussão **sobre a literatura** marginal, citando inclusive as edições da revista, de forma que é possível obter um posicionamento crítico. Quanto ao exercício crítico por leitores não especializados, foram encontradas



duas manifestações no blog do escritor Ferréz.

Os artigos referentes à crítica especializada foram localizados no blog homônimo de **Heloisa Buarque de Hollanda** e são dois: “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” e “Literatura marginal”. O segundo texto mencionado já não se encontra, porém, disponível, uma vez que o blog da pesquisadora passou por alterações, inclusive no link, que passou a se denominar “Heloisa Buarque Projetos”. Desse modo, grande parte do conteúdo antes disponível já não pode ser acessado. Além disso, o artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” foi atualizado na nova versão do portal. Isso demonstra e reforça a efemeridade dos dados na rede; aspecto já discutido na seção anterior deste artigo. Felizmente, ambos os artigos foram salvos previamente. Relevante ressaltar que no blog, de onde inicialmente os artigos foram encontrados, não há referência sobre a data das publicações. Infere-se, no entanto, que os artigos foram publicados no intervalo entre os atos I e II dos volumes especiais **da Caros Amigos**, isto é, entre junho de 2002 e abril de 2004, pois em um trecho do artigo “**Literatura marginal**”, a pesquisadora escreve: “Ferréz organizou dois números especiais da **Revista Caros Amigos** chamados “Literatura Marginal” com que reúnem e divulgam **escritores da periferia**, abrindo espaço para nos talentos locais”.

No artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, a pesquisadora inicia a discussão abordando a intensificação do processo de “favelização” ocorrido nas últimas décadas, ressaltando a importância das manifestações culturais nessas comunidades:

Uma das mais interessantes reações ao recuo do Estado no que diz respeito às políticas sociais, é o caso dos processos de atuação que se desenvolvem na cultura do hip hop tal como vêm sendo praticados nas favelas e comunidades de baixa renda no Brasil.

A seguir, a autora aborda o hip hop para evidenciar que essa manifestação artística adquiriu novas características no Brasil, sendo a principal delas assumir um caráter de “capitalismo cultural”, devido à abertura para o mercado; aspecto que se distancia do local de origem do movimento, a Jamaica. Salienta, também, que aqui os artistas da cultura hip hop passaram a concebê-la como mecanismo para o desenvolvimento social e político nas comunidades. Outra especificidade adquirida em terras nacionais foi que o hip hop passou a agregar em sua forma novas expressões artísticas, como a literatura, associando-se a um projeto educacional que visa à ampliação do acesso ao conhecimento:

Antes de mais nada, é importante esclarecer que o hip-hop, nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, é mais abrangente do que sua forma original norte americana que é composto tradicionalmente pelo rap, grafite, MCs e break dance (bboys). **No Brasil**, o hip hop, além desses, agrega a literatura (uma tendência muito forte e prestigiada do nosso hip hop), algumas formas de competição esportivas como o basket de rua, além do que me parece mais interessante, que é o conhecimento. A partir da necessidade política de valorização da história local e das raízes culturais do hip hop, podemos observar nas comunidades hip hop brasileiras um investimento bastante significativo nas formas de aquisição e produção de conhecimento em formas cada vez mais amplas e diversificadas, incluindo-se aqui um real aumento na taxa de entrada destes artistas em instituições de educação formal de ensino médio e superior

Essa filiação do hip hop à literatura, sobretudo às práticas poéticas do rap, encontram eco nas considerações de Patrocínio (2013) e da própria autora, em artigo intitulado “Crônica marginal”. Assim como o movimento hip hop, a produção literária marginal, segundo Patrocínio (2013), é um discurso de



contestação que aglutina vozes marginalizadas, a fim de produzir uma fala contrária ao estabelecido e, assim, gerar um projeto de resistência e afirmação de uma identidade própria, já que o discurso é construído pelo subalterno. Engajamento político e compromisso social que acabam suscitando o protesto e a conscientização dos indivíduos à margem que, por sua vez, motivam ações culturais pedagógicas “[...] com excelentes resultados para as comunidades pobres” (HOLLANDA, 2014, p. 31). Além disso, ambas as manifestações culturais apresentam um discurso de valorização da identidade periférica e o mesmo teor de crítica social e, por isso, instrumento de denúncia de um cotidiano marcado pela vulnerabilidade e pela desigualdade social. Por isso, continua Hollanda em “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, o movimento artístico das periferias brasileiras possui um cunho intervencionista, que se manifesta no compromisso de dedicar-se à defesa das causas e das experiências dos oprimidos, denunciando as mazelas das comunidades, e em promover mudanças sociais. E, como força dessa (nova) cultura periférica, ela cita o AfroReggae, mundialmente reconhecido pelo seu ativismo por meio da arte, e a produção literária dos escritores periféricos, consumida nas próprias comunidades.

É, então, nesse contexto que a autora aponta para a produção literária desenvolvida na periferia e menciona Ferréz, ressaltando a sua atuação na comunidade de Capão Redondo e, assim, seu ativismo ao ressaltar que o escritor “[...] assume publicamente o compromisso de sua literatura em estilo e em ativismo com o movimento hip hop”. Além disso, ela o caracteriza como “uma forte liderança entre seus “brothers””, referindo-se à organização **das edições da Caros Amigos**, que “[...] reúne diversos **escritores da periferia**, abrindo assim espaço para os talentos locais”; consideração presente nas duas publicações encontradas da estudiosa.

Já no artigo “**Literatura Marginal**”, a pesquisadora evidencia o caráter de autorrepresentatividade **do movimento literário** periférico, afirmando que a partir dele “[...] a própria noção de cultura, e por tabela a de literatura, é forçada a repensar seus parâmetros e até mesmo, – o que mais interessante –, sua função social”. Outros estudiosos da literatura marginal também apontam para a necessidade de rever o estatuto que rege o texto literário quando a produção literária dos **escritores da periferia** são objeto de reflexão. É o caso de Nascimento (2009), para quem “[...] a criação literária é o meio pelo qual os autores estão expressando outras preocupações que não as pertinentes à formalização estética, e que envolvem questões, sociais, culturais e políticas” (NASCIMENTO, 2009, p. 165). Ou, ainda, Patrocínio (2013), que define a literatura marginal como “[...] ferramenta para o estabelecimento de uma compreensão de estruturas sociais desiguais e para denunciar situações de vulnerabilidade sofridas pelos residentes em favelas e bairros de periferia” (PATROCÍNIO, 2013, p. 49) e, por isso, deve ser lida segundo “[...] uma chave de leitura que possibilite uma análise conjugada: ler no texto literário a presença do sentido político e social do movimento” (PATROCÍNIO, 2013, p. 51). Sob essa ótica, a literatura marginal deve ser avaliada, principalmente, por meio de sua orientação política, social e ética, em detrimento de sua dimensão estética: “[...] na estruturação desse novo grupo, o estético foi colocado em segundo plano, não negligenciado, mas é suprimido pela importância conferida à ética” (PATROCÍNIO, 2013, p. 39). Nessa perspectiva é que, segundo Hollanda, **a literatura periférica** institui um novo cânone que estaria “[...] em processo de gestação”. Em artigo já aqui referenciado, “Crônica marginal”, a autora reitera essa percepção quando destaca que a publicação de Cidade de Deus, de Paulo Lins, em 1997, funda não apenas “[...] um formato narrativo-descritivo de ação que vai marcar a estética do final do século na literatura, na TV e no cinema” (HOLLANDA, 2014, p. 29), mas também um “novo cânone” (HOLLANDA, 2014, p. 29). Ponto de vista partilhado por Patrocínio (2013), que compreende a obra de Lins como uma espécie de marco inaugural do movimento de autores periféricos; caminho aberto que “[...] está sendo percorrido por inúmeros autores da periferia, como Ferréz, Allan Santos Rosa, Sérgio Vaz, Sacolinha,



Alexandre Buzo e Rodrigo Ciríaco, para citar os mais representativos” (PATROCÍNIO, 2013, p. 15). Além da autorrepresentatividade, a estudiosa também põe em relevo o olhar para o que ela chama de “interior” dos escritos marginais, que possibilita “[...] pela primeira vez [...] uma detalhada anatomia do cotidiano da miséria e do crime no Brasil, agora com as cores da experiência vivida” e que, por isso, “[...] já não se trata mais da favela idealizada”. Esse olhar de dentro produzida por esses autores, baseada nas cores da experiência vivida e materializada nos textos literários, caracteriza um dos elementos configuradores mais relevantes da literatura marginal periférica, conforme assinalado anteriormente. Não por acaso, o retrato gerado pela ficcionalização dos traços autobiográficos dificulta a separação do que é ficcional e do que é biográfico, o que, não raro, dá aos escritos marginais um caráter documental; procedimento que visa ao desenvolvimento de uma consciência identitária coletiva dos sujeitos que vivem nas periferias, como aponta Patrocínio :

O objetivo, claramente ancorado em um engajamento através da literatura, aponta para o desejo de formar um povo que se configura de forma anômala, espreado nas margens urbanas. A formação desse povo marginalizado se dá na sua ficcionalização, empreendendo para isso o resgate de elementos reais e fatos concretos. Nessa articulação, entre ficção e realidade, o povo é reinventado, favorecendo a construção identitária a partir de um discurso de afirmação. (2013, p. 59).

É, então, na busca por retratar a realidade e a experiência marginais, que o diálogo entre o ficcional e a realidade se concretiza, contribuindo, dessa forma, para a construção identitária da própria periferia, sem, entretanto, abrir mão da denúncia, já que a literatura marginal é uma enunciação marcada por um forte apelo político e social, não se reduzindo “[...] ao literário, expande-se e passa a observar o seu sentido político, social e cultural” (PATROCÍNIO, 2013, p. 50).

Para finalizar as discussões de “Literatura Marginal”, Hollanda revisita questões importantes já apresentadas, como a ocupação da cena literária pelas vozes marginais e o novo processo de mediação de suas realidades, já que em vez de objeto de discurso, os periféricos passam a ser sujeitos de discurso: “[...] estamos aprendendo que em vez de interpretar demandas e traduzir diretamente culturas devemos exercer o papel de negociadores que possam relativizar nossos espaços de fala”. Ela, também, expõe o impacto causado por essa produção literária no cenário cultural brasileiro, que possibilita repensar “[...] o que seria uma cultura ‘alta’ e uma cultura ‘baixa’ seja ela uma cultura de massa ou popular”. Apontamento que sinaliza para o deslocamento das esferas do saber e do poder no âmbito das práticas histórico-culturais, afinal, a produção intelectual epistemológica e cultural não fica mais restrita a um grupo minoritário. Por último, a pesquisadora encerra o texto dando seu parecer em relação a essas novas vozes : “[...] e, finalmente, gostaria de passar para vocês o entusiasmo que estou vivendo com esse momento meio assustador, mas certamente atraente”. Logo, verifica-se que Hollanda possui uma visão positiva em relação a essa linha de força da produção literária contemporânea. Vale ressaltar que a recepção entusiasmada dos textos oriundos de **escritores da periferia** se mantém presente mesmo depois de mais de uma década da publicação dos volumes especiais **da Caros Amigos**, haja vista, por exemplo, o sucesso de crítica e de público do livro *O sol na cabeça*, de Giovani Martins, publicado em 2018, recentemente indicado ao Prêmio Jabuti na categoria conto; autor que toma para si a alcunha de escritor periférico.

No que se refere às manifestações críticas não vinculadas à crítica especializada, foram localizados dois comentários no blog pessoal de Ferréz, publicados em 2005. Apesar de não coincidirem com o lançamento dos atos, estão temporalmente situados no período da publicação da coletânea *Literatura*



marginal: talentos da escrita periférica, que reúne alguns escritos das três edições. No primeiro comentário, um morador da periferia apresenta seu ponto de vista sobre o livro *Capão Pecado*, de Ferréz (2000): “[...] tempos atrás li o capão pecado e particularmente não gostei muito (achei um tanto apelativo em relação a sociedade) antes que você pense algo, também sou da periferia”. Entende-se que é a partir da estratégia narrativa da produção literária marginal de colocar o próprio excluído para narrar a sua história e a dos seus iguais, o que, não raro, reverbera uma relação direta com o mundo (realidade elevada à máxima potência), conferindo ao texto certa referencialidade, que se pode ler as ponderações desse leitor. A busca pela autenticidade da “vida como ela é” dos escritos marginais pode ter motivado o leitor a chamar de “apelativo” o retrato social da periferia figurado por Ferréz em *Capão Pecado*. E acrescenta: “[...] espero que não se sinta ofendido pela crítica, é apenas minha humilde opinião, além do mais eu penso o seguinte ‘quem é competente, não tem medo de críticas’”.

O internauta também revela seu posicionamento quanto à publicação da coletânea organizada por Ferréz, em 2005, que reuniu parte dos textos dados à público pelas **edições da Caros Amigos**: “[...] achei bem legal isso, quando eu li a primeira vez já havia achado muito boa as idéias publicadas na revista”. Evidencia, ainda, certo preconceito e descrença por parte da sociedade em relação aos escritores oriundos da periferia, incluindo-se entre eles: “É engraçado o quanto ninguém dá nada para você quando você é da periferia não é mesmo? [...] eles pensam que você é burro, não conhece nada e adoram dar uma de Pseudos Intelectuais”. Por fim, informa que possui um blog e convida Ferréz a acessá-lo:

[...] gostaria que lesse meu blog e me respondesse [...] ignore este blog do Blogspot [...] eu pretendo logo fazer um blog com uma ideologia mais séria, pois este blog que estou usando é mais uma espécie de “passatempo”, afinal eu publico de tudo um pouco lá.

A citação acima corrobora aspecto anteriormente destacado e que se refere à possibilidade de o usuário comum da internet criar plataformas para produzir conteúdo e/ou manifestar-se criticamente sobre literatura, não sendo necessário que seja especialista na área para realizar tal exercício.

O segundo comentário foi realizado por uma estudante de Letras, e versa a respeito da forma em que teve acesso à produção de Ferréz: “Oi Ferréz você não me conhece e eu pouco lhe conheço mas já sou uma fã e leitora, tive acesso à seus textos através **da caros amigos**, incrível essa revista”. A seguir, acrescenta: “Estou 2º ano **do curso de Letras** aqui perto de minha cidade, já levei textos seus para apresentação de trabalhos, quero pesquisá-los, será meu tema de conclusão de curso”. E finaliza seu comentário dizendo: “A partir de agora mantereire sempre o contato e vou sentir-me honrada quando concluir meu trabalho e ele for um grande sucesso, pois o tema já é”. Com base nesse comentário, verifica-se que os três volumes do suplemento “**Literatura Marginal – A Cultura da Periferia** Ato I, Ato II e Ato III”, publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004 pela **revista Caros Amigos**, atuam como caminho condutor para outras leituras do movimento, ao mesmo tempo que revela a inserção das vozes marginais periféricas no espaço universitário, o que possibilita travar debates mais densos sobre a produção marginal.

No site Memorial da democracia foi encontrada outra publicação intitulada “LITERATURA MARGINAL' É A VOZ DA PERIFERIA” que, embora não trate especificamente **das edições da Caros Amigos**, aborda a coletânea *Literatura marginal: talentos da escrita periférica* que, conforme destacado anteriormente, foi gerada a partir da publicação **dos três atos**. Para o leitor, o livro organizado por Ferréz pode ser considerada como “[...] referência na literatura brasileira do início do século 21, marcada pelo protagonismo de autores da periferia”. Além disso, destaca a linguagem dos escritos marginais: “A linguagem marginal se relaciona, portanto, com **a cultura da periferia** e com a valorização de seu



vocabulário e de sua própria dicção”. Antes de finalizar o texto, aborda a fratura promovida pelos escritores periféricos no campo literário hegemônico, colocando em relevo o olhar “de dentro” dessas publicações por colocar o marginalizado como sujeito da sua própria história: “Nesse movimento, a periferia tomaria para si o poder de narrar e produzir discursos. Não se trata, porém, de um “retrato da periferia”, mas da periferia tirando as suas próprias fotos”. Esta última citação demonstra que o leitor não apenas a leu a coletânea de contos e poemas, como também o texto introdutório da antologia, intitulado “Terrorismo Literário”, uma vez que faz paráfrase das palavras de Ferréz: “Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita em carvão, a regra é só uma, mostrar a cara. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (FERRÉZ, 2005, p. 9).

Vale destacar que foram encontrados alguns materiais que, apesar de também não estarem relacionados especificamente aos volumes **da Caros Amigos**, estão relacionados à literatura marginal periférica. É o caso de um vídeo no Youtube de entrevista concedida por Ferréz, Alessandro Buzo e Erton Moraes e transmitida pelo extinto programa “Jogo de Ideias”, em 2005, e que trata sobre o lançamento da coletânea de contos. Também uma comunidade denominada “**Literatura Marginal**”, no Orkut, que já se encontrava indisponível quando da elaboração deste artigo; aspecto que reforça a efemeridade das informações difundidas pela internet. Nela, os usuários da rede trocavam indicações de leitura, realizavam o exercício crítico e divulgavam suas produções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que os volumes especiais da literatura marginal na **Revista Caros Amigos** não passaram despercebidos, o que concorre para reforçar a visibilidade granjeada pelos autores periféricos. Não obstante consideração de Dalcastagnè (2012), que observa a invisibilização desses escritores na imprensa prestigiada e de grande circulação. Aspecto que felizmente não se aplica aos volumes aqui discutidos, como problematizado no artigo intitulado “**Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições da Caros Amigos ‘Literatura marginal - A cultura da periferia’**”, que analisa a **recepção crítica no calor da hora dos três atos** em jornais de circulação nacional.. Segundo Brandileone e Martins (2018), **os recortes jornalísticos publicados em O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo concorrem para comprovar que o movimento literário marginal se fez ouvir, fazendo-se ecoar não apenas pelos seus pares**. O levantamento dessas manifestações críticas discutidas pelas autoras não exclui, entretanto, as problemáticas levantadas por Dalcastagnè (2012), que envolvem o apagamento de autores e obras periféricas, ainda que representem um passo importante rumo a ocupação de vozes subalternizadas da **cena literária brasileira**.

A partir do mapeamento da recepção crítica dos volumes especiais **da Caros Amigos**, pode-se verificar que a internet apresenta-se como um fértil suporte para a atuação do exercício da crítica literária, seja por meio da crítica especializada, a exemplo da pesquisadora Heloísa **Buarque de Holanda**, que discute a respeito **do movimento literário** periférico de forma mais sistematizada, seja por parte dos leitores “comuns”, que encontram, na rede, espaço para manifestarem suas opiniões sobre os textos literários, ao mesmo tempo que possibilita a interação e a troca de experiências com outros leitores. Importante considerar que, embora os comentários recolhidos no blog de Ferréz não forneçam uma discussão mais densa sobre o **movimento literário marginal**, apresentam uma visão bastante particular e peculiar sobre as edições, fator de grande relevância porque evidencia a sua recepção por indivíduos que pertencem a diferentes grupos e esferas sociais.

Pode-se, ainda, constatar que a internet, hoje, também se configura como espaço de produção literária,



devido ao surgimento de projetos independentes de escritores nas plataformas sociais, cuja experimentação literária servem como termômetro de repercussão dos textos ou primeiro campo de publicação. Nesse contexto, convém mencionar os sites de financiamento coletivo, a exemplo da plataforma Catarse, que é uma espécie de “vaquinha” online que subsidia a publicação de livros de autores que procuram espaço **na cena literária** nacional. Ao mesmo tempo, a web caracteriza-se como veículo para a divulgação de obras, que não foge das garras do mercado, como é o caso das ações de publicidades vendidas pelos booktubers. Por fim, a rede possibilita um espaço de debate sobre a produção literária, em que os comentários dos internautas, seus likes e deslikes, bem como demais formas de reação, são ansiosamente aguardadas pelos autores, muitas vezes ponto de partida para a manifestação da crítica especializada.

5 REFERÊNCIAS

- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos. In: OLIVEIRA, Vanderléia da Silva; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Desafios contemporâneos: a escrita do agora. São Paulo: AnnaBlume, 2013. p.17-33.**
- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Férrez e a escrita do testemunho. Navegação, Porto Alegre, vol.7, no.1, p.23-30. jan./jun. 2014.**
- BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.**
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato I. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, ago. 2001.**
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato II. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, jun. 2002.**
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato III. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, abr. 2004.**
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.**
- CORREIA, Almir Aquino (org). Ciberespaço: mistificação e paranóia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.**
- DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. Iberic@I Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, Paris, n. 2, p. 13-18, 2012. Disponível em : <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em 20 jul. 2020.**
- DURÃO, Fábio Akcelrud. O que é crítica literária?. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.**
- FERRÉZ. Capão pecado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005a.**



FERRÉZ, (org). Terrorismo Literário. In: Literatura Marginal: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005b.

FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A política do hip hop nas favelas brasileiras. Disponível em: <<https://www.heloisabuarquedehollanda.com/periferia>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “Crônica marginal”. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRA, Ettore. Possibilidades da Nova Escrita Literária no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2014. p. 25-38.

LINS, Paulo. Cidade de Deus. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARTINS, Geovani. O sol na cabeça. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

MARTINS, Maria Luiza Navarro; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições da Caros Amigos “Literatura marginal - A cultura da periferia”. Revista Crioula, São Paulo, no.21, p.67-88, jan./jul. 2018.

Memorial da democracia. 'Literatura marginal' é a voz da periferia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/a-periferia-por-ela-mesma>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Vozes marginais na literatura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A crítica literária. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das letras, 2016. p. 60-69.

RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Title

@Peripheral_Literature: the critical reception of the special volumes of Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura Da Periferia” on internet.

Abstract

Diversity stands out as a feature of contemporary Brazilian fiction, present in multiple forms: tones, themes and, especially, multiple convictions about what literature is (RESENDE, 2008). In this context, the



occupation of the literary scene by voices that were once on the fringes of national artistic production is earning importance. This aspect is in line with the changes that have occurred in the post-modern period, especially those related to the field of communication, whom the Internet has changed our way of being in the world, which includes literary practices. In view of this, the network becomes a new and important support for the production, dissemination and critical exercise of literature. Based on these aspects, and taking as a basis the theoretical assumptions discussed by Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013) and Resende (2008), among other scholars, this paper aims to discuss the critical reception of Caros Amigos' special volumes entitled "**Literatura Marginal – A Cultura da Periferia**" on internet. As a result, it is observed that, although timidly, the exercise of critical reception of these editions was not absent from the internet, contributing to the strengthening of the visibility of the political-literary project idealized and developed by peripheral writers.

Keywords

Critical reception; Internet; Marginal literature; Caros Amigos – "**A cultura da periferia**" magazine.

Recebido em:

Aceito em



=====
Arquivo 1: [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#) (6257 termos)

Arquivo 2: <http://blog.ferrezescritor.com.br/2005/08/literatura-marginal.html> (1213 termos)

Termos comuns: 147

Similaridade: 2%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento <http://blog.ferrezescritor.com.br/2005/08/literatura-marginal.html>

=====

@LITERATURA_PERIFÉRICA: A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS EDIÇÕES DA CAROS AMIGOS
“LITERATURA MARGINAL – A CULTURA DA PERIFERIA” - NA INTERNET .

RESUMO: A diversidade destaca-se como característica marcante da ficção brasileira contemporânea, presente em múltiplas formas, tons, temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura (RESENDE, 2008). Neste contexto, ganha relevo a ocupação da cena literária protagonizada por vozes que, antes, se encontravam à margem da produção literária nacional. Esse aspecto está alinhado a mudanças ocorridas no período pós-moderno, entre elas as relacionadas ao campo da comunicação, no qual a internet alterou o modo de ser e estar no mundo, o que inclui as práticas literárias. Diante disso, a rede passa a ser um novo e importante suporte para a produção, a divulgação e o exercício crítico do fazer literário. A partir do exposto e tomando como base os pressupostos teóricos abordados por Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013), Resende (2008), entre outros estudiosos, o presente artigo tem por objetivo analisar a recepção crítica na internet das edições Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”, que são um marco para a consolidação do movimento literário marginal periférico. Como resultado do estudo, observa-se que, embora de forma tímida, o exercício de recepção crítica das edições não se fez ausente na rede, contribuindo para o fortalecimento do projeto político-literário idealizado e desenvolvido pelos escritores da periferia.

PALAVRAS-CHAVE: recepção crítica; internet; literatura marginal; revista Caros Amigos – A cultura da periferia.

1 INTRODUÇÃO

Decorrente da emergência de novas vozes na ficção brasileira contemporânea, até recentemente afastadas do universo literário, surgiu a expressão artística que vem da periferia dos grandes centros urbanos brasileiros, a literatura marginal, que “[...] procura refletir os aspectos mais inumanos e marginalizados de nossa realidade social” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 99). Passo importante rumo à democratização do campo literário, até então não formatado para ser protagonizado por indivíduos que não pertencem aos nichos de poder. Afinal, como aponta Dalcastagnè (2012, p. 13): “[...] a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele”.

Dessa forma, se outrora havia vozes que buscavam falar em “nome deles”, agora é do próprio sujeito periférico que deve emergir a denúncia, o protesto, tornando-se, assim, agente de sua própria história (BRANDILEONE, 2013, p. 26). Em outras palavras, a voz que narra não é de alguém que olha de fora, a



contar do outro, mas de uma perspectiva de dentro; identidade **da literatura marginal**, segundo Ferréz:

A Literatura Marginal sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. (FERRÉZ, 2005b, p. 12).

É, então, dessa “margem” que os escritores marginais granjeiam o seu lugar de fala para vociferarem sobre suas próprias realidades. Entre os expoentes do movimento estão Paulo Lins (2002) e Ferréz (2005a), que publicaram, respectivamente *Cidade de Deus* e *Capão Pecado*.

A literatura marginal está assentada em uma produção literária que encontra nos princípios socioeconômico e geográfico, seu fator de reconhecimento, segundo Patrocínio (2013). Por isso, segundo o autor, um dos elementos mais importantes para a identificação desse grupo, que reúne escritores da periferia, é a territorialidade do texto, seja porque a periferia torna-se o cenário das narrativas, seja pelo fato de seus autores residirem em espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões.

O termo, ainda, designa uma literatura que se propõe a intervir no modelo de produção literária praticado pelo sujeito burguês: “Nesses termos, passa a ser denominada não apenas a literatura que está à margem, mas aquela que se coloca à margem enquanto proposta de intervenção literária que busca uma sombra na modelação do sujeito burguês” (PATROCÍNIO, 2013, p. 27). Não por acaso, **a literatura marginal** leva para o centro da discussão a realidade de violência e de vulnerabilidade social sofrida pelos sujeitos periféricos, que narram a partir de suas próprias experiências de vida. Sob esta perspectiva, opera segundo um caráter híbrido, entre o referencial, dado pelo discurso biográfico do autor, que utiliza a sua própria trajetória de vida como matéria fundante de sua produção ficcional, e o discurso propriamente ficcional da narrativa.

É fruto desse movimento os três volumes da Revista *Caros Amigos - Literatura Marginal*: “A cultura da periferia” que, organizados por Ferréz, em parceria com a Editora Casa Amarela, foram publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004. Esses volumes são compreendidos, por estudiosos, como um marco na formação e estruturação de um projeto literário coletivo, cujo objetivo era reunir as diversas vozes das periferias. É o caso de Patrocínio, para quem as edições especiais da *Caros Amigos* favoreceram “[...] a formação de um espaço discursivo próprio dentro da série literária hegemônica” (2013, p.16).

Também para Nascimento (2009), os três atos propiciaram a apropriação e a legitimação de um novo sentido para o adjetivo marginal, qualificando uma nova vertente literária no panorama contemporâneo. Além disso, foram porta de entrada para a inserção de diversos escritores da periferia na cena literária brasileira (NASCIMENTO, 2009). Já para Holanda (2014), os números especiais da revista são “[...] seminais, no sentido de que *Caros Amigos* tem uma circulação mais ampla e diversificada, tem a atenção dos antenados, uma boa distribuição, e me parece que foi aí, nesses números especiais, que nasceu e se firmou a noção de literatura marginal como a nova expressão literária das periferias” (HOLLANDA, 2014, p. 33).

Compostos de poemas, contos, crônicas e **letras de rap**, os atos possuem a marca de 48 escritores e rappers, provenientes das grandes periferias urbanas, principalmente **de São Paulo** e do Rio de Janeiro. Vale destacar que a distribuição das revistas foi realizada, de forma gratuita, nos bairros das comunidades, como apontado por Nascimento (2009); fator que evidencia o lema dessas produções: uma literatura da periferia para a própria periferia. Logo, esses textos estabelecem um diálogo contínuo com as comunidades em que vivem e tematizam assuntos relacionados ao seu cotidiano, como, por exemplo, a



violência e a falta de estrutura, que afeta a sobrevivência e a subsistência dos moradores (NASCIMENTO, 2009).

Considerando a relevância dessa coletânea para firmar e afirmar a expressão literária vinda das periferias e, assim, edificar um projeto literário de cunho inédito, é que surgiu o interesse em investigar a recepção crítica desses volumes na internet. De um lado para identificar o espaço que esses volumes obtiveram na cena literária brasileira, já que se inscreveram como marco para afiançar e consolidar o movimento literário marginal e, de outro, verificar a sua ressonância em outro suporte, que não o jornal; lócus até então institucionalizado para o exercício da crítica literária, mas que tem, paulatinamente, deixado de ser o principal meio de difusão da literatura.

Sabe-se que o advento da internet e da tecnologia eletrônica aplicada à literatura, por meio da apropriação de novos dispositivos, tornou a circulação de textos muito mais fácil e rápida, bem como vitrine para novos autores, o que “[...] possibilitou o aparecimento de milhares de novos leitores críticos, de competência variada, em sites ou em blogs” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 68). Além disso, o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, uma vez que o processo de criação literária se tornou um processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor. Desse modo, o texto literário ganhou uma nova dimensão não só pela velocidade da criação, mas também pela transmissão e recepção dos textos, muitas vezes associada a debates inflamados sobre textos e autores (CORRÊA, 2008). Aspecto que se pretende esquadrihar, a partir do mapeamento da recepção crítica, os três atos de “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia” em blogs e demais práticas da internet. O presente trabalho está organizado em duas seções: na primeira, contextualiza-se a respeito da manifestação da crítica literária na internet e no fortalecimento das práticas virtuais na recepção e divulgação dos autores e textos literários. Em seguida, na última seção, análise do mapeamento da fortuna crítica, a fim de evidenciar a repercussão dos referidos volumes na internet.

2 A CRÍTICA LITERÁRIA ENTRE FIOS E CONEXÕES

Desde o advento do jornalismo no Brasil, em meados do século XIX, a literatura ganhou espaço privilegiado e, por isso, a crítica literária era aguardada (e temida) com expectativa por escritores e editores. De um lado porque o jornal tornou-se o principal veículo de divulgação do literário, seja através da publicação de obras literárias, notícia de lançamentos de livros, notas sobre escritores e obras ou, ainda, por exercer a função de difundir artigos críticos, resenhas e entrevistas. Por outro lado, prestou-se como fonte de renda para os escritores, concedendo-lhes não só condições mínimas de independência econômica, mas também os libertando, ainda que provisoriamente, das demandas éticas e estéticas dos mecenas (BORDIEU, 2009). Desse modo, o jornal configurou-se como prestigiada instância de legitimação de escritores e de suas obras.

Atualmente, no entanto, pode-se verificar o paulatino apagamento da crítica literária nos jornais, ficando restrita aos poucos suplementos literários que ainda resistem, como é o caso do Jornal Rascunho, Cândido e o Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco ou, então, aos cadernos culturais de circulação em massa que, atualmente, estão mais à serviço do colunismo social que do exercício propriamente da crítica literária (FRANCHETTI, 2005). Já a crítica literária produzida nas universidades, ficam, em sua grande maioria, encastelada nelas mesmas, sobrevivendo bravamente, sem sucumbir. Essas constatações encontram eco em Durão (2016), que evidencia as fragilidades da crítica literária contemporânea, tanto da crítica acadêmica quando da crítica praticada no jornal:



Quando postas lado a lado, a crítica acadêmica e a crítica de jornal deixam entrever suas fraquezas: por não ter um compromisso direto com o receptor, a crítica acadêmica é muitas vezes abstrusa e desnecessariamente difícil, a desproporção entre a produção e o uso – centenas e centenas de livros e milhares de artigos científicos não têm mais do que meia dúzia de leitores cada [...] Já a crítica de jornal parece estar cada vez mais incluída em uma lógica de mercado. Isso se manifesta em uma tendência para beneficiar a superficialidade, reduzir o espaço de reflexo e ignorar aquele desinteresse sem o qual a crítica alguma pode ser exercida: no limite, o jornal pode fazer o comentário de um livro como se estivesse planejando sua campanha publicitária. (DURÃO, 2016, p. 12-13).

Tendo em vista os limites da crítica literária exercida no jornal e na Academia é que a internet se apresenta como um novo suporte que, entretanto, não foge à lógica comercial; aspecto já delineado por Franchetti a respeito do jornal. Para Durão (2016), a prática da crítica literária nos espaços virtuais serve, não raro, como veículo de propaganda de certos escritores e obras:

[...] quando a crítica é submetida à mesma lógica comercial da indústria cultural, o ter-que-dizer antepõe-se ao ter-o-que-dizer. Ela vê-se muitas vezes obrigada a achar o que comentar em objetos que talvez não fossem merecedores de comentário. Se a crítica abre mão da resistência ao ter-que-dizer como a priori, ela converte-se em algo não muito melhor que uma simples propaganda da obra e de sua editora. (DURÃO, 2016, p. 114).

Nesse contexto, pode-se observar diferentes atuações do mercado, que se manifestam, sobretudo, pela contratação de ações de publicidade por parte das editoras e de autores independentes, que vão desde a divulgação da capa e/ou da sinopse de determinado livro nas redes sociais, maior destaque para o Instagram, até a leitura de parte de determinada obra e/ou a publicação de um vídeo com impressões de leitura para o Youtube. Outra prática comum nesses canais de vídeos sobre livros no Youtube é o envio, por parte das editoras, de seus livros recém lançados, os quais aparecem em vídeos intitulados como “bookhall” e/ou de caixa-postal que são publicados mensalmente; nessa prática, no entanto, não ocorre a contratação de um serviço como mencionado anteriormente. Em todas essas situações, o booktub toma o lugar do outdoor; estratégia de marketing ainda responsável por divulgar o que de mais novo há no mercado.

Espaço decorrente das transformações tecnológicas ocorridas no final do século passado, principalmente no que tange à democratização do acesso à rede e ao surgimento de plataformas de comunicação como blogs e redes sociais, a exemplo o Blogger, Orkut, Facebook e Youtube, a internet assemelha-se, portanto, a uma (nova) ágora, no qual os indivíduos têm a possibilidade de se expressarem e construir linhas de pensamentos de forma coletiva.

É, então, por meio das redes sociais que os usuários encontram a possibilidade de organizarem lócus de interesse comuns, na medida em que surgiram “[...] novas formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos” (CASTELLS, 2003, p. 110). Por favorecer a liberdade de expressão, os indivíduos encontram, ainda, a possibilidade de ampliar suas formas de interação social e, ao mesmo tempo, encontrar um espaço de uso comum e coletivo.

Sendo assim, não é surpreendente verificar que surgiram novos círculos, formados pelos usuários da rede, que se unem para debater assuntos relacionados ao universo literário em diversos sites e redes sociais. Entre eles, pode-se citar os blogs “Literature-se”, criado por Mellory Ferraz, e “Tiny Little Things”, de Tatiana Feltrin, que também se inscrevem em outras plataformas sociais, como canais no Youtube, perfis



no Instagram e página no Facebook . No caso de Mellory Ferraz, há também um grupo produzido por ela no Facebook, em que seus membros compartilham informações, dicas de leitura e realizam o exercício crítico das leituras em curso e/ou finalizadas.

Apesar do exercício crítico praticado nessas plataformas de comunicação ser de base mais impressionista , o leitor (comum) pode estabelecer um canal de comunicação não apenas para manifestar e expor sua opinião, mas também debater com outros leitores. Aspecto que encontra ressonância em considerações de Resende, para quem a literatura “[...] na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação” (2008, p. 18). Também Schøllhammer (2009) enfatiza que a rede alterou a circulação e a recepção do texto literário, bem como a relação entre o escritor e o público:

As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os blogs, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 13).

Diante do exposto, verifica-se que a produção e a circulação de textos literários e da própria crítica se tornaram mais veloz, podendo alcançar tanto o público já interessado em literatura quanto aquele que não possui tanto contato com o universo literário, instigando-o a conhecer e a realizar novas leituras. Entretanto, a crítica literária na rede é uma faca de dois gumes. Se por um lado a internet é espaço aberto , em que os usuários possuem vasta liberdade para exprimir seu ponto de vista a respeito do que tem lido, por outro, o exercício crítico nas práticas virtuais pode, muitas vezes, ser superficial, como alerta Perrone-Moisés: “[...] a crítica dos blogs assemelha-se à jornalística por seu dinamismo e seu caráter judicativo, mas por ser individual e anárquica carece, frequentemente, de fundamentos sólidos” (2016, p. 61). Outra faceta da internet se encontra na efemeridade das informações publicizadas. Assim, se a força da internet está na sua forte relação com o presente, dado o seu consumo instantâneo e seu caráter intempestivo, os dados exibidos na rede podem se obliterar, seja por falta de atualização contínua, problemas na hospedagem de sites e blogs, ou até mesmo devido à ação de hackers. É por esse motivo que muitos blogs e sites desaparecem no universo de informações que há por detrás das conexões. Nessa perspectiva é que os jornais e livros físicos facilitam a preservação da crítica literária se comparado às práticas virtuais. A seguir, análise do mapeamento da recepção crítica dos volumes da Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia”.

3. NAVEGANDO NO MAPEAMENTO

O mapeamento realizado entre 2017 e 2018 da fortuna crítica das três edições de Literatura Marginal da Revista Caros Amigos deu-se por meio de pesquisas no Google, a partir de palavras-chave relacionados aos volumes, a exemplo: Ferréz e Caros Amigos; Literatura Marginal; Talentos da Periferia; A cultura da periferia; Revista Caros Amigos. Importante dizer que o objetivo da pesquisa foi o resgatar as manifestações críticas do calor da hora, entre de 2001 a 2004. Entretanto, também foram consideradas manifestações críticas de 2005, por coincidirem com o lançamento da coletânea intitulada Literatura marginal: talentos da escrita periférica, organizada por Ferréz e publicada em 2005, que reúne textos das três edições em questão.

Ao todo foram encontradas duas publicações em blogs especializados de literatura que, apesar de não tratarem especificamente dos volumes, ambas as postagens apresentam uma densa discussão sobre **a literatura marginal**, citando inclusive as edições da revista, de forma que é possível obter um



posicionamento crítico. Quanto ao exercício crítico por leitores não especializados, foram encontradas duas manifestações no **blog do escritor Ferréz**.

Os artigos referentes à crítica especializada foram localizados no blog homônimo de Heloisa Buarque de Hollanda e são dois: “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” e “Literatura marginal”. O segundo texto mencionado já não se encontra, porém, disponível, uma vez que o blog da pesquisadora passou por alterações, inclusive no link, que passou a se denominar “Heloisa Buarque Projetos”. Desse modo, grande parte do conteúdo antes disponível já não pode ser acessado. Além disso, o artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” foi atualizado na nova versão do portal. Isso demonstra e reforça a efemeridade dos dados na rede; aspecto já discutido na seção anterior deste artigo. Felizmente, ambos os artigos foram salvos previamente. Relevante ressaltar que no blog, de onde inicialmente os artigos foram encontrados, não há referência sobre a data das publicações. Infere-se, no entanto, que os artigos foram publicados no intervalo entre os atos I e II dos volumes especiais da Caros Amigos, isto é, entre junho de 2002 e abril de 2004, pois em um trecho do artigo “Literatura marginal”, a pesquisadora escreve: “Ferréz organizou dois números especiais da Revista Caros Amigos chamados “Literatura Marginal” com que reúnem e divulgam escritores da periferia, abrindo espaço para nos talentos locais”.

No artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, a pesquisadora inicia a discussão abordando a intensificação do processo de “favelização” ocorrido nas últimas décadas, ressaltando a importância das manifestações culturais nessas comunidades:

Uma das mais interessantes reações ao recuo do Estado no que diz respeito às políticas sociais, é o caso dos processos de atuação que se desenvolvem na cultura do hip hop tal como vêm sendo praticados nas favelas e comunidades de baixa renda no Brasil.

A seguir, a autora aborda o hip hop para evidenciar que essa manifestação artística adquiriu novas características no Brasil, sendo a principal delas assumir um caráter de “capitalismo cultural”, devido à abertura para o mercado; aspecto que se distancia do local de origem do movimento, a Jamaica. Salienta, também, que aqui os artistas da cultura hip hop passaram a concebê-la como mecanismo para o desenvolvimento social e político nas comunidades. Outra especificidade adquirida em terras nacionais foi que o hip hop passou a agregar em sua forma novas expressões artísticas, como a literatura, associando-se a um projeto educacional que visa à ampliação do acesso ao conhecimento:

Antes de mais nada, é importante esclarecer que o hip-hop, nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, é mais abrangente do que sua forma original norte americana que é composto tradicionalmente pelo rap, grafite, MCs e break dance (bboys). No Brasil, o hip hop, além desses, agrega a literatura (uma tendência muito forte e prestigiada do nosso hip hop), algumas formas de competição esportivas como o basket de rua, além do que me parece mais interessante, que é o conhecimento. A partir da necessidade política de valorização da história local e das raízes culturais do hip hop, podemos observar nas comunidades hip hop brasileiras um investimento bastante significativo nas formas de aquisição e produção de conhecimento em formas cada vez mais amplas e diversificadas, incluindo-se aqui um real aumento na taxa de entrada destes artistas em instituições de educação formal de ensino médio e superior

Essa filiação do hip hop à literatura, sobretudo às práticas poéticas do rap, encontram eco nas considerações de Patrocínio (2013) e da própria autora, em artigo intitulado “Crônica marginal”. Assim



como o movimento hip hop, a produção literária marginal, segundo Patrocínio (2013), é um discurso de contestação que aglutina vozes marginalizadas, a fim de produzir uma fala contrária ao estabelecido e, assim, gerar um projeto de resistência e afirmação de uma identidade própria, já que o discurso é construído pelo subalterno. Engajamento político e compromisso social que acabam suscitando o protesto e a conscientização dos indivíduos à margem que, por sua vez, motivam ações culturais pedagógicas “[...] com excelentes resultados para as comunidades pobres” (HOLLANDA, 2014, p. 31). Além disso, ambas as manifestações culturais apresentam um discurso de valorização da identidade periférica e o mesmo teor de crítica social e, por isso, instrumento de denúncia de um cotidiano marcado pela vulnerabilidade e pela desigualdade social. Por isso, continua Hollanda em “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, o movimento artístico das periferias brasileiras possui um cunho intervencionista, que se manifesta no compromisso de dedicar-se à defesa das causas e das experiências dos oprimidos, denunciando as mazelas das comunidades, e em promover mudanças sociais. E, como força dessa (nova) cultura periférica, ela cita o AfroReggae, mundialmente reconhecido pelo seu ativismo por meio da arte, e a produção literária dos escritores periféricos, consumida nas próprias comunidades.

É, então, nesse contexto que a autora aponta para a produção literária desenvolvida na periferia e menciona Ferréz, ressaltando a sua atuação na comunidade de Capão Redondo e, assim, seu ativismo ao ressaltar que o escritor “[...] assume publicamente o compromisso de sua literatura em estilo e em ativismo com o movimento hip hop”. Além disso, ela o caracteriza como “uma forte liderança entre seus “brothers”, referindo-se à organização das edições da **Caros Amigos, que** “[...] reúne diversos escritores da periferia, abrindo assim espaço para os talentos locais”; consideração presente nas duas publicações encontradas da estudiosa.

Já no artigo “Literatura Marginal”, a pesquisadora evidencia o caráter de autorrepresentatividade do movimento literário periférico, afirmando que a partir dele “[...] a própria noção de cultura, e por tabela a de literatura, é forçada a repensar seus parâmetros e até mesmo, – o que mais interessante –, sua função social”. Outros estudiosos **da literatura marginal** também apontam para a necessidade de rever o estatuto que rege o texto literário quando a produção literária dos escritores da periferia são objeto de reflexão. É o caso de Nascimento (2009), para quem “[...] a criação literária é o meio pelo qual **os autores estão** expressando outras preocupações que não as pertinentes à formalização estética, e que envolvem questões, sociais, culturais e políticas” (NASCIMENTO, 2009, p. 165). Ou, ainda, Patrocínio (2013), que define **a literatura marginal** como “[...] ferramenta para o estabelecimento de uma compreensão de estruturas sociais desiguais e para denunciar situações de vulnerabilidade sofridas pelos residentes em favelas e bairros de periferia” (PATROCÍNIO, 2013, p. 49) e, por isso, deve ser lida segundo “[...] uma chave de leitura que possibilite uma análise conjugada: ler no texto literário a presença do sentido político e social do movimento” (PATROCÍNIO, 2013, p. 51). Sob essa ótica, **a literatura marginal** deve ser avaliada, principalmente, por meio de sua orientação política, social e ética, em detrimento de sua dimensão estética: “[...] na estruturação desse novo grupo, o estético foi colocado em segundo plano, não negligenciado, mas é suprimido pela importância conferida à ética” (PATROCÍNIO, 2013, p. 39). Nessa perspectiva é que, segundo Hollanda, a literatura periférica institui um novo cânone que estaria “[...] em processo de gestação”. Em artigo já aqui referenciado, “Crônica marginal”, a autora reitera essa percepção quando destaca que a publicação de Cidade de Deus, de Paulo Lins, em 1997, funda não apenas “[...] um formato narrativo-descritivo de ação que vai marcar a estética do final do século na literatura, na TV e no cinema” (HOLLANDA, 2014, p. 29), mas também um “novo cânone” (HOLLANDA, 2014, p. 29). Ponto de vista partilhado por Patrocínio (2013), que compreende a obra de Lins como **uma espécie de** marco inaugural do movimento de autores periféricos; caminho aberto que “[...] está sendo



percorrido por inúmeros autores da periferia, como Ferréz, Allan Santos Rosa, Sérgio Vaz, Sacolinha, Alexandre Buzo e Rodrigo Ciríaco, para citar os mais representativos” (PATROCÍNIO, 2013, p. 15). Além da autorrepresentatividade, a estudiosa também põe em relevo o olhar para o que ela chama de “interior” dos escritos marginais, que possibilita “[...] **pela primeira vez** [...] uma detalhada anatomia do cotidiano da miséria e do crime no Brasil, agora com as cores da experiência vivida” e que, por isso, “[...] já não se trata mais da favela idealizada”. Esse olhar de dentro produzida por esses autores, baseada nas cores da experiência vivida e materializada nos textos literários, caracteriza um dos elementos configuradores mais relevantes **da literatura marginal** periférica, conforme assinalado anteriormente. Não por acaso, o retrato gerado pela ficcionalização dos traços autobiográficos dificulta a separação do que é ficcional e do que é biográfico, o que, não raro, dá aos escritos marginais um caráter documental; procedimento que visa ao desenvolvimento de uma consciência identitária coletiva dos sujeitos que vivem nas periferias, como aponta Patrocínio :

O objetivo, claramente ancorado em um engajamento através da literatura, aponta para o desejo de formar um povo que se configura de forma anômala, espreado nas margens urbanas. A formação desse povo marginalizado se dá na sua ficcionalização, empreendendo para isso o resgate de elementos reais e fatos concretos. Nessa articulação, entre ficção e realidade, o povo é reinventado, favorecendo a construção identitária a partir de um discurso de afirmação. (2013, p. 59).

É, então, na busca por retratar a realidade e a experiência marginais, que o diálogo entre o ficcional e a realidade se concretiza, contribuindo, dessa forma, para a construção identitária da própria periferia, sem, entretanto, abrir mão da denúncia, já que **a literatura marginal** é uma enunciação marcada por um forte apelo político e social, não se reduzindo “[...] ao literário, expande-se e passa a observar o seu sentido político, social e cultural” (PATROCÍNIO, 2013, p. 50).

Para finalizar as discussões de “Literatura Marginal”, Hollanda revisita questões importantes já apresentadas, como a ocupação da cena literária pelas vozes marginais e o novo processo de mediação de suas realidades, já que em vez de objeto de discurso, os periféricos passam a ser sujeitos de discurso: “[...] estamos aprendendo que em vez de interpretar demandas e traduzir diretamente culturas devemos exercer o papel de negociadores que possam relativizar nossos espaços de fala”. Ela, também, expõe o impacto causado por essa produção literária no cenário cultural brasileiro, que possibilita repensar “[...] o que seria uma cultura ‘alta’ e uma cultura ‘baixa’ seja ela uma cultura de massa ou popular”. Apontamento que sinaliza para o deslocamento das esferas do saber e do poder no âmbito das práticas histórico-culturais, afinal, a produção intelectual epistemológica e cultural não fica mais restrita a um grupo minoritário. Por último, a pesquisadora encerra o texto dando seu parecer **em relação a** essas novas vozes : “[...] e, finalmente, gostaria de passar para vocês o entusiasmo que estou vivendo com esse momento meio assustador, mas certamente atraente”. Logo, verifica-se que Hollanda possui uma visão positiva **em relação a** essa linha de força da produção literária contemporânea. Vale ressaltar que a recepção entusiasmada dos textos oriundos de escritores da periferia se mantém presente mesmo depois de mais de uma década da publicação dos volumes especiais da Caros Amigos, haja vista, por exemplo, o sucesso de crítica e de público do livro *O sol na cabeça*, de Giovani Martins, publicado em 2018, recentemente indicado ao Prêmio Jabuti na categoria conto; autor que toma para si a alcunha de escritor periférico.

No que se refere às manifestações críticas não vinculadas à crítica especializada, foram localizados dois comentários no blog pessoal de Ferréz, publicados em 2005. Apesar de não coincidirem com o



lançamento dos atos, estão temporalmente situados no período da publicação da coletânea Literatura marginal: talentos da escrita periférica, que reúne alguns escritos das três edições. No primeiro comentário, um morador da periferia apresenta seu ponto de vista sobre o livro *Capão Pecado*, de Ferréz (2000): “[...] **tempos atrás li o capão pecado e particularmente não gostei muito (achei um tanto apelativo em relação a sociedade) antes que você pense algo, também sou da periferia**”. Entende-se que é a partir da estratégia narrativa da produção literária marginal de colocar o próprio excluído para narrar a sua história e a dos seus iguais, o que, não raro, reverbera uma relação direta com o mundo (realidade elevada à máxima potência), conferindo ao texto certa referencialidade, que se pode ler as ponderações desse leitor. A busca pela autenticidade da “vida como ela é” dos escritos marginais pode ter motivado o leitor a chamar de “apelativo” o retrato social da periferia figurado por Ferréz em *Capão Pecado*. E acrescenta: “[...] **espero que não se sinta ofendido pela crítica, é apenas minha humilde opinião, além do mais eu penso o seguinte ‘quem é competente, não tem medo de críticas’**”.

O internauta também revela seu posicionamento quanto à publicação da coletânea organizada por Ferréz, em 2005, que reuniu parte dos textos dados à público pelas edições da *Caros Amigos*: “[...] **achei bem legal isso, quando eu li a primeira vez já havia achado muito boa as idéias publicadas na revista**”.

Evidencia, ainda, certo preconceito e descrença por parte da sociedade em relação aos escritores oriundos da periferia, incluindo-se entre eles: “É **engraçado o quanto ninguém dá nada para você quando você é da periferia não é mesmo? [...] eles pensam que você é burro, não conhece nada e adoram dar uma de Pseudos Intelectuais**”. Por fim, informa que possui um blog e convida Ferréz a acessá-lo:

[...] **gostaria que lesse meu blog e me respondesse [...] ignore este blog do Blogspot [...] eu pretendo logo fazer um blog com uma ideologia mais séria, pois este blog que estou usando é mais uma espécie de “passatempo”, afinal eu publico de tudo um pouco lá.**

A citação acima corrobora aspecto anteriormente destacado e que se refere à possibilidade de o usuário comum da internet criar plataformas para produzir conteúdo e/ou manifestar-se criticamente sobre literatura, não sendo necessário que seja especialista na área para realizar tal exercício.

O segundo comentário foi realizado por uma estudante de Letras, e versa a respeito da forma em que teve acesso à produção de Ferréz: “Oi Ferréz você não me conhece e eu pouco lhe conheço mas já sou uma fã e leitora, tive acesso à seus textos através da *caros amigos*, incrível essa revista”. A seguir, acrescenta: “Estou 2º ano do curso de Letras aqui perto de minha cidade, ja levei textos seus para apresentação de trabalhos, quero pesquisá-los, será meu tema de conclusão de curso”. E finaliza seu comentário dizendo: “A partir de agora mantereí sempre o contato e vou sentir-me honrada quando concluir meu trabalho e ele for um grande sucesso, pois o tema ja é”. Com base nesse comentário, verifica-se que os três volumes do suplemento “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia Ato I, Ato II e Ato III”, publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004 pela revista *Caros Amigos*, atuam como caminho condutor para outras leituras do movimento, ao mesmo tempo que revela a inserção das vozes marginais periféricas no espaço universitário, o que possibilita travar debates mais densos sobre a produção marginal.

No site Memorial da democracia foi encontrada outra publicação intitulada “LITERATURA MARGINAL' É A VOZ DA PERIFERIA” que, embora não trate especificamente das edições da *Caros Amigos*, aborda a coletânea Literatura marginal: talentos da escrita periférica que, conforme destacado anteriormente, foi gerada a partir da publicação dos três atos. Para o leitor, o livro organizado por Ferréz pode ser considerada como “[...] referência na literatura brasileira do início do século 21, marcada pelo protagonismo de autores da periferia”. Além disso, destaca a linguagem dos escritos marginais: “A



linguagem marginal se relaciona, portanto, com a cultura da periferia e com a valorização de seu vocabulário e de sua própria dicção”. Antes de finalizar o texto, aborda a fratura promovida pelos escritores periféricos no campo literário hegemônico, colocando em relevo o olhar “de dentro” dessas publicações por colocar o marginalizado como sujeito da sua própria história: “Nesse movimento, a periferia tomara para si o poder de narrar e produzir discursos. Não se trata, porém, de um “retrato da periferia”, mas da periferia tirando as suas próprias fotos”. Esta última citação demonstra que o leitor não apenas a leu a coletânea de contos e poemas, como também o texto introdutório da antologia, intitulado “Terrorismo Literário”, uma vez que faz paráfrase das palavras de Ferréz: “Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita em carvão, a regra é só uma, mostrar a cara. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (FERRÉZ, 2005, p. 9).

Vale destacar que foram encontrados alguns materiais que, apesar de também não estarem relacionados especificamente aos volumes da Caros Amigos, estão relacionados à literatura marginal periférica. É o caso de um vídeo no Youtube de entrevista concedida por Ferréz, Alessandro Buzo e Erton Moraes e transmitida pelo extinto programa “Jogo de Ideias”, em 2005, e que trata sobre o lançamento da coletânea de contos. Também uma comunidade denominada “Literatura Marginal”, no Orkut, que já se encontrava indisponível quando da elaboração deste artigo; aspecto que reforça a efemeridade das informações difundidas pela internet. Nela, os usuários da rede trocavam indicações de leitura, realizavam o exercício crítico e divulgavam suas produções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que os volumes especiais da literatura marginal na Revista Caros Amigos não passaram despercebidos, o que concorre para reforçar a visibilidade granjeada pelos autores periféricos. Não obstante consideração de Dalcastagnè (2012), que observa a invisibilização desses escritores na imprensa prestigiada e de grande circulação. Aspecto que felizmente não se aplica aos volumes aqui discutidos, como problematizado no artigo intitulado “Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições da Caros Amigos ‘Literatura marginal - A cultura da periferia’”, que analisa a recepção crítica no calor da hora dos três atos em jornais de circulação nacional.. Segundo Brandileone e Martins (2018), os recortes jornalísticos publicados em O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo concorrem para comprovar que o movimento literário marginal se fez ouvir, fazendo-se ecoar não apenas pelos seus pares. O levantamento dessas manifestações críticas discutidas pelas autoras não exclui, entretanto, as problemáticas levantadas por Dalcastagnè (2012), que envolvem o apagamento de autores e obras periféricas, ainda que representem um passo importante rumo a ocupação de vozes subalternizadas da cena literária brasileira.

A partir do mapeamento da recepção crítica dos volumes especiais da Caros Amigos, pode-se verificar que a internet apresenta-se como um fértil suporte para a atuação do exercício da crítica literária, seja por meio da crítica especializada, a exemplo da pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda, que discute a respeito do movimento literário periférico de forma mais sistematizada, seja por parte dos leitores “comuns”, que encontram, na rede, espaço para manifestarem suas opiniões sobre os textos literários, ao mesmo tempo que possibilita a interação e a troca de experiências com outros leitores. Importante considerar que, embora os comentários recolhidos no blog de Ferréz não forneçam uma discussão mais densa sobre o movimento literário marginal, apresentam uma visão bastante particular e peculiar sobre as edições, fator de grande relevância porque evidencia a sua recepção por indivíduos que pertencem a diferentes grupos e esferas sociais.



Pode-se, ainda, constatar que a internet, hoje, também se configura como espaço de produção literária, devido ao surgimento de projetos independentes de escritores nas plataformas sociais, cuja experimentação literária servem como termômetro de repercussão dos textos ou primeiro campo de publicação. Nesse contexto, convém mencionar os sites de financiamento coletivo, a exemplo da plataforma Catarse, que é **uma espécie de** “vaquinha” online que subsidia a publicação de livros de autores que procuram espaço na cena literária nacional. Ao mesmo tempo, a web caracteriza-se como veículo para a divulgação de obras, que não foge das garras do mercado, como é o caso das ações de publicidades vendidas pelos booktubers. Por fim, a rede possibilita um espaço de debate sobre a produção literária, em que os comentários dos internautas, seus likes e dislikes, bem como demais formas de reação, são ansiosamente aguardadas pelos autores, muitas vezes ponto de partida para a manifestação da crítica especializada.

5 REFERÊNCIAS

- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos. In: OLIVEIRA, Vanderléia da Silva; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Desafios contemporâneos: a escrita do agora. São Paulo: AnnaBlume, 2013. p.17-33.
- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do testemunho. Navegação, Porto Alegre, vol.7, no.1, p.23-30. jan./jun. 2014.
- BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato I. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, ago. 2001.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato II. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, jun. 2002.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato III. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, abr. 2004.
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CORRÊA, Almir Aquino (org). Ciberespaço: mistificação e paranóia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. Iberic@I Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, Paris, n. 2, p. 13-18, 2012. Disponível em : <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em 20 jul. 2020.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. **O que é** crítica literária?. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.
- FERRÉZ. Capão pecado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005a.



FERRÉZ, (org). Terrorismo Literário. In: Literatura Marginal: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005b.

FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A política do hip hop nas favelas brasileiras. Disponível em: <<https://www.heloisabuarquedehollanda.com/periferia>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “Crônica marginal”. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRA, Ettore. Possibilidades da Nova Escrita Literária no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2014. p. 25-38.

LINS, Paulo. Cidade de Deus. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARTINS, Geovani. O sol na cabeça. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

MARTINS, Maria Luiza Navarro; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições da Caros Amigos “Literatura marginal - A cultura da periferia”. Revista Crioula, São Paulo, no.21, p.67-88, jan./jul. 2018.

Memorial da democracia. 'Literatura marginal' é a voz da periferia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/a-periferia-por-ela-mesma>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Vozes marginais na literatura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2013.

PERRONE–MOISÉS, Leyla. A crítica literária. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das letras, 2016. p. 60-69.

RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Title

@Peripheral_Literature: the critical reception of the special volumes of Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura Da Periferia” on internet.

Abstract

Diversity stands out as a feature of contemporary Brazilian fiction, present in multiple forms: tones, themes



and, especially, multiple convictions about what literature is (RESENDE, 2008). In this context, the occupation of the literary scene by voices that were once on the fringes of national artistic production is earning importance. This aspect is in line with the changes that have occurred in the post-modern period, especially those related to the field of communication, whom the Internet has changed our way of being in the world, which includes literary practices. In view of this, the network becomes a new and important support for the production, dissemination and critical exercise of literature. Based on these aspects, and taking as a basis the theoretical assumptions discussed by Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013) and Resende (2008), among other scholars, this paper aims to discuss the critical reception of Caros Amigos' special volumes entitled "Literatura Marginal – A Cultura da Periferia" on internet. As a result, it is observed that, although timidly, the exercise of critical reception of these editions was not absent from the internet, contributing to the strengthening of the visibility of the political-literary project idealized and developed by peripheral writers.

Keywords

Critical reception; Internet; Marginal literature; Caros Amigos – "A cultura da periferia" magazine.

Recebido em:

Aceito em



=====
Arquivo 1: [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#) (6257 termos)

Arquivo 2: <http://blog.ferrezescritor.com.br/2005/10/lado-bom.html> (1424 termos)

Termos comuns: 90

Similaridade: 1,18%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento <http://blog.ferrezescritor.com.br/2005/10/lado-bom.html>

=====
@LITERATURA_PERIFÉRICA: A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS EDIÇÕES DA CAROS AMIGOS
“LITERATURA MARGINAL – A CULTURA DA PERIFERIA” - NA INTERNET .

RESUMO: A diversidade destaca-se como característica marcante da ficção brasileira contemporânea, presente em múltiplas formas, tons, temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura (RESENDE, 2008). Neste contexto, ganha relevo a ocupação da cena literária protagonizada por vozes que, antes, se encontravam à margem da produção literária nacional. Esse aspecto está alinhado a mudanças ocorridas no período pós-moderno, entre elas as relacionadas ao campo da comunicação, no qual a internet alterou o modo de ser e estar no mundo, o que inclui as práticas literárias. Diante disso, a rede passa a ser um novo e importante suporte para a produção, a divulgação e o exercício crítico do fazer literário. A partir do exposto e tomando como base os pressupostos teóricos abordados por Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013), Resende (2008), entre outros estudiosos, o presente artigo tem por objetivo analisar a recepção crítica na internet das edições Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”, que são um marco para a consolidação do movimento literário marginal periférico. Como resultado do estudo, observa-se que, embora de forma tímida, o exercício de recepção crítica das edições não se fez ausente na rede, contribuindo para o fortalecimento do projeto político-literário idealizado e desenvolvido pelos escritores da periferia.

PALAVRAS-CHAVE: recepção crítica; internet; literatura marginal; revista Caros Amigos – A cultura da periferia.

1 INTRODUÇÃO

Decorrente da emergência de novas vozes na ficção brasileira contemporânea, até recentemente afastadas do universo literário, surgiu a expressão artística que vem da periferia dos grandes centros urbanos brasileiros, a literatura marginal, que “[...] procura refletir os aspectos mais inumanos e marginalizados de nossa realidade social” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 99). Passo importante rumo à democratização do campo literário, até então não formatado para ser protagonizado por indivíduos que não pertencem aos nichos de poder. Afinal, como aponta Dalcastagnè (2012, p. 13): “[...] a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele”.

Dessa forma, se outrora havia vozes que buscavam falar em “nome deles”, agora é do próprio sujeito periférico que deve emergir a denúncia, o protesto, tornando-se, assim, agente de sua própria história (BRANDILEONE, 2013, p. 26). Em outras palavras, a voz que narra não é de alguém que olha de fora, a contar do outro, mas de uma perspectiva de dentro; identidade da literatura marginal, segundo Ferréz:



A Literatura Marginal sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. (FERRÉZ, 2005b, p. 12).

É, então, dessa “margem” que os escritores marginais granjeiam o seu lugar de fala para vociferarem sobre suas próprias realidades. Entre os expoentes do movimento estão Paulo Lins (2002) e Ferréz (2005a), que publicaram, respectivamente *Cidade de Deus* e *Capão Pecado*.

A literatura marginal está assentada em uma produção literária que encontra nos princípios socioeconômico e geográfico, seu fator de reconhecimento, segundo Patrocínio (2013). Por isso, segundo o autor, um dos elementos mais importantes para a identificação desse grupo, que reúne escritores da periferia, é a territorialidade do texto, seja porque a periferia torna-se o cenário das narrativas, seja pelo fato de seus autores residirem em espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões.

O termo, ainda, designa uma literatura que se propõe a intervir no modelo de produção literária praticado pelo sujeito burguês: “Nesses termos, passa a ser denominada não apenas a literatura que está à margem, mas aquela que se coloca à margem enquanto proposta de intervenção literária que busca uma sombra na modelação do sujeito burguês” (PATROCÍNIO, 2013, p. 27). Não por acaso, a literatura marginal leva para o centro da discussão a realidade de violência e de vulnerabilidade social sofrida pelos sujeitos periféricos, que narram **a partir de** suas próprias experiências de vida. Sob esta perspectiva, opera segundo um caráter híbrido, entre o referencial, dado pelo discurso biográfico do autor, que utiliza a sua própria trajetória de vida como matéria fundante de sua produção ficcional, e o discurso propriamente ficcional da narrativa.

É fruto desse movimento os três volumes da Revista *Caros Amigos - Literatura Marginal*: “A cultura da periferia” que, organizados por Ferréz, em parceria com a Editora Casa Amarela, foram publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004. Esses volumes são compreendidos, por estudiosos, como um marco na formação e estruturação de um projeto literário coletivo, cujo objetivo era reunir as diversas vozes das periferias. É o caso de Patrocínio, para quem as edições especiais **da Caros Amigos** favoreceram “[...] a formação de um espaço discursivo próprio dentro da série literária hegemônica” (2013, p.16).

Também para Nascimento (2009), os três atos propiciaram a apropriação e a legitimação de um novo sentido para o adjetivo marginal, qualificando uma nova vertente literária no panorama contemporâneo. Além disso, foram porta de entrada para a inserção de diversos escritores da periferia na cena literária brasileira (NASCIMENTO, 2009). Já para Holanda (2014), os números especiais da revista são “[...] seminais, no sentido de que *Caros Amigos* tem uma circulação mais ampla e diversificada, tem a atenção dos antenados, uma boa distribuição, e me parece que foi aí, nesses números especiais, que nasceu e se firmou a noção de literatura marginal como a nova expressão literária das periferias” (HOLLANDA, 2014, p. 33).

Compostos de poemas, contos, crônicas e **letras de rap**, os atos possuem a marca de 48 escritores e rappers, provenientes das grandes periferias urbanas, principalmente de **São Paulo** e do Rio de Janeiro. Vale destacar que a distribuição das revistas foi realizada, de forma gratuita, nos bairros das comunidades, como apontado por Nascimento (2009); fator que evidencia o lema dessas produções: uma literatura da periferia para a própria periferia. Logo, esses textos estabelecem um diálogo contínuo com as comunidades em que vivem e tematizam assuntos relacionados ao seu cotidiano, como, por exemplo, a violência e a falta de estrutura, que afeta a sobrevivência e a subsistência dos moradores (NASCIMENTO,



2009).

Considerando a relevância dessa coletânea para firmar e afirmar a expressão literária vinda das periferias e, assim, edificar um projeto literário de cunho inédito, é que surgiu o interesse em investigar a recepção crítica desses volumes na internet. De um lado para identificar o espaço que esses volumes obtiveram na cena literária brasileira, já que se inscreveram como marco para afiançar e consolidar o movimento literário marginal e, de outro, verificar a sua ressonância em outro suporte, que não o jornal; lócus até então institucionalizado para o exercício da crítica literária, mas que tem, paulatinamente, deixado de ser o principal meio de difusão da literatura.

Sabe-se que o advento da internet e da tecnologia eletrônica aplicada à literatura, por meio da apropriação de novos dispositivos, tornou a circulação de textos muito mais fácil e rápida, bem como vitrine para novos autores, o que “[...] possibilitou o aparecimento de milhares de novos leitores críticos, de competência variada, em sites ou em blogs” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 68). Além disso, o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, uma vez que o processo de criação literária se tornou um processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor. Desse modo, o texto literário ganhou uma nova dimensão não só pela velocidade da criação, mas também pela transmissão e recepção dos textos, muitas vezes associada a debates inflamados sobre textos e autores (CORRÊA, 2008). Aspecto que se pretende esquadrihar, a partir do mapeamento da recepção crítica, os três atos de “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia” em blogs e demais práticas da internet. O presente trabalho está organizado em duas seções: na primeira, contextualiza-se a respeito da manifestação da crítica literária na internet e no fortalecimento das práticas virtuais na recepção e divulgação dos autores e textos literários. Em seguida, na última seção, análise do mapeamento da fortuna crítica, a fim de evidenciar a repercussão dos referidos volumes na internet.

2 A CRÍTICA LITERÁRIA ENTRE FIOS E CONEXÕES

Desde o advento do jornalismo no Brasil, em meados do século XIX, a literatura ganhou espaço privilegiado e, por isso, a crítica literária era aguardada (e temida) com expectativa por escritores e editores. De um lado porque o jornal tornou-se o principal veículo de divulgação do literário, seja através da publicação de obras literárias, notícia de lançamentos de livros, notas sobre escritores e obras ou, ainda, por exercer a função de difundir artigos críticos, resenhas e entrevistas. Por outro lado, prestou-se como fonte de renda para os escritores, concedendo-lhes não só condições mínimas de independência econômica, mas também os libertando, ainda que provisoriamente, das demandas éticas e estéticas dos mecenas (BORDIEU, 2009). Desse modo, o jornal configurou-se como prestigiada instância de legitimação de escritores e de suas obras.

Atualmente, no entanto, pode-se verificar o paulatino apagamento da crítica literária nos jornais, ficando restrita aos poucos suplementos literários que ainda resistem, como é o caso do Jornal Rascunho, Cândido e o Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco ou, então, aos cadernos culturais de circulação em massa que, atualmente, estão mais à serviço do colunismo social que do exercício propriamente da crítica literária (FRANCHETTI, 2005). Já a crítica literária produzida nas universidades, ficam, em sua grande maioria, encastelada nelas mesmas, sobrevivendo bravamente, sem sucumbir. Essas constatações encontram eco em Durão (2016), que evidencia as fragilidades da crítica literária contemporânea, tanto da crítica acadêmica quando da crítica praticada no jornal:

Quando postas lado a lado, a crítica acadêmica e a crítica de jornal deixam entrever suas fraquezas: por



não ter um compromisso direto com o receptor, a crítica acadêmica é muitas vezes abstrusa e desnecessariamente difícil, a desproporção entre a produção e o uso – centenas e centenas de livros e milhares de artigos científicos não têm mais do que meia dúzia de leitores cada [...] Já a crítica de jornal parece estar cada vez mais incluída em uma lógica de mercado. Isso se manifesta em uma tendência para beneficiar a superficialidade, reduzir o espaço de reflexo e ignorar aquele desinteresse sem o qual a crítica alguma pode ser exercida: no limite, o jornal pode fazer o comentário de um livro como se estivesse planejando sua campanha publicitária. (DURÃO, 2016, p. 12-13).

Tendo em vista os limites da crítica literária exercida no jornal e na Academia é que a internet se apresenta como um novo suporte que, entretanto, não foge à lógica comercial; aspecto já delineado por Franchetti a respeito do jornal. Para Durão (2016), a prática da crítica literária nos espaços virtuais serve, não raro, como veículo de propaganda de certos escritores e obras:

[...] quando a crítica é submetida à mesma lógica comercial da indústria cultural, o ter-que-dizer antepõe-se ao ter-o-que-dizer. Ela vê-se muitas vezes obrigada a achar o que comentar em objetos que talvez não fossem merecedores de comentário. Se a crítica abre mão da resistência ao ter-que-dizer como a priori, ela converte-se em algo não muito melhor que uma simples propaganda da obra e de sua editora. (DURÃO, 2016, p. 114).

Nesse contexto, pode-se observar diferentes atuações do mercado, que se manifestam, sobretudo, pela contratação de ações de publicidade por parte das editoras e de autores independentes, que vão desde a divulgação da capa e/ou da sinopse de determinado livro nas redes sociais, maior destaque para o Instagram, até a leitura de parte de determinada obra e/ou a publicação de um vídeo com impressões de leitura para o Youtube. Outra prática comum nesses canais de vídeos sobre livros no Youtube é o envio, por parte das editoras, de seus livros recém lançados, os quais aparecem em vídeos intitulados como “bookhall” e/ou de caixa-postal que são publicados mensalmente; nessa prática, no entanto, não ocorre a contratação de um serviço como mencionado anteriormente. Em todas essas situações, o booktub toma o lugar do outdoor; estratégia de marketing ainda responsável por divulgar o que de mais novo há no mercado.

Espaço decorrente das transformações tecnológicas ocorridas no final do século passado, principalmente no que tange à democratização do acesso à rede e ao surgimento de plataformas de comunicação como blogs e redes sociais, a exemplo o Blogger, Orkut, Facebook e Youtube, a internet assemelha-se, portanto, a uma (nova) ágora, no qual os indivíduos têm a possibilidade de se expressarem e construírem linhas de pensamentos de forma coletiva.

É, então, por meio das redes sociais que os usuários encontram a possibilidade de organizarem lócus de interesse comuns, na medida em que surgiram “[...] novas formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos” (CASTELLS, 2003, p. 110). Por favorecer a liberdade de expressão, os indivíduos encontram, ainda, a possibilidade de ampliar suas formas de interação social e, ao mesmo tempo, encontrar um espaço de uso comum e coletivo.

Sendo assim, não é surpreendente verificar que surgiram novos círculos, formados pelos usuários da rede, que se unem para debater assuntos relacionados ao universo literário em diversos sites e redes sociais. Entre eles, pode-se citar os blogs “Literature-se”, criado por Mellory Ferraz, e “Tiny Little Things”, de Tatiana Feltrin, que também se inscrevem em outras plataformas sociais, como canais no Youtube, perfis no Instagram e página no Facebook. No caso de Mellory Ferraz, há também um grupo produzido por ela



no Facebook, em que seus membros compartilham informações, dicas de leitura e realizam o exercício crítico das leituras em curso e/ou finalizadas.

Apesar do exercício crítico praticado nessas plataformas de comunicação ser de base mais impressionista, o leitor (comum) pode estabelecer um canal de comunicação não apenas para manifestar e expor sua opinião, mas também debater com outros leitores. Aspecto que encontra ressonância em considerações de Resende, para quem a literatura “[...] na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação” (2008, p. 18). Também Schøllhammer (2009) enfatiza que a rede alterou a circulação e a recepção do texto literário, bem como a relação entre o escritor e o público:

As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os blogs, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 13).

Diante do exposto, verifica-se que a produção e a circulação de textos literários e da própria crítica se tornaram mais veloz, podendo alcançar tanto o público já interessado em literatura quanto aquele que não possui tanto contato com o universo literário, instigando-o a conhecer e a realizar novas leituras.

Entretanto, a crítica literária na rede é uma faca de dois gumes. Se por um lado a internet é espaço aberto, em que os usuários possuem vasta liberdade para exprimir seu ponto de vista a respeito do que tem lido, por outro, o exercício crítico nas práticas virtuais pode, muitas vezes, ser superficial, como alerta Perrone-Moisés: “[...] a crítica dos blogs assemelha-se à jornalística por seu dinamismo e seu caráter judicativo, mas por ser individual e anárquica carece, frequentemente, de fundamentos sólidos” (2016, p. 61). Outra faceta da internet se encontra na efemeridade das informações publicizadas. Assim, se a força da internet está na sua forte relação com o presente, dado o seu consumo instantâneo e seu caráter intempestivo, os dados exibidos na rede podem se obliterar, seja por falta de atualização contínua, problemas na hospedagem de sites e blogs, ou até mesmo devido à ação de hackers. É por esse motivo que muitos blogs e sites desaparecem no universo de informações que há por detrás das conexões. Nessa perspectiva é que os jornais e livros físicos facilitam a preservação da crítica literária se comparado às práticas virtuais. A seguir, análise do mapeamento da recepção crítica dos volumes da Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia”.

3. NAVEGANDO NO MAPEAMENTO

O mapeamento realizado entre 2017 e 2018 da fortuna crítica das três edições de Literatura Marginal da Revista Caros Amigos deu-se por meio de pesquisas no Google, a partir de palavras-chave relacionados aos volumes, a exemplo: Ferréz e Caros Amigos; Literatura Marginal; Talentos da Periferia; A cultura da periferia; Revista Caros Amigos. Importante dizer que o objetivo da pesquisa foi o resgatar as manifestações críticas do calor da hora, entre de 2001 a 2004. Entretanto, também foram consideradas manifestações críticas de 2005, por coincidirem com o lançamento da coletânea intitulada Literatura marginal: talentos da escrita periférica, organizada por Ferréz e publicada em 2005, que reúne textos das três edições em questão.

Ao todo foram encontradas duas publicações em blogs especializados de literatura que, apesar de não tratarem especificamente dos volumes, ambas as postagens apresentam uma densa discussão sobre a literatura marginal, citando inclusive as edições da revista, de forma que é possível obter um posicionamento crítico. Quanto ao exercício crítico por leitores não especializados, foram encontradas



duas manifestações no **blog do escritor Ferréz**.

Os artigos referentes à crítica especializada foram localizados no blog homônimo de Heloisa Buarque de Hollanda e são dois: “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” e “Literatura marginal”. O segundo texto mencionado já não se encontra, porém, disponível, uma vez que o blog da pesquisadora passou por alterações, inclusive no link, que passou a se denominar “Heloisa Buarque Projetos”. Desse modo, grande parte do conteúdo antes disponível já não pode ser acessado. Além disso, o artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” foi atualizado na nova versão do portal. Isso demonstra e reforça a efemeridade dos dados na rede; aspecto já discutido na seção anterior deste artigo. Felizmente, ambos os artigos foram salvos previamente. Relevante ressaltar que no blog, de onde inicialmente os artigos foram encontrados, não há referência sobre a data das publicações. Infere-se, no entanto, que os artigos foram publicados no intervalo entre os atos I e II dos volumes especiais **da Caros Amigos**, isto é, entre junho de 2002 e abril de 2004, pois em um trecho do artigo “Literatura marginal”, a pesquisadora escreve: “Ferréz organizou dois números especiais da Revista Caros Amigos chamados “Literatura Marginal” com que reúnem e divulgam escritores da periferia, abrindo espaço para nos talentos locais”.

No artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, a pesquisadora inicia a discussão abordando a intensificação do processo de “favelização” ocorrido nas últimas décadas, ressaltando a importância das manifestações culturais nessas comunidades:

Uma das mais interessantes reações ao recuo do Estado no que diz respeito às políticas sociais, é o caso dos processos de atuação que se desenvolvem na cultura do hip hop tal como vêm sendo praticados **nas favelas e** comunidades de baixa renda no Brasil.

A seguir, a autora aborda o hip hop para evidenciar que essa manifestação artística adquiriu novas características no Brasil, sendo a principal delas assumir um caráter de “capitalismo cultural”, devido à abertura para o mercado; aspecto que se distancia do local de origem do movimento, a Jamaica. Salienta, também, que aqui os artistas da **cultura hip hop** passaram a concebê-la como mecanismo para o desenvolvimento social e político nas comunidades. Outra especificidade adquirida em terras nacionais foi que o hip hop passou a agregar em sua forma novas expressões artísticas, como a literatura, associando-se a um projeto educacional que visa à ampliação do acesso ao conhecimento:

Antes de mais nada, é importante esclarecer que o hip-hop, nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, é mais abrangente do que sua forma original norte americana que é composto tradicionalmente pelo rap, grafite, MCs e break dance (bboys). No Brasil, o hip hop, além desses, agrega a literatura (uma tendência muito forte e prestigiada do nosso hip hop), algumas formas de competição esportivas como o basket de rua, além do que me parece mais interessante, que é o conhecimento. A partir da necessidade política de valorização da história local e das raízes culturais do hip hop, podemos observar nas comunidades hip hop brasileiras um investimento bastante significativo nas formas de aquisição e produção de conhecimento em formas cada vez mais amplas e diversificadas, incluindo-se aqui um real aumento na taxa de entrada destes artistas em instituições de educação formal de ensino médio e superior

Essa filiação do hip hop à literatura, sobretudo às práticas poéticas do rap, encontram eco nas considerações de Patrocínio (2013) e da própria autora, em artigo intitulado “Crônica marginal”. Assim como o movimento hip hop, a produção literária marginal, segundo Patrocínio (2013), é um discurso de



contestação que aglutina vozes marginalizadas, a fim de produzir uma fala contrária ao estabelecido e, assim, gerar um projeto de resistência e afirmação de uma identidade própria, já que o discurso é construído pelo subalterno. Engajamento político e compromisso social que acabam suscitando o protesto e a conscientização dos indivíduos à margem que, por sua vez, motivam ações culturais pedagógicas “[...] com excelentes resultados para as comunidades pobres” (HOLLANDA, 2014, p. 31). Além disso, ambas as manifestações culturais apresentam um discurso de valorização da identidade periférica e o mesmo teor de crítica social e, por isso, instrumento de denúncia de um cotidiano marcado pela vulnerabilidade e pela desigualdade social. Por isso, continua Hollanda em “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, o movimento artístico das periferias brasileiras possui um cunho intervencionista, que se manifesta no compromisso de dedicar-se à defesa das causas e das experiências dos oprimidos, denunciando as mazelas das comunidades, e em promover mudanças sociais. E, como força dessa (nova) cultura periférica, ela cita o AfroReggae, mundialmente reconhecido pelo seu ativismo por meio da arte, e a produção literária dos escritores periféricos, consumida nas próprias comunidades.

É, então, nesse contexto que a autora aponta para a produção literária desenvolvida **na periferia e** menciona Ferréz, ressaltando a sua atuação na comunidade de Capão Redondo e, assim, seu ativismo ao ressaltar que o escritor “[...] assume publicamente o compromisso de sua literatura em estilo e em ativismo com o movimento hip hop”. Além disso, ela o caracteriza como “uma forte liderança entre seus “brothers””, referindo-se à organização das edições **da Caros Amigos**, que “[...] reúne diversos escritores da periferia, abrindo assim espaço para os talentos locais”; consideração presente nas duas publicações encontradas da estudiosa.

Já no artigo “Literatura Marginal”, a pesquisadora evidencia o caráter de autorrepresentatividade do movimento literário periférico, afirmando que a partir dele “[...] a própria noção de cultura, e por tabela a de literatura, é forçada a repensar seus parâmetros e até mesmo, – o que mais interessante –, sua função social”. Outros estudiosos da literatura marginal também apontam para a necessidade de rever o estatuto que rege o texto literário quando a produção literária dos escritores da periferia são objeto de reflexão. É o caso de Nascimento (2009), para quem “[...] a criação literária é o meio pelo qual os autores estão expressando outras preocupações que não as pertinentes à formalização estética, e que envolvem questões, sociais, culturais e políticas” (NASCIMENTO, 2009, p. 165). Ou, ainda, Patrocínio (2013), que define a literatura marginal como “[...] ferramenta para o estabelecimento de uma compreensão de estruturas sociais desiguais e para denunciar situações de vulnerabilidade sofridas pelos residentes em favelas e bairros de periferia” (PATROCÍNIO, 2013, p. 49) e, por isso, deve ser lida segundo “[...] uma chave de leitura que possibilite uma análise conjugada: ler no texto literário a presença do sentido político e social do movimento” (PATROCÍNIO, 2013, p. 51). Sob essa ótica, a literatura marginal deve ser avaliada, principalmente, por meio de sua orientação política, social e ética, em detrimento de sua dimensão estética: “[...] na estruturação desse novo grupo, o estético foi colocado em segundo plano, não negligenciado, mas é suprimido pela importância conferida à ética” (PATROCÍNIO, 2013, p. 39). Nessa perspectiva é que, segundo Hollanda, a literatura periférica institui um novo cânone que estaria “[...] em processo de gestação”. Em artigo já aqui referenciado, “Crônica marginal”, a autora reitera essa percepção quando destaca que a publicação de Cidade de Deus, de Paulo Lins, em 1997, funda não apenas “[...] um formato narrativo-descritivo de ação que vai marcar a estética do final do século na literatura, na TV e no cinema” (HOLLANDA, 2014, p. 29), mas também um “novo cânone” (HOLLANDA, 2014, p. 29). Ponto de vista partilhado por Patrocínio (2013), que compreende a obra de Lins como uma espécie de marco inaugural do movimento de autores periféricos; caminho aberto que “[...] está sendo percorrido por inúmeros autores da periferia, como Ferréz, Allan Santos Rosa, Sérgio Vaz, Sacolinha,



Alexandre Buzo e Rodrigo Ciríaco, para citar os mais representativos” (PATROCÍNIO, 2013, p. 15). Além da autorrepresentatividade, a estudiosa também põe em relevo o olhar para o que ela chama de “interior” dos escritos marginais, que possibilita “[...] pela primeira vez [...] uma detalhada anatomia do cotidiano da miséria e do crime no Brasil, agora com as cores da experiência vivida” e que, por isso, “[...] já não se trata mais da favela idealizada”. Esse olhar de dentro produzida por esses autores, baseada nas cores da experiência vivida e materializada nos textos literários, caracteriza um dos elementos configuradores mais relevantes da literatura marginal periférica, conforme assinalado anteriormente. Não por acaso, o retrato gerado pela ficcionalização dos traços autobiográficos dificulta a separação do que é ficcional e do que é biográfico, o que, não raro, dá aos escritos marginais um caráter documental; procedimento que visa ao desenvolvimento de uma consciência identitária coletiva dos sujeitos que vivem nas periferias, como aponta Patrocínio :

O objetivo, claramente ancorado em um engajamento através da literatura, aponta para o desejo de formar um povo que se configura de forma anômala, espreado nas margens urbanas. A formação desse povo marginalizado se dá na sua ficcionalização, empreendendo para isso o resgate de elementos reais e fatos concretos. Nessa articulação, entre ficção e realidade, o povo é reinventado, favorecendo a construção identitária **a partir de** um discurso de afirmação. (2013, p. 59).

É, então, na busca por retratar a realidade e a experiência marginais, que o diálogo entre o ficcional e a realidade se concretiza, contribuindo, dessa forma, para a construção identitária da própria periferia, sem, entretanto, abrir mão da denúncia, já que a literatura marginal é uma enunciação marcada por um forte apelo político e social, não se reduzindo “[...] ao literário, expande-se e passa a observar o seu sentido político, social e cultural” (PATROCÍNIO, 2013, p. 50).

Para finalizar as discussões de “Literatura Marginal”, Hollanda revisita questões importantes já apresentadas, como a ocupação da cena literária pelas vozes marginais e o novo processo de mediação de suas realidades, já que em vez de objeto de discurso, os periféricos passam a ser sujeitos de discurso: “[...] estamos aprendendo que em vez de interpretar demandas e traduzir diretamente culturas devemos exercer o papel de negociadores que possam relativizar nossos espaços de fala”. Ela, também, expõe o impacto causado por essa produção literária no cenário cultural brasileiro, que possibilita repensar “[...] o que seria uma cultura ‘alta’ e uma cultura ‘baixa’ seja ela uma cultura de massa ou popular”. Apontamento que sinaliza para o deslocamento das esferas do saber e do poder no âmbito das práticas histórico-culturais, afinal, a produção intelectual epistemológica e cultural não fica mais restrita a um grupo minoritário. Por último, a pesquisadora encerra o texto dando seu parecer em relação a essas novas vozes : “[...] e, finalmente, gostaria de passar para vocês o entusiasmo que estou vivendo com esse momento meio assustador, mas certamente atraente”. Logo, verifica-se que Hollanda possui uma visão positiva em relação a essa linha de força da produção literária contemporânea. Vale ressaltar que a recepção entusiasmada dos textos oriundos de escritores da periferia se mantém presente mesmo depois de mais de uma década da publicação dos volumes especiais **da Caros Amigos**, haja vista, por exemplo, o sucesso de crítica e de público do livro *O sol na cabeça*, de Giovani Martins, publicado em 2018, recentemente indicado ao Prêmio Jabuti na categoria conto; autor que toma para si a alcunha de escritor periférico.

No que se refere às manifestações críticas não vinculadas à crítica especializada, foram localizados dois comentários no blog pessoal de Ferréz, publicados em 2005. Apesar de não coincidirem com o lançamento dos atos, estão temporalmente situados no período da publicação da coletânea *Literatura*



marginal: talentos da escrita periférica, que reúne alguns escritos das três edições. No primeiro comentário, um morador da periferia apresenta seu ponto de vista sobre o livro *Capão Pecado*, de Ferréz (2000): “[...] tempos atrás li o capão pecado e particularmente não gostei muito (achei um tanto apelativo em relação a sociedade) antes que você pense algo, também sou da periferia”. Entende-se que é a partir da estratégia narrativa da produção literária marginal de colocar o próprio excluído para narrar a sua história e a dos seus iguais, o que, não raro, reverbera uma relação direta com o mundo (realidade elevada à máxima potência), conferindo ao texto certa referencialidade, que se pode ler as ponderações desse leitor. A busca pela autenticidade da “vida como ela é” dos escritos marginais pode ter motivado o leitor a chamar de “apelativo” o retrato social da periferia figurado por Ferréz em *Capão Pecado*. E acrescenta: “[...] espero que não se sinta ofendido pela crítica, é apenas minha humilde opinião, além do mais eu penso o seguinte ‘quem é competente, não tem medo de críticas’”.

O internauta também revela seu posicionamento quanto à publicação da coletânea organizada por Ferréz, em 2005, que reuniu parte dos textos dados à público pelas edições **da Caros Amigos**: “[...] achei bem legal isso, quando eu li a primeira vez já havia achado muito boa as idéias publicadas na revista”. Evidencia, ainda, certo preconceito e descrença por parte da sociedade em relação aos escritores oriundos da periferia, incluindo-se entre eles: “É engraçado o quanto ninguém dá nada para você quando você é da periferia não é mesmo? [...] eles pensam que você é burro, não conhece nada e adoram dar uma de Pseudos Intelectuais”. Por fim, informa que possui um blog e convida Ferréz a acessá-lo:

[...] gostaria que lesse meu blog e me respondesse [...] ignore este blog do Blogspot [...] eu pretendo logo fazer um blog com uma ideologia mais séria, pois este blog que estou usando é mais uma espécie de “passatempo”, afinal eu publico de tudo um pouco lá.

A citação acima corrobora aspecto anteriormente destacado e que se refere à possibilidade de o usuário comum da internet criar plataformas para produzir conteúdo e/ou manifestar-se criticamente sobre literatura, não sendo necessário que seja especialista na área para realizar tal exercício.

O segundo comentário foi realizado por uma estudante de Letras, e versa a respeito da forma em que teve acesso à produção de Ferréz: **“Oi Ferréz você não me conhece e eu pouco lhe conheço mas já sou uma fã e leitora, tive acesso à seus textos através da caros amigos, incrível essa revista”**. A seguir, acrescenta: **“Estou 2º ano do curso de Letras aqui perto de minha cidade, ja levei textos seus para apresentação de trabalhos, quero pesquisá-los, será meu tema de conclusão de curso”**. E finaliza seu comentário dizendo: **“A partir de agora mantereí sempre o contato e vou sentir-me honrada quando concluir meu trabalho e ele for um grande sucesso, pois o tema ja é”**. Com base nesse comentário, verifica-se que os três volumes do suplemento “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia Ato I, Ato II e Ato III”, publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004 pela revista *Caros Amigos*, atuam como caminho condutor para outras leituras do movimento, ao mesmo tempo que revela a inserção das vozes marginais periféricas no espaço universitário, o que possibilita travar debates mais densos sobre a produção marginal.

No site Memorial da democracia foi encontrada outra publicação intitulada **“LITERATURA MARGINAL' É A VOZ DA PERIFERIA”** que, embora não trate especificamente das edições **da Caros Amigos**, aborda a coletânea *Literatura marginal: talentos da escrita periférica* que, conforme destacado anteriormente, foi gerada a partir da publicação dos três atos. Para o leitor, o livro organizado por Ferréz pode ser considerada como “[...] referência na literatura brasileira do início do século 21, marcada pelo protagonismo de autores da periferia”. Além disso, destaca a linguagem dos escritos marginais: “A linguagem marginal se relaciona, portanto, com a cultura da periferia e com a valorização de seu



vocabulário e de sua própria dicção”. Antes de finalizar o texto, aborda a fratura promovida pelos escritores periféricos no campo literário hegemônico, colocando em relevo o olhar “de dentro” dessas publicações por colocar o marginalizado como sujeito da sua própria história: “Nesse movimento, a periferia tomaria para si o poder de narrar e produzir discursos. Não se trata, porém, de um “retrato da periferia”, mas da periferia tirando as suas próprias fotos”. Esta última citação demonstra que o leitor não apenas a leu a coletânea de contos e poemas, como também o texto introdutório da antologia, intitulado “Terrorismo Literário”, uma vez que faz paráfrase das palavras de Ferréz: “Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita em carvão, a regra é só uma, mostrar a cara. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (FERRÉZ, 2005, p. 9).

Vale destacar que foram encontrados alguns materiais que, apesar de também não estarem relacionados especificamente aos volumes **da Caros Amigos**, estão relacionados à literatura marginal periférica. É o caso de um vídeo no Youtube de entrevista concedida por Ferréz, Alessandro Buzo e Erton Moraes e transmitida pelo extinto programa “Jogo de Ideias”, em 2005, e que trata sobre o lançamento da coletânea de contos. Também uma comunidade denominada “Literatura Marginal”, no Orkut, que já se encontrava indisponível quando da elaboração deste artigo; aspecto que reforça a efemeridade das informações difundidas pela internet. Nela, os usuários da rede trocavam indicações de leitura, realizavam o exercício crítico e divulgavam suas produções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que os volumes especiais da literatura marginal na Revista Caros Amigos não passaram despercebidos, o que concorre para reforçar a visibilidade granjeada pelos autores periféricos. Não obstante consideração de Dalcastagnè (2012), que observa a invisibilização desses escritores na imprensa prestigiada e de grande circulação. Aspecto que felizmente não se aplica aos volumes aqui discutidos, como problematizado no artigo intitulado “Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições **da Caros Amigos** ‘Literatura marginal - A cultura da periferia’”, que analisa a recepção crítica no calor da hora dos três atos em jornais de circulação nacional.. Segundo Brandileone e Martins (2018), os recortes jornalísticos publicados em O Estado de **São Paulo** e Folha de São Paulo concorrem para comprovar que o movimento literário marginal se fez ouvir, fazendo-se ecoar não apenas pelos seus pares. O levantamento dessas manifestações críticas discutidas pelas autoras não exclui, entretanto, as problemáticas levantadas por Dalcastagnè (2012), que envolvem o apagamento de autores e obras periféricas, ainda que representem um passo importante rumo a ocupação de vozes subalternizadas da cena literária brasileira.

A partir do mapeamento da recepção crítica dos volumes especiais **da Caros Amigos**, pode-se verificar que a internet apresenta-se como um fértil suporte para a atuação do exercício da crítica literária, seja por meio da crítica especializada, a exemplo da pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda, que discute a respeito do movimento literário periférico de forma mais sistematizada, seja por parte dos leitores “comuns”, que encontram, na rede, espaço para manifestarem suas opiniões sobre os textos literários, ao mesmo tempo que possibilita a interação e a troca de experiências com outros leitores. Importante considerar que, embora os comentários recolhidos no blog de Ferréz não forneçam uma discussão mais densa sobre o movimento literário marginal, apresentam uma visão bastante particular e peculiar sobre as edições, fator de grande relevância porque evidencia a sua recepção por indivíduos que pertencem a diferentes grupos e esferas sociais.

Pode-se, ainda, constatar que a internet, hoje, também se configura como espaço de produção literária,



devido ao surgimento de projetos independentes de escritores nas plataformas sociais, cuja experimentação literária servem como termômetro de repercussão dos textos ou primeiro campo de publicação. Nesse contexto, convém mencionar os sites de financiamento coletivo, a exemplo da plataforma Catarse, que é uma espécie de “vaquinha” online que subsidia a publicação de livros de autores que procuram espaço na cena literária nacional. Ao mesmo tempo, a web caracteriza-se como veículo para a divulgação de obras, que não foge das garras do mercado, como é o caso das ações de publicidades vendidas pelos booktubers. Por fim, a rede possibilita um espaço de debate sobre a produção literária, em que os comentários dos internautas, seus likes e dislikes, bem como demais formas de reação, são ansiosamente aguardadas pelos autores, muitas vezes ponto de partida para a manifestação da crítica especializada.

5 REFERÊNCIAS

- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos. In: OLIVEIRA, Vanderléia da Silva; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Desafios contemporâneos: a escrita do agora. São Paulo: AnnaBlume, 2013. p.17-33.
- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do testemunho. Navegação, Porto Alegre, vol.7, no.1, p.23-30. jan./jun. 2014.
- BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato I. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, ago. 2001.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato II. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, jun. 2002.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato III. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, abr. 2004.
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CORREIA, Almir Aquino (org). Ciberespaço: mistificação e paranóia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. Iberic@I Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, Paris, n. 2, p. 13-18, 2012. Disponível em : <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em 20 jul. 2020.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. O que é crítica literária?. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.
- FERRÉZ. Capão pecado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005a.



FERRÉZ, (org). Terrorismo Literário. In: Literatura Marginal: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005b.

FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A política do hip hop nas favelas brasileiras. Disponível em: <<https://www.heloisabuarquedehollanda.com/periferia>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “Crônica marginal”. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRA, Ettore. Possibilidades da Nova Escrita Literária no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2014. p. 25-38.

LINS, Paulo. Cidade de Deus. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARTINS, Geovani. O sol na cabeça. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

MARTINS, Maria Luiza Navarro; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições **da Caros Amigos** “Literatura marginal - A cultura da periferia”. Revista Crioula, São Paulo, no.21, p.67-88, jan./jul. 2018.

Memorial da democracia. 'Literatura marginal' é a voz da periferia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/a-periferia-por-ela-mesma>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Vozes marginais na literatura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A crítica literária. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das letras, 2016. p. 60-69.

RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Title

@Peripheral_Literature: the critical reception of the special volumes of Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura Da Periferia” on internet.

Abstract

Diversity stands out as a feature of contemporary Brazilian fiction, present in multiple forms: tones, themes and, especially, multiple convictions about what literature is (RESENDE, 2008). In this context, the



occupation of the literary scene by voices that were once on the fringes of national artistic production is earning importance. This aspect is in line with the changes that have occurred in the post-modern period, especially those related to the field of communication, whom the Internet has changed our way of being in the world, which includes literary practices. In view of this, the network becomes a new and important support for the production, dissemination and critical exercise of literature. Based on these aspects, and taking as a basis the theoretical assumptions discussed by Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013) and Resende (2008), among other scholars, this paper aims to discuss the critical reception of Caros Amigos' special volumes entitled "Literatura Marginal – A Cultura da Periferia" on internet. As a result, it is observed that, although timidly, the exercise of critical reception of these editions was not absent from the internet, contributing to the strengthening of the visibility of the political-literary project idealized and developed by peripheral writers.

Keywords

Critical reception; Internet; Marginal literature; Caros Amigos – "A cultura da periferia" magazine.

Recebido em:

Aceito em



=====
Arquivo 1: [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#) (6257 termos)

Arquivo 2: <http://www.each.usp.br/revistaec/?q=revista/1/marcos-fundamentais-da-literatura-periférica-em-são-paulo> (9636 termos)

Termos comuns: 163

Similaridade: 1,03%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** <http://www.each.usp.br/revistaec/?q=revista/1/marcos-fundamentais-da-literatura-periférica-em-são-paulo>

=====
@LITERATURA_PERIFÉRICA: A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS EDIÇÕES DA CAROS AMIGOS “LITERATURA MARGINAL – A CULTURA DA PERIFERIA” - NA INTERNET .

RESUMO: A diversidade destaca-se como característica marcante da ficção brasileira contemporânea, presente em múltiplas formas, tons, temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura (RESENDE, 2008). Neste contexto, ganha relevo a ocupação da cena literária protagonizada por vozes que, antes, se encontravam à margem **da produção literária** nacional. Esse aspecto está alinhado a mudanças ocorridas no período pós-moderno, entre elas as relacionadas ao campo da comunicação, no qual a internet alterou o modo de ser e estar no mundo, o que inclui as práticas literárias. Diante disso, a rede passa a ser um novo e importante suporte para a produção, a divulgação e o exercício crítico do fazer literário. **A partir do** exposto e tomando como base os pressupostos teóricos abordados por Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013), Resende (2008), entre outros estudiosos, o presente artigo tem por objetivo analisar a recepção crítica na internet das edições **Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”**, **que** são um marco para a consolidação **do movimento literário** marginal periférico. Como resultado do estudo, observa-se que, embora de forma tímida, o exercício de recepção crítica das edições não se fez ausente na rede, contribuindo para o fortalecimento do projeto político-literário idealizado e desenvolvido pelos **escritores da periferia**.

PALAVRAS-CHAVE: recepção crítica; internet; literatura marginal; **revista Caros Amigos – A cultura da periferia**.

1 INTRODUÇÃO

Decorrente da emergência de novas vozes na ficção brasileira contemporânea, até recentemente afastadas do universo literário, surgiu a expressão artística que vem da periferia dos grandes centros urbanos brasileiros, **a literatura marginal**, **que** “[...] procura refletir os aspectos mais inumanos e marginalizados de nossa realidade social” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 99). Passo importante rumo à democratização do campo literário, até então não formatado para ser protagonizado por indivíduos que não pertencem aos nichos de poder. Afinal, como aponta Dalcastagnè (2012, p. 13): “[...] a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é **a possibilidade de** dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele”.

Dessa forma, se outrora havia vozes que buscavam falar em “nome deles”, agora é do próprio sujeito periférico que deve emergir a denúncia, o protesto, tornando-se, assim, agente de sua própria história



(BRANDILEONE, 2013, p. 26). **Em outras palavras**, a voz que narra não é de alguém que olha de fora, a contar do outro, mas **de uma perspectiva** de dentro; identidade **da literatura marginal**, segundo Ferréz:

A Literatura Marginal sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. (FERRÉZ, 2005b, p. 12).

É, então, dessa “margem” que os escritores marginais granjeiam o **seu lugar de** fala para vociferarem sobre suas próprias realidades. Entre os expoentes do movimento estão **Paulo Lins** (2002) e Ferréz (2005a), que publicaram, respectivamente **Cidade de Deus** e **Capão Pecado**.

A literatura marginal está assentada em **uma produção literária que** encontra nos princípios socioeconômico e geográfico, seu fator de reconhecimento, segundo Patrocínio (2013). Por isso, segundo o autor, **um dos elementos** mais importantes para a identificação desse grupo, que reúne **escritores da periferia**, é a territorialidade do texto, seja porque a periferia torna-se o cenário das narrativas, seja pelo fato de seus autores residirem em espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões.

O termo, ainda, designa uma literatura que **se propõe a** intervir no modelo de produção literária praticado pelo sujeito burguês: “Nesses termos, passa a ser denominada não apenas a literatura que está à margem, mas aquela **que se coloca** à margem enquanto proposta de intervenção literária que busca uma sombra na modelação do sujeito burguês” (PATROCÍNIO, 2013, p. 27). Não por acaso, **a literatura marginal** leva para o centro da discussão a realidade de violência e de vulnerabilidade social sofrida pelos sujeitos periféricos, que narram **a partir de** suas próprias experiências de vida. Sob esta perspectiva, opera segundo um caráter híbrido, entre o referencial, dado pelo discurso biográfico do autor, que utiliza a sua própria trajetória de vida como matéria fundante de sua produção ficcional, e o discurso propriamente ficcional da narrativa.

É fruto desse movimento os três volumes **da Revista Caros Amigos - Literatura Marginal**: “**A cultura da periferia**” **que**, organizados por Ferréz, **em parceria com a Editora Casa Amarela**, foram publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004. Esses volumes são compreendidos, por estudiosos, como um marco na formação e estruturação **de um projeto** literário coletivo, cujo objetivo era reunir as diversas vozes das periferias. É o caso de Patrocínio, para quem as edições especiais da Caros Amigos favoreceram “[...] a formação de um espaço discursivo próprio dentro da série literária hegemônica” (2013, p.16).

Também para Nascimento (2009), os três atos propiciaram a apropriação e a legitimação de um novo sentido para o adjetivo marginal, qualificando uma nova vertente literária no panorama contemporâneo. Além disso, foram porta de entrada **para a inserção** de diversos **escritores da periferia na cena literária** brasileira (NASCIMENTO, 2009). Já para Holanda (2014), os números especiais da revista são “[...] seminais, **no sentido de** que Caros Amigos tem uma circulação **mais ampla e** diversificada, tem a atenção dos antenados, uma boa distribuição, e me parece que foi aí, nesses números especiais, que nasceu e se firmou a noção **de literatura marginal** como a nova expressão **literária das periferias**” (HOLLANDA, 2014, p. 33).

Compostos de poemas, contos, crônicas e letras de rap, os atos possuem a marca **de 48 escritores e** rappers, provenientes das grandes periferias urbanas, principalmente **de São Paulo e do Rio de Janeiro**. Vale destacar que a distribuição das revistas foi realizada, de forma gratuita, nos bairros das comunidades, como apontado por Nascimento (2009); fator que evidencia o lema dessas produções: uma **literatura da periferia** para a própria periferia. Logo, esses textos estabelecem um diálogo contínuo com as



comunidades em que vivem e tematizam assuntos relacionados ao seu cotidiano, como, por exemplo, a violência e a falta de estrutura, que afeta a sobrevivência e a subsistência dos moradores (NASCIMENTO, 2009).

Considerando a relevância dessa coletânea para firmar e afirmar a expressão literária vinda das periferias e, assim, edificar um projeto literário de cunho inédito, é que surgiu o interesse em investigar a recepção crítica desses volumes na internet. De um lado para identificar o espaço que esses volumes obtiveram **na cena literária** brasileira, já que se inscreveram como marco para afiançar e consolidar **o movimento literário** marginal e, de outro, verificar a sua ressonância em outro suporte, que não o jornal; lócus até então institucionalizado para o exercício **da crítica literária**, mas que tem, paulatinamente, deixado de ser o principal meio de **difusão da literatura**.

Sabe-se que o advento da internet e da tecnologia eletrônica aplicada à literatura, por meio da apropriação de novos dispositivos, tornou a circulação de textos muito mais fácil e rápida, bem como vitrine para novos autores, o que “[...] possibilitou o aparecimento de milhares de novos leitores críticos, de competência variada, em sites ou em blogs” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 68). Além disso, o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, **uma vez que o processo de** criação literária se tornou um processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor. Desse modo, o texto literário ganhou uma nova dimensão não só pela velocidade da criação, mas também pela transmissão e recepção dos textos, muitas vezes associada a debates inflamados sobre textos e autores (CORRÊA, 2008). Aspecto que se pretende esquadrihar, **a partir do** mapeamento da recepção crítica, os três atos **de “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”** em blogs e demais práticas da internet. O presente trabalho está organizado em duas seções: na primeira, contextualiza-se a respeito da manifestação **da crítica literária** na internet e no fortalecimento das práticas virtuais na recepção e divulgação dos autores e textos literários. Em seguida, na última seção, análise do mapeamento da fortuna crítica, a fim de evidenciar a repercussão dos referidos volumes na internet.

2 A CRÍTICA LITERÁRIA ENTRE FIOS E CONEXÕES

Desde o advento do jornalismo **no Brasil, em meados do século XIX**, a literatura ganhou espaço privilegiado e, por isso, a crítica literária era aguardada (e temida) com expectativa por escritores e editores. De um lado porque o jornal tornou-se o principal veículo de divulgação do literário, seja através da publicação de obras literárias, notícia de lançamentos de livros, notas sobre escritores e obras ou, ainda, por exercer **a função de** difundir artigos críticos, resenhas e entrevistas. **Por outro lado**, prestou-se como fonte de renda para os escritores, concedendo-lhes não só condições mínimas de independência econômica, mas também os libertando, ainda que provisoriamente, das demandas éticas e estéticas dos mecenas (BORDIEU, 2009). Desse modo, o jornal configurou-se como prestigiada instância de legitimação **de escritores e** de suas obras.

Atualmente, no entanto, pode-se verificar o paulatino apagamento **da crítica literária** nos jornais, ficando restrita aos poucos suplementos literários que ainda resistem, como é o caso do Jornal Rascunho, Cândido e o Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco ou, então, aos cadernos culturais de circulação em massa que, atualmente, estão mais à serviço do colunismo social que do exercício propriamente **da crítica literária** (FRANCHETTI, 2005). Já a crítica literária produzida nas universidades, ficam, em sua grande maioria, encastelada nelas mesmas, sobrevivendo bravamente, sem sucumbir. Essas constatações encontram eco em Durão (2016), que evidencia as fragilidades **da crítica literária** contemporânea, tanto da crítica acadêmica quanto da crítica praticada no jornal:



Quando postas lado a lado, a crítica acadêmica e a crítica de jornal deixam entrever suas fraquezas: por não ter um compromisso direto com o receptor, a crítica acadêmica é muitas vezes abstrusa e desnecessariamente difícil, a desproporção entre a produção e o uso – centenas e centenas de livros e milhares de artigos científicos não têm mais do que meia dúzia de leitores cada [...] Já a crítica de jornal parece estar cada vez mais incluída em uma lógica de mercado. Isso se manifesta em uma tendência para beneficiar a superficialidade, reduzir o espaço de reflexo e ignorar aquele desinteresse sem o qual a crítica alguma pode ser exercida: no limite, o jornal pode fazer o comentário de um livro como se estivesse planejando sua campanha publicitária. (DURÃO, 2016, p. 12-13).

Tendo em vista os limites da crítica literária exercida no jornal e na Academia é que a internet se apresenta como um novo suporte que, entretanto, não foge à lógica comercial; aspecto já delineado por Franchetti a respeito do jornal. Para Durão (2016), a prática **da crítica literária** nos espaços virtuais serve, não raro, como veículo de propaganda de certos escritores e obras:

[...] quando a crítica é submetida à mesma lógica comercial da indústria cultural, o ter-que-dizer antepõe-se ao ter-o-que-dizer. Ela vê-se muitas vezes obrigada a achar o que comentar em objetos que talvez não fossem merecedores de comentário. Se a crítica abre mão da resistência ao ter-que-dizer como a priori, ela converte-se em algo não muito melhor que uma simples propaganda da obra e de sua editora. (DURÃO, 2016, p. 114).

Nesse contexto, pode-se observar diferentes atuações do mercado, que se manifestam, sobretudo, pela contratação de ações de publicidade por parte das editoras e de autores independentes, **que vão desde** a divulgação da capa e/ou da sinopse de determinado livro nas redes sociais, maior destaque para o Instagram, até **a leitura de** parte de determinada obra e/ou **a publicação de um** vídeo com impressões de leitura para o Youtube. Outra prática comum nesses canais de vídeos sobre livros no Youtube é o envio, por parte das editoras, de seus livros recém lançados, os quais aparecem em vídeos intitulados como “bookhall” e/ou de caixa-postal que são publicados mensalmente; nessa prática, no entanto, não ocorre a contratação de um serviço como mencionado anteriormente. Em todas essas situações, o booktub toma o lugar do outdoor; estratégia de marketing ainda responsável por divulgar o que de mais novo há no mercado.

Espaço decorrente das transformações tecnológicas ocorridas no final do século passado, principalmente no que tange à democratização do acesso à rede e ao surgimento de plataformas de comunicação como blogs e redes sociais, a exemplo o Blogger, Orkut, Facebook e Youtube, a internet assemelha-se, portanto, a uma (nova) ágora, no qual os indivíduos têm **a possibilidade de** se expressarem e construir linhas de pensamentos de forma coletiva.

É, então, por meio das redes sociais que os usuários encontram **a possibilidade de** organizarem lócus de interesse comuns, na medida em que surgiram “[...] novas formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos” (CASTELLS, 2003, p. 110). Por favorecer a liberdade de expressão, os indivíduos encontram, ainda, **a possibilidade de** ampliar suas formas de interação social e, **ao mesmo tempo**, encontrar um espaço de uso comum e coletivo.

Sendo assim, não é surpreendente verificar que surgiram novos círculos, formados pelos usuários da rede, que se unem para debater assuntos relacionados ao universo literário em diversos sites e redes sociais. Entre eles, pode-se citar os blogs “Literature-se”, criado por Mellory Ferraz, e “Tiny Little Things”, de

Tatiana Feltrin, que também se inscrevem em outras plataformas sociais, como canais no Youtube, perfis no Instagram e página no Facebook . No caso de Mellory Ferraz, há também um grupo produzido por ela no Facebook, em que seus membros compartilham informações, dicas de leitura e realizam o exercício crítico das leituras em curso e/ou finalizadas.

Apesar do exercício crítico praticado nessas plataformas de comunicação ser de base mais impressionista , o leitor (comum) pode estabelecer um canal de comunicação não apenas para manifestar e expor sua opinião, mas também debater com outros leitores. Aspecto que encontra ressonância em considerações de Resende, para quem a literatura “[...] na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação” (2008, p. 18). Também Schøllhammer (2009) enfatiza que a rede alterou a circulação e a recepção **do texto literário, bem como a relação entre o escritor e o público:**

As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os blogs, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 13).

Diante do exposto, verifica-se que a produção e a circulação de textos literários e da própria crítica se tornaram mais veloz, podendo alcançar tanto o público já interessado em literatura quanto aquele que não possui tanto contato com o universo literário, instigando-o a conhecer e a realizar novas leituras.

Entretanto, a crítica literária na rede é uma faca de dois gumes. Se por um lado a internet é espaço aberto , **em que os** usuários possuem vasta liberdade para exprimir seu **ponto de vista** a respeito do que tem lido, por outro, o exercício crítico nas práticas virtuais pode, muitas vezes, ser superficial, como alerta Perrone-Moisés: “[...] a crítica dos blogs assemelha-se à jornalística por seu dinamismo e seu caráter judicativo, mas por ser individual e anárquica carece, frequentemente, de fundamentos sólidos” (2016, p. 61). Outra faceta da internet se encontra na efemeridade das informações publicizadas. Assim, se **a força da** internet está na sua forte **relação com o** presente, dado o seu consumo instantâneo e seu caráter intempestivo, os dados exibidos na rede podem se obliterar, seja por falta de atualização contínua, problemas na hospedagem de sites e blogs, ou até mesmo devido à ação de hackers. É por esse motivo que muitos blogs e sites desaparecem no universo de informações que há por detrás das conexões. Nessa perspectiva é que o os jornais e livros físicos facilitam a preservação **da crítica literária** se comparado às práticas virtuais. A seguir, análise do mapeamento da recepção crítica dos volumes **da Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia”**.

3. NAVEGANDO NO MAPEAMENTO

O mapeamento realizado entre 2017 e 2018 da fortuna crítica das três edições **de Literatura Marginal da Revista Caros Amigos** deu-se por meio de pesquisas no Google, **a partir de** palavras-chave relacionados aos volumes, a exemplo: Ferréz e **Caros Amigos; Literatura Marginal; Talentos da Periferia; A cultura da periferia; Revista Caros Amigos**. Importante dizer que o objetivo da pesquisa foi o resgatar as manifestações críticas do calor da hora, entre de 2001 a 2004. Entretanto, também foram consideradas manifestações críticas de 2005, por coincidirem com o lançamento da coletânea intitulada **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**, organizada **por Ferréz e** publicada em 2005, que reúne textos das três edições em questão.

Ao todo foram encontradas duas publicações em blogs especializados de literatura que, apesar de não tratarem especificamente dos volumes, ambas as postagens apresentam uma densa discussão sobre **a**



literatura marginal, citando inclusive as edições **da revista, de** forma que é possível obter um posicionamento crítico. Quanto ao exercício crítico por leitores não especializados, foram encontradas duas manifestações no blog **do escritor Ferréz**.

Os artigos referentes à crítica especializada foram localizados no blog homônimo de Heloisa Buarque de Hollanda e são dois: “A política **do Hip Hop** nas favelas brasileiras” e “Literatura marginal”. O segundo texto mencionado já não se encontra, porém, disponível, **uma vez que** o blog da pesquisadora passou por alterações, inclusive no link, que passou a se denominar “Heloisa Buarque Projetos”. Desse modo, grande parte do conteúdo antes disponível já **não pode ser** acessado. Além disso, o artigo “A política **do Hip Hop** nas favelas brasileiras” foi atualizado na nova versão do portal. Isso demonstra e reforça a efemeridade dos dados na rede; aspecto já discutido na seção anterior deste artigo. Felizmente, ambos os artigos foram salvos previamente. Relevante ressaltar que no blog, de onde inicialmente os artigos foram encontrados, não há referência sobre a data das publicações. Infere-se, no entanto, que os artigos foram publicados no intervalo entre os atos I e II dos volumes especiais da Caros Amigos, isto é, entre junho de 2002 e abril de 2004, pois em um trecho do artigo “Literatura marginal”, a pesquisadora escreve: “Ferréz organizou dois números especiais **da Revista Caros Amigos** chamados “Literatura Marginal” com que reúnem e divulgam **escritores da periferia**, abrindo espaço para nos talentos locais”.

No artigo “A política **do Hip Hop** nas favelas brasileiras”, a pesquisadora inicia a discussão abordando a intensificação do processo de “favelização” ocorrido **nas últimas décadas**, ressaltando **a importância das** manifestações culturais nessas comunidades:

Uma das mais interessantes reações ao recuo do Estado no que diz respeito às políticas sociais, é o caso dos processos de atuação que se desenvolvem na cultura **do hip hop** tal como vêm sendo praticados nas favelas e comunidades de baixa renda **no Brasil**.

A seguir, a autora aborda o hip hop para evidenciar que essa manifestação artística adquiriu novas características no Brasil, sendo a principal delas assumir um caráter de “capitalismo cultural”, devido à abertura para o mercado; aspecto que se distancia do local de origem do movimento, a Jamaica. Salienta, também, que aqui os artistas **da cultura hip hop** passaram a concebê-la como mecanismo **para o desenvolvimento** social e político nas comunidades. Outra especificidade adquirida em terras nacionais foi que o hip hop passou a agregar em sua forma novas expressões artísticas, como a literatura, associando-se a um projeto educacional que visa à ampliação do acesso ao conhecimento:

Antes de mais nada, é importante esclarecer que o hip-hop, nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, é mais abrangente do que sua forma original norte americana que é composto tradicionalmente pelo rap, grafite, MCs e break dance (bboys). No Brasil, o hip hop, além desses, agrega a literatura (uma tendência muito forte e prestigiada do nosso hip hop), algumas formas de competição esportivas como o basket de rua, além do que me parece mais interessante, **que é o conhecimento**. **A partir da** necessidade política de valorização da história local e das raízes culturais **do hip hop**, podemos observar nas comunidades hip hop brasileiras um investimento bastante significativo nas formas de aquisição e produção de conhecimento em formas cada vez mais amplas e diversificadas, incluindo-se aqui um real aumento na taxa de entrada destes artistas em instituições de educação formal de ensino médio e superior

Essa filiação **do hip hop** à literatura, sobretudo às práticas poéticas do rap, encontram eco nas



considerações de Patrocínio (2013) e da própria autora, em artigo intitulado “Crônica marginal”. Assim como o movimento hip hop, a produção literária marginal, segundo Patrocínio (2013), é um discurso de contestação que aglutina vozes marginalizadas, a fim de produzir uma fala contrária ao estabelecido e, assim, gerar um projeto de resistência e afirmação de uma identidade própria, já que o discurso é construído pelo subalterno. Engajamento político e compromisso social que acabam suscitando o protesto e a conscientização dos indivíduos à margem que, por sua vez, motivam ações culturais pedagógicas “[...] com excelentes resultados para as comunidades pobres” (HOLLANDA, 2014, p. 31). Além disso, ambas as manifestações culturais apresentam um discurso de valorização da identidade periférica e o mesmo teor de crítica social e, por isso, instrumento de denúncia de um cotidiano marcado pela vulnerabilidade e pela desigualdade social. Por isso, continua Hollanda em “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, o movimento artístico das periferias brasileiras possui um cunho intervencionista, que se manifesta no compromisso de dedicar-se à defesa das causas e das experiências dos oprimidos, denunciando as mazelas das comunidades, e em promover mudanças sociais. E, como força dessa (nova) cultura periférica, ela cita o AfroReggae, mundialmente reconhecido pelo seu ativismo por meio da arte, e a produção literária dos escritores periféricos, consumida nas próprias comunidades.

É, então, nesse contexto que a autora aponta para a produção literária desenvolvida na periferia e menciona Ferréz, ressaltando a sua atuação na comunidade de Capão Redondo e, assim, seu ativismo ao ressaltar que o escritor “[...] assume publicamente o compromisso de sua literatura em estilo e em ativismo com o movimento hip hop”. Além disso, ela o caracteriza como “uma forte liderança entre seus “brothers”, referindo-se à organização das edições da Caros Amigos, que “[...] reúne diversos escritores da periferia, abrindo assim espaço para os talentos locais”; consideração presente nas duas publicações encontradas da estudiosa.

Já no artigo “Literatura Marginal”, a pesquisadora evidencia o caráter de autorrepresentatividade do movimento literário periférico, afirmando que a partir dele “[...] a própria noção de cultura, e por tabela a de literatura, é forçada a repensar seus parâmetros e até mesmo, – o que mais interessante –, sua função social”. Outros estudiosos da literatura marginal também apontam para a necessidade de rever o estatuto que rege o texto literário quando a produção literária dos escritores da periferia são objeto de reflexão. É o caso de Nascimento (2009), para quem “[...] a criação literária é o meio pelo qual os autores estão expressando outras preocupações que não as pertinentes à formalização estética, e que envolvem questões, sociais, culturais e políticas” (NASCIMENTO, 2009, p. 165). Ou, ainda, Patrocínio (2013), que define a literatura marginal como “[...] ferramenta para o estabelecimento de uma compreensão de estruturas sociais desiguais e para denunciar situações de vulnerabilidade sofridas pelos residentes em favelas e bairros de periferia” (PATROCÍNIO, 2013, p. 49) e, por isso, deve ser lida segundo “[...] uma chave de leitura que possibilite uma análise conjugada: ler no texto literário a presença do sentido político e social do movimento” (PATROCÍNIO, 2013, p. 51). Sob essa ótica, a literatura marginal deve ser avaliada, principalmente, por meio de sua orientação política, social e ética, em detrimento de sua dimensão estética: “[...] na estruturação desse novo grupo, o estético foi colocado em segundo plano, não negligenciado, mas é suprimido pela importância conferida à ética” (PATROCÍNIO, 2013, p. 39).

Nessa perspectiva é que, segundo Hollanda, a literatura periférica institui um novo cânone que estaria “[...] em processo de gestação”. Em artigo já aqui referenciado, “Crônica marginal”, a autora reitera essa percepção quando destaca que a publicação de Cidade de Deus, de Paulo Lins, em 1997, funda não apenas “[...] um formato narrativo-descritivo de ação que vai marcar a estética do final do século na literatura, na TV e no cinema” (HOLLANDA, 2014, p. 29), mas também um “novo cânone” (HOLLANDA, 2014, p. 29). Ponto de vista partilhado por Patrocínio (2013), que compreende a obra de Lins como uma



espécie de marco inaugural do movimento de autores periféricos; caminho aberto que “[...] está sendo percorrido por inúmeros **autores da periferia, como** Ferréz, Allan Santos Rosa, Sérgio Vaz, Sacolinha, Alexandre Buzo e Rodrigo Ciríaco, para citar os mais representativos” (PATROCÍNIO, 2013, p. 15). Além da autorrepresentatividade, a estudiosa também põe em relevo o olhar para o que ela chama de “interior” dos escritos marginais, que possibilita “[...] pela primeira vez [...] uma detalhada anatomia do cotidiano da miséria e do crime no Brasil, agora com as cores da experiência vivida” e **que, por** isso, “[...] já **não se trata** mais da favela idealizada”. Esse olhar de dentro produzida por esses autores, baseada nas cores da experiência vivida e materializada nos textos literários, caracteriza **um dos elementos** configuradores mais relevantes **da literatura marginal** periférica, conforme assinalado anteriormente. Não por acaso, o retrato gerado pela ficcionalização dos traços autobiográficos dificulta a separação do que é ficcional e do que é biográfico, o que, não raro, dá aos escritos marginais um caráter documental; procedimento que visa ao desenvolvimento de uma consciência identitária coletiva dos sujeitos que vivem nas periferias, como aponta Patrocínio :

O objetivo, claramente ancorado em um engajamento através da literatura, aponta para **o desejo de** formar um povo que se configura de forma anômala, espreado nas margens urbanas. A formação desse povo marginalizado se dá na sua ficcionalização, empreendendo para isso o resgate de elementos reais e fatos concretos. Nessa articulação, entre ficção e realidade, o povo é reinventado, favorecendo a construção identitária **a partir de um** discurso de afirmação. (2013, p. 59).

É, então, na busca por retratar a realidade e a experiência marginais, que o diálogo entre o ficcional e a realidade se concretiza, contribuindo, dessa forma, para a construção identitária da própria periferia, sem, entretanto, abrir mão da denúncia, já que **a literatura marginal** é uma enunciação marcada por um forte apelo político e social, não se reduzindo “[...] ao literário, expande-se e passa a observar o seu sentido político, social e cultural” (PATROCÍNIO, 2013, p. 50).

Para finalizar as discussões **de “Literatura Marginal”**, Hollanda revisita questões importantes já apresentadas, como a ocupação da cena literária pelas vozes marginais e o novo processo de mediação de suas realidades, já que em vez de objeto de discurso, os periféricos passam a ser sujeitos de discurso: “[...] estamos aprendendo que em vez de interpretar demandas e traduzir diretamente culturas devemos exercer o papel de negociadores que possam relativizar nossos espaços de fala”. Ela, também, expõe o impacto causado por essa produção literária no cenário cultural brasileiro, que possibilita repensar “[...] **o que seria uma** cultura ‘alta’ e uma cultura ‘baixa’ seja ela uma cultura de massa ou popular”. Apontamento que sinaliza para o deslocamento das esferas do saber e do poder no âmbito das práticas histórico-culturais, afinal, a produção intelectual epistemológica e cultural não fica mais restrita a um grupo minoritário. **Por último, a** pesquisadora encerra o texto dando seu parecer em relação a essas novas vozes : “[...] e, finalmente, gostaria de passar para vocês o entusiasmo que estou vivendo com esse momento meio assustador, mas certamente atraente”. Logo, verifica-se que Hollanda possui uma visão positiva em relação a essa linha de força **da produção literária** contemporânea. Vale ressaltar que a recepção entusiasmada dos textos oriundos de **escritores da periferia** se mantém presente mesmo depois de mais de uma década da publicação dos volumes especiais da Caros Amigos, haja vista, por exemplo, o sucesso de crítica e de público do livro O sol na cabeça, de Giovani Martins, publicado em 2018, recentemente indicado ao Prêmio Jabuti na categoria conto; autor que toma para si a alcunha de escritor periférico.

No **que se refere** às manifestações críticas não vinculadas à crítica especializada, foram localizados dois



comentários no blog pessoal de Ferréz, publicados em 2005. Apesar de não coincidirem com o lançamento dos atos, estão temporalmente situados no período da publicação da coletânea **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**, que reúne alguns escritos das três edições. No primeiro comentário, um morador da periferia apresenta seu **ponto de vista sobre o livro Capão Pecado, de Ferréz (2000)**: “[...] tempos atrás li o **capão pecado** e particularmente não gostei muito (achei um tanto apelativo em relação a sociedade) antes que você pense algo, também sou da periferia”. Entende-se **que é a partir da** estratégia narrativa **da produção literária** marginal de colocar o próprio excluído para narrar a sua história e a dos seus iguais, o que, não raro, reverbera uma relação direta com o mundo (realidade elevada à máxima potência), conferindo ao texto certa referencialidade, que se pode ler as ponderações desse leitor. A busca pela autenticidade da “vida como ela é” dos escritos marginais pode ter motivado o leitor a chamar de “apelativo” o retrato social da periferia figurado **por Ferréz em Capão Pecado**. E acrescenta: “[...] espero **que não se** sinta ofendido pela crítica, é apenas minha humilde opinião, além do mais eu penso o seguinte ‘quem é competente, não tem medo de críticas’”.

O internauta também revela seu posicionamento quanto à publicação da coletânea organizada **por Ferréz, em 2005, que** reuniu parte dos textos dados à público pelas edições da Caros Amigos: “[...] achei bem legal isso, quando eu li a primeira vez já havia achado muito boa as idéias publicadas na revista”. Evidencia, ainda, certo preconceito e descrença por parte da sociedade em relação aos escritores oriundos da periferia, incluindo-se entre eles: “É engraçado o quanto ninguém dá nada para você quando você é **da periferia não** é mesmo? [...] eles pensam que você é burro, não conhece nada e adoram dar uma de Pseudos Intelectuais”. Por fim, informa que possui um blog e convida Ferréz a acessá-lo:

[...] gostaria que lesse meu blog e me respondesse [...] ignore este blog do Blogspot [...] eu pretendo logo fazer um blog com uma ideologia mais séria, pois este blog que estou usando é mais uma espécie de “passatempo”, afinal eu publico de tudo um pouco lá.

A citação acima corrobora aspecto anteriormente destacado e **que se refere** à possibilidade de o usuário comum da internet criar plataformas para produzir conteúdo e/ou manifestar-se criticamente sobre literatura, não sendo necessário que seja especialista na área para realizar tal exercício.

O segundo comentário foi realizado por uma estudante de Letras, e versa a respeito da forma **em que teve** acesso à produção de Ferréz: “Oi Ferréz você não me conhece e eu pouco lhe conheço mas já sou uma fã e leitora, tive acesso à seus textos através da caros amigos, incrível essa revista”. A seguir, acrescenta: “Estou 2º ano do curso de Letras aqui perto de minha cidade, ja levei textos seus para apresentação de trabalhos, quero pesquisá-los, será meu tema de conclusão de curso”. E finaliza seu comentário dizendo: “**A partir de** agora mantereí sempre o contato e vou sentir-me honrada quando concluir meu trabalho e ele for um grande sucesso, pois o tema ja é”. Com base nesse comentário, verifica-se **que os** três volumes **do suplemento** “**Literatura Marginal – A Cultura da Periferia** Ato I, Ato II e Ato III”, publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004 **pela revista Caros Amigos**, atuam como caminho condutor para outras leituras do movimento, **ao mesmo tempo** que revela a inserção das vozes marginais periféricas no espaço universitário, o que possibilita travar debates mais densos sobre a produção marginal.

No site Memorial da democracia foi encontrada outra publicação intitulada “LITERATURA MARGINAL' É A VOZ DA PERIFERIA” **que**, embora não trate especificamente das edições da Caros Amigos, aborda a coletânea **Literatura marginal: talentos da escrita periférica** que, conforme destacado anteriormente, foi gerada **a partir da** publicação dos três atos. Para o leitor, o livro **organizado por Ferréz** pode ser considerada como “[...] referência na literatura brasileira do início do século 21, marcada pelo



protagonismo de **autores da periferia**". Além disso, destaca a linguagem dos escritos marginais: "A linguagem marginal se relaciona, portanto, **com a cultura da periferia e com a** valorização de seu vocabulário e de sua própria dicção". Antes de finalizar o texto, aborda a fratura promovida pelos escritores periféricos no campo literário hegemônico, colocando em relevo o olhar "de dentro" dessas publicações por colocar o marginalizado como sujeito da sua própria história: "Nesse movimento, a periferia tomaria **para si** o poder de narrar e produzir discursos. **Não se trata**, porém, de um "retrato da periferia", mas da periferia tirando as suas próprias fotos". Esta última citação demonstra que o leitor não apenas a leu a coletânea de contos e poemas, como também o texto introdutório da antologia, intitulado "Terrorismo Literário", **uma vez que** faz paráfrase das palavras de Ferréz: "Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita em carvão, a regra é só uma, mostrar a cara. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto" (FERRÉZ, 2005, p. 9).

Vale destacar que foram encontrados alguns materiais que, apesar de também não estarem relacionados especificamente aos volumes da Caros Amigos, estão **relacionados à literatura** marginal periférica. É o caso de um vídeo no Youtube de entrevista concedida por Ferréz, **Alessandro Buzo e Erton Moraes** e transmitida pelo extinto programa "Jogo de Ideias", em 2005, e que trata sobre o lançamento da coletânea de contos. Também uma comunidade denominada "Literatura Marginal", no Orkut, que já se encontrava indisponível quando da elaboração deste artigo; aspecto que reforça a efemeridade das informações difundidas pela internet. Nela, os usuários da rede trocavam indicações de leitura, realizavam o exercício crítico e divulgavam suas produções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que os volumes especiais **da literatura marginal na Revista Caros Amigos** não passaram despercebidos, o que concorre para reforçar a visibilidade granjeada pelos autores periféricos. Não obstante consideração de Dalcastagnè (2012), que observa a invisibilização desses escritores na imprensa prestigiada e **de grande circulação**. Aspecto que felizmente não se aplica aos volumes aqui discutidos, como problematizado no artigo intitulado "Vozes sobre **a literatura periférica: A** recepção crítica das edições da **Caros Amigos 'Literatura marginal - A cultura da periferia'**", que analisa a recepção crítica no calor da hora dos três atos em jornais de circulação nacional.. Segundo Brandileone e Martins (2018), os recortes jornalísticos publicados em O Estado **de São Paulo** e Folha **de São Paulo** concorrem para comprovar que **o movimento literário** marginal se fez ouvir, fazendo-se ecoar não apenas pelos seus pares. O levantamento dessas manifestações críticas discutidas pelas autoras não exclui, entretanto, as problemáticas levantadas por Dalcastagnè (2012), que envolvem o apagamento de autores e obras periféricas, ainda que representem um passo importante rumo a ocupação de vozes subalternizadas da cena literária brasileira.

A partir do mapeamento da recepção crítica dos volumes especiais da Caros Amigos, pode-se verificar que a internet apresenta-se **como um** fértil suporte para a atuação do exercício **da crítica literária**, seja por meio da crítica especializada, a exemplo da pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda, que discute a respeito **do movimento literário** periférico de forma mais sistematizada, seja **por parte dos** leitores "comuns", que encontram, na rede, espaço para manifestarem suas opiniões sobre os textos literários, **ao mesmo tempo** que possibilita a interação e a troca de experiências com outros leitores. Importante considerar que, embora os comentários recolhidos no blog de Ferréz não forneçam uma discussão mais densa sobre **o movimento literário** marginal, apresentam uma visão bastante particular e peculiar sobre as edições, fator **de grande relevância** porque evidencia a sua recepção por indivíduos que pertencem a diferentes grupos e



esferas sociais.

Pode-se, ainda, constatar que a internet, hoje, também se configura como **espaço de produção** literária, devido ao surgimento de projetos independentes de escritores nas plataformas sociais, cuja experimentação literária servem como termômetro de repercussão dos textos ou primeiro campo de publicação. Nesse contexto, convém mencionar os sites de financiamento coletivo, a exemplo da plataforma Catarse, **que é uma** espécie de “vaquinha” online que subsidia **a publicação de livros** de autores que procuram espaço **na cena literária** nacional. **Ao mesmo tempo**, a web caracteriza-se como veículo para a divulgação de obras, que não foge das garras do mercado, como é o caso das ações de publicidades vendidas pelos booktubers. Por fim, a rede possibilita um espaço de debate sobre **a produção literária**, **em que os** comentários dos internautas, seus likes e dislikes, bem como demais formas de reação, são ansiosamente aguardadas pelos autores, muitas vezes ponto de partida para a manifestação da crítica especializada.

5 REFERÊNCIAS

- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos. In: OLIVEIRA, Vanderléia da Silva; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Desafios contemporâneos: a escrita do agora. São Paulo: AnnaBlume, 2013. p.17-33.
- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do testemunho. Navegação, Porto Alegre, vol.7, no.1, p.23-30. jan./jun. 2014.
- BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a **cultura da periferia** – Ato I. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, ago. 2001.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a **cultura da periferia** – Ato II. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, jun. 2002.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a **cultura da periferia** – Ato III. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, abr. 2004.
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. **Rio de Janeiro: Zahar**, 2003.
- CORRÊA, Almir Aquino (org). Ciberespaço: mistificação e paranóia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. Iberic@l Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, Paris, n. 2, p. 13-18, 2012. Disponível em : <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em 20 jul. 2020.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. O que é crítica literária?. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.



FERRÉZ. Capão pecado. **Rio de Janeiro**: Objetiva, 2005a.

FERRÉZ, (org). Terrorismo Literário. In: **Literatura Marginal: talentos da escrita periférica**. **Rio de Janeiro**: Agir, 2005b.

FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A política **do hip hop** nas favelas brasileiras. Disponível em: <<https://www.heloisabuarquedehollanda.com/periferia>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “Crônica marginal”. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRA, Ettore. Possibilidades da Nova Escrita Literária no Brasil. **Rio de Janeiro**: Revan, 2014. p. 25-38.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. 2ª ed. **São Paulo**: Companhia das Letras, 2002.

MARTINS, Geovani. O sol na cabeça. **São Paulo**: Companhia das Letras, 2018

MARTINS, Maria Luiza Navarro; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Vozes sobre **a literatura periférica**: A recepção crítica das edições da **Caros Amigos** “**Literatura marginal - A cultura da periferia**”. Revista Crioula, **São Paulo**, no.21, p.67-88, jan./jul. 2018.

Memorial da democracia. 'Literatura marginal' é a voz da periferia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/a-periferia-por-ela-mesma>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NASCIMENTO, Érica **Peçanha do**. **Vozes marginais na literatura**. **Rio de Janeiro**: Aeroplano, 2009.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Escritos à margem: a presença de autores de periferia **na cena literária** brasileira. **Rio de Janeiro**: 7 Letras; FAPERJ, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A crítica literária. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. **São Paulo**: Companhia das letras, 2016. p. 60-69.

RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: Expressões **da Literatura Brasileira** no século XXI. **Rio de Janeiro**: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. **Rio de Janeiro**: Civilização Brasileira, 2011.

Title

@Peripheral_Literature: the critical reception of the special volumes of **Caros Amigos** “**Literatura Marginal – A Cultura Da Periferia**” on internet.

Abstract



Diversity stands out as a feature of contemporary Brazilian fiction, present in multiple forms: tones, themes and, especially, multiple convictions about what literature is (RESENDE, 2008). In this context, the occupation of the literary scene by voices that were once on the fringes of national artistic production is earning importance. This aspect is in line with the changes that have occurred in the post-modern period, especially those related to the field of communication, whom the Internet has changed our way of being in the world, which includes literary practices. In view of this, the network becomes a new and important support for the production, dissemination and critical exercise of literature. Based on these aspects, and taking as a basis the theoretical assumptions discussed by Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013) and Resende (2008), among other scholars, this paper aims to discuss the critical reception of Caros Amigos' special volumes entitled "Literatura Marginal – A **Cultura da Periferia**" on internet. As a result, it is observed that, although timidly, the exercise of critical reception of these editions was not absent from the internet, contributing to the strengthening of the visibility of the political-literary project idealized and developed by peripheral writers.

Keywords

Critical reception; Internet; Marginal literature; Caros Amigos – "A **cultura da periferia**" magazine.

Recebido em:

Aceito em



=====
Arquivo 1: [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#) (6257 termos)

Arquivo 2:

https://www.researchgate.net/publication/308746287_Escritos_a_margem_a_presenca_de_autores_de_periferia_na_cena_literaria_brasileira (3126 termos)

Termos comuns: 75

Similaridade: 0,8%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento

https://www.researchgate.net/publication/308746287_Escritos_a_margem_a_presenca_de_autores_de_periferia_na_cena_literaria_brasileira

=====
@LITERATURA_PERIFÉRICA: A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS EDIÇÕES DA **CAROS AMIGOS** “**LITERATURA MARGINAL – A CULTURA DA PERIFERIA**” - NA INTERNET .

RESUMO: A diversidade destaca-se como característica marcante da ficção brasileira contemporânea, presente em múltiplas formas, tons, temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura (RESENDE, 2008). Neste contexto, ganha relevo a ocupação da cena literária protagonizada por vozes que, antes, se encontravam à margem da produção literária nacional. Esse aspecto está alinhado a mudanças ocorridas no período pós-moderno, entre elas as relacionadas ao campo da comunicação, no qual a internet alterou o modo de ser e estar no mundo, o que inclui as práticas literárias. Diante disso, a rede passa a ser um novo e importante suporte **para a produção**, a divulgação e o exercício crítico do fazer literário. A partir do exposto e tomando como base os pressupostos teóricos abordados por Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013), Resende (2008), entre outros estudiosos, o presente artigo tem por objetivo analisar a recepção crítica na internet das edições **Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”**, que são um marco para a consolidação do movimento literário marginal periférico. Como resultado do estudo, observa-se que, embora de forma tímida, o exercício de recepção crítica das edições não se fez ausente na rede, contribuindo para o fortalecimento do projeto político-literário idealizado e desenvolvido pelos escritores da periferia.

PALAVRAS-CHAVE: recepção crítica; internet; literatura marginal; **revista Caros Amigos – A cultura da periferia**.

1 INTRODUÇÃO

Decorrente da emergência de novas vozes na ficção brasileira contemporânea, até recentemente afastadas do universo literário, surgiu a expressão artística que vem da periferia dos grandes centros urbanos brasileiros, **a literatura marginal**, que “[...] procura refletir os aspectos mais inumanos e marginalizados de nossa realidade social” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 99). Passo importante rumo à democratização do campo literário, até então não formatado para ser protagonizado por indivíduos que não pertencem aos nichos de poder. Afinal, como aponta Dalcastagnè (2012, p. 13): “[...] **a literatura brasileira** é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele”.



Dessa forma, se outrora havia vozes que buscavam falar em “nome deles”, agora é do próprio sujeito periférico que deve emergir a denúncia, o protesto, tornando-se, assim, agente de sua própria história (BRANDILEONE, 2013, p. 26). Em outras palavras, a voz que narra não é de alguém que olha de fora, a contar do outro, mas de uma perspectiva de dentro; identidade **da literatura marginal**, segundo Ferréz:

A Literatura Marginal sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. (FERRÉZ, 2005b, p. 12).

É, então, dessa “margem” que os escritores marginais granjeiam o seu lugar de fala para vociferarem sobre suas próprias realidades. Entre os expoentes do movimento estão Paulo Lins (2002) e Ferréz (2005a), que publicaram, respectivamente *Cidade de Deus* e *Capão Pecado*.

A literatura marginal está assentada em uma produção literária que encontra nos princípios socioeconômico e geográfico, seu fator de reconhecimento, segundo Patrocínio (2013). Por isso, segundo o autor, um dos elementos mais importantes para a identificação desse grupo, que reúne escritores da periferia, é a territorialidade do texto, seja porque a periferia torna-se o cenário das narrativas, seja pelo fato de seus autores residirem em espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões.

O termo, ainda, designa uma literatura que **se propõe a** intervir no modelo de produção literária praticado pelo sujeito burguês: “Nesses termos, passa a ser denominada não apenas a literatura que está à margem, mas aquela que se coloca à margem enquanto proposta de intervenção literária que busca uma sombra na modelação do sujeito burguês” (PATROCÍNIO, 2013, p. 27). Não por acaso, **a literatura marginal** leva para o centro da discussão a realidade de violência e de vulnerabilidade social sofrida pelos sujeitos periféricos, que narram **a partir de** suas próprias experiências de vida. Sob esta perspectiva, opera segundo um caráter híbrido, entre o referencial, dado pelo discurso biográfico do autor, que utiliza a sua própria trajetória de vida como matéria fundante de sua produção ficcional, e o discurso propriamente ficcional da narrativa.

É fruto desse movimento os três volumes **da Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia”** que, organizados por Ferréz, em parceria com a Editora Casa Amarela, foram publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004. Esses volumes são compreendidos, por estudiosos, como um marco na formação e **estruturação de um** projeto literário coletivo, cujo objetivo era reunir as diversas vozes das periferias. É o caso de Patrocínio, para quem as edições especiais da *Caros Amigos* favoreceram “[...] a formação **de um espaço** discursivo próprio dentro da série literária hegemônica” (2013, p.16).

Também para Nascimento (2009), os três atos propiciaram a apropriação e a legitimação de um novo sentido para o adjetivo marginal, qualificando uma nova vertente literária no panorama contemporâneo. Além disso, foram porta de entrada para a inserção de diversos escritores da **periferia na cena literária brasileira** (NASCIMENTO, 2009). Já para Holanda (2014), os números especiais da revista são “[...] seminais, **no sentido de** que *Caros Amigos* tem uma circulação mais ampla e diversificada, tem a atenção dos antenados, uma boa distribuição, e me parece que foi aí, nesses números especiais, que nasceu e se firmou a noção **de literatura marginal como** a nova expressão literária das periferias” (HOLLANDA, 2014, p. 33).

Compostos de poemas, contos, crônicas e letras de rap, os atos possuem a marca de 48 escritores e rappers, provenientes das grandes periferias urbanas, principalmente **de São Paulo e do Rio de Janeiro**. Vale destacar que a distribuição das revistas foi realizada, de forma gratuita, nos bairros das comunidades



, como apontado por Nascimento (2009); fator que evidencia o lema dessas produções: uma literatura da periferia para a própria periferia. Logo, esses textos estabelecem um diálogo contínuo com as comunidades em que vivem e tematizam assuntos relacionados ao seu cotidiano, como, por exemplo, a violência e a falta de estrutura, que afeta a sobrevivência e a subsistência dos moradores (NASCIMENTO, 2009).

Considerando a relevância dessa coletânea para firmar e afirmar a expressão literária vinda das periferias e, assim, edificar um projeto literário de cunho inédito, é que surgiu o interesse em investigar a recepção crítica desses volumes na internet. De um lado para identificar o espaço que esses volumes obtiveram **na cena literária** brasileira, já que se inscreveram como marco para afiançar e consolidar **o movimento literário** marginal e, de outro, verificar a sua ressonância em outro suporte, que não o jornal; lócus até então institucionalizado para o exercício da crítica literária, mas que tem, paulatinamente, deixado de ser o principal meio de difusão da literatura.

Sabe-se que o advento da internet e da tecnologia eletrônica aplicada à literatura, por meio da apropriação de novos dispositivos, tornou a **circulação de textos** muito mais fácil e rápida, bem como vitrine para novos autores, o que “[...] possibilitou o aparecimento de milhares de novos leitores críticos, de competência variada, em sites ou em blogs” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 68). Além disso, o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, uma vez que o processo de criação literária se tornou um processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor. Desse modo, o texto literário ganhou uma nova dimensão não só pela velocidade da criação, mas também pela transmissão e recepção dos textos, muitas vezes associada a debates inflamados sobre textos e autores (CORRÊA, 2008). Aspecto que se pretende esquadriñar, a partir do mapeamento da recepção crítica, os três atos **de “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”** em blogs e demais práticas da internet. O presente trabalho está organizado em duas seções: na primeira, contextualiza-se **a respeito da** manifestação da crítica literária na internet e no fortalecimento das práticas virtuais na recepção e divulgação dos autores e textos literários. Em seguida, na última seção, análise do mapeamento da fortuna crítica, a fim de evidenciar a repercussão dos referidos volumes na internet.

2 A CRÍTICA LITERÁRIA ENTRE FIOS E CONEXÕES

Desde o advento do jornalismo no Brasil, em meados do século XIX, a literatura ganhou espaço privilegiado e, por isso, a crítica literária era aguardada (e temida) com expectativa por escritores e editores. De um lado porque o jornal tornou-se o principal veículo de divulgação do literário, seja através da publicação de obras literárias, notícia de lançamentos de livros, notas sobre escritores e obras ou, ainda, por exercer a função de difundir artigos críticos, resenhas e entrevistas. Por outro lado, prestou-se como fonte de renda para os escritores, concedendo-lhes não só condições mínimas de independência econômica, mas também os libertando, ainda que provisoriamente, das demandas éticas e estéticas dos mecenas (BORDIEU, 2009). Desse modo, o jornal configurou-se como prestigiada instância de legitimação de escritores e de suas obras.

Atualmente, no entanto, pode-se verificar o paulatino apagamento da crítica literária nos jornais, ficando restrita aos poucos suplementos literários que ainda resistem, como é o caso do Jornal Rascunho, Cândido e o Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco ou, então, aos cadernos culturais de circulação em massa que, atualmente, estão mais à serviço do colunismo social que do exercício propriamente da crítica literária (FRANCHETTI, 2005). Já a crítica literária produzida nas universidades, ficam, em sua grande maioria, encastelada nelas mesmas, sobrevivendo bravamente, sem sucumbir.



Essas constatações encontram eco em Durão (2016), que evidencia as fragilidades da crítica literária contemporânea, tanto da crítica acadêmica quando da crítica praticada no jornal:

Quando postas lado a lado, a crítica acadêmica e a crítica de jornal deixam entrever suas fraquezas: por não ter um compromisso direto com o receptor, a crítica acadêmica é muitas vezes abstrusa e desnecessariamente difícil, a desproporção entre a produção e o uso – centenas e centenas de livros e milhares de artigos científicos não têm mais do que meia dúzia de leitores cada [...] Já a crítica de jornal parece estar cada vez mais incluída em uma lógica de mercado. Isso se manifesta em uma tendência para beneficiar a superficialidade, reduzir o espaço de reflexo e ignorar aquele desinteresse sem o qual a crítica alguma pode ser exercida: no limite, o jornal pode fazer o comentário de um livro como se estivesse planejando sua campanha publicitária. (DURÃO, 2016, p. 12-13).

Tendo em vista os limites da crítica literária exercida no jornal e na Academia é que a internet se apresenta como um novo suporte que, entretanto, não foge à lógica comercial; aspecto já delineado por Franchetti a respeito do jornal. Para Durão (2016), a prática da crítica literária nos espaços virtuais serve, não raro, como veículo de propaganda de certos escritores e obras:

[...] quando a crítica é submetida à mesma lógica comercial da indústria cultural, o ter-que-dizer antepõe-se ao ter-o-que-dizer. Ela vê-se muitas vezes obrigada a achar o que comentar em objetos que talvez não fossem merecedores de comentário. Se a crítica abre mão da resistência ao ter-que-dizer como a priori, ela converte-se em algo não muito melhor que uma simples propaganda da obra e de sua editora. (DURÃO, 2016, p. 114).

Nesse contexto, pode-se observar diferentes atuações do mercado, que se manifestam, sobretudo, pela contratação de ações de publicidade por parte das editoras e de autores independentes, que vão desde a divulgação da capa e/ou da sinopse de determinado livro nas redes sociais, maior destaque para o Instagram, até a leitura de parte de determinada obra e/ou a publicação de um vídeo com impressões de leitura para o Youtube. Outra prática comum nesses canais de vídeos sobre livros no Youtube é o envio, por parte das editoras, de seus livros recém lançados, os quais aparecem em vídeos intitulados como “bookhall” e/ou de caixa-postal que são publicados mensalmente; nessa prática, no entanto, não ocorre a contratação de um serviço como mencionado anteriormente. Em todas essas situações, o booktub toma o lugar do outdoor; estratégia de marketing ainda responsável por divulgar o que de mais novo há no mercado.

Espaço decorrente das transformações tecnológicas ocorridas no final do século passado, principalmente no que tange à democratização do acesso à rede e ao surgimento de plataformas de comunicação como blogs e redes sociais, a exemplo o Blogger, Orkut, Facebook e Youtube, a internet assemelha-se, portanto, a uma (nova) ágora, no qual os indivíduos têm a possibilidade de se expressarem e construir linhas de pensamentos de forma coletiva.

É, então, por meio das redes sociais que os usuários encontram a possibilidade de organizarem lócus de interesse comuns, na medida em que surgiram “[...] novas formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos” (CASTELLS, 2003, p. 110). Por favorecer a liberdade de expressão, os indivíduos encontram, ainda, a possibilidade de ampliar suas formas de interação social e, ao mesmo tempo, encontrar um espaço de uso comum e coletivo.

Sendo assim, não é surpreendente verificar que surgiram novos círculos, formados pelos usuários da rede



, que se unem para debater assuntos relacionados ao universo literário em diversos sites e redes sociais. Entre eles, pode-se citar os blogs “Literature-se”, criado por Mellory Ferraz, e “Tiny Little Things”, de Tatiana Feltrin, que também se inscrevem em outras plataformas sociais, como canais no Youtube, perfis no Instagram e página no Facebook. No caso de Mellory Ferraz, há também um grupo produzido por ela no Facebook, em que seus membros compartilham informações, dicas de leitura e realizam o exercício crítico das leituras em curso e/ou finalizadas.

Apesar do exercício crítico praticado nessas plataformas de comunicação ser de base mais impressionista, o leitor (comum) pode estabelecer um canal de comunicação não apenas para manifestar e expor sua opinião, mas também debater com outros leitores. Aspecto que encontra ressonância em considerações de Resende, para quem a literatura “[...] na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação” (2008, p. 18). Também Schøllhammer (2009) enfatiza que a rede alterou a circulação e a recepção do texto literário, bem como a relação entre o escritor e o público:

As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os blogs, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 13).

Diante do exposto, verifica-se que a produção e a **circulação de textos literários** e da própria crítica se tornaram mais veloz, podendo alcançar tanto o público já interessado em literatura quanto aquele que não possui tanto contato com o universo literário, instigando-o a conhecer e a realizar novas leituras. Entretanto, a crítica literária na rede é uma faca de dois gumes. Se por um lado a internet é espaço aberto, em que os usuários possuem vasta liberdade para exprimir seu ponto de vista a respeito do que tem lido, por outro, o exercício crítico nas práticas virtuais pode, muitas vezes, ser superficial, como alerta Perrone-Moisés: “[...] a crítica dos blogs assemelha-se à jornalística por seu dinamismo e seu caráter judicativo, mas por ser individual e anárquica carece, frequentemente, de fundamentos sólidos” (2016, p. 61). Outra faceta da internet se encontra na efemeridade das informações publicizadas. Assim, se a força da internet está na sua forte relação com o presente, dado o seu consumo instantâneo e seu caráter intempestivo, os dados exibidos na rede podem se obliterar, seja por falta de atualização contínua, problemas na hospedagem de sites e blogs, ou até mesmo devido à ação de hackers. É por esse motivo que muitos blogs e sites desaparecem no universo de informações que há por detrás das conexões. Nessa perspectiva é que os jornais e livros físicos facilitam a preservação da crítica literária se comparado às práticas virtuais. A seguir, análise do mapeamento da recepção crítica dos volumes **da Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia”**.

3. NAVEGANDO NO MAPEAMENTO

O mapeamento realizado entre 2017 e 2018 da fortuna crítica das três edições **de Literatura Marginal da Revista Caros Amigos** deu-se por meio de pesquisas no Google, **a partir de** palavras-chave relacionados aos volumes, a exemplo: Ferréz e **Caros Amigos; Literatura Marginal; Talentos da Periferia; A cultura da periferia; Revista Caros Amigos**. Importante dizer que o objetivo da pesquisa foi o resgatar as manifestações críticas do calor da hora, entre de 2001 a 2004. Entretanto, também foram consideradas manifestações críticas de 2005, por coincidirem com o lançamento da coletânea intitulada *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, organizada por Ferréz e publicada em 2005, que reúne textos das três edições em questão.



Ao todo foram encontradas duas publicações em blogs especializados de literatura que, apesar de não tratarem especificamente dos volumes, ambas as postagens apresentam uma densa discussão sobre **a literatura marginal**, citando inclusive as edições da revista, de forma que é possível obter um posicionamento crítico. Quanto ao exercício crítico por leitores não especializados, foram encontradas duas manifestações no blog do escritor Ferréz.

Os artigos referentes à crítica especializada foram localizados no blog homônimo de Heloisa Buarque de Hollanda e são dois: “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” e “**Literatura marginal**”. O segundo texto mencionado já não se encontra, porém, disponível, uma vez que o blog da pesquisadora passou por alterações, inclusive no link, que passou a se denominar “Heloisa Buarque Projetos”. Desse modo, grande parte do conteúdo antes disponível já não pode ser acessado. Além disso, o artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” foi atualizado na nova versão do portal. Isso demonstra e reforça a efemeridade dos dados na rede; aspecto já discutido na seção anterior deste artigo. Felizmente, ambos os artigos foram salvos previamente. Relevante ressaltar que no blog, de onde inicialmente os artigos foram encontrados, não há referência sobre a data das publicações. Infere-se, no entanto, que os artigos foram publicados no intervalo entre os atos I e II dos volumes especiais da Caros Amigos, isto é, entre junho de 2002 e abril de 2004, pois em um trecho do artigo “**Literatura marginal**”, a pesquisadora escreve: “Ferréz organizou dois números especiais **da Revista Caros Amigos** chamados “Literatura Marginal” com que reúnem e divulgam escritores da periferia, abrindo espaço para nos talentos locais”.

No artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, a pesquisadora inicia a discussão abordando a intensificação do processo de “favelização” ocorrido nas últimas décadas, ressaltando a importância das manifestações culturais nessas comunidades:

Uma das mais interessantes reações ao recuo do Estado no que diz respeito às políticas sociais, é o caso dos processos de atuação que se desenvolvem na cultura do hip hop tal como vêm sendo praticados nas favelas e comunidades de baixa renda no Brasil.

A seguir, a autora aborda o hip hop para evidenciar que essa manifestação artística adquiriu novas características no Brasil, sendo a principal delas assumir um caráter de “capitalismo cultural”, devido à abertura para o mercado; aspecto que se distancia do local de origem do movimento, a Jamaica. Salienta, também, que aqui os artistas da cultura hip hop passaram a concebê-la como mecanismo para o desenvolvimento social e político nas comunidades. Outra especificidade adquirida em terras nacionais foi que o hip hop passou a agregar em sua forma novas expressões artísticas, como a literatura, associando-se a um projeto educacional que visa à ampliação do acesso ao conhecimento:

Antes de mais nada, é importante esclarecer que o hip-hop, nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, é mais abrangente do que sua forma original norte americana que é composto tradicionalmente pelo rap, grafite, MCs e break dance (bboys). No Brasil, o hip hop, além desses, agrega a literatura (uma tendência muito forte e prestigiada do nosso hip hop), algumas formas de competição esportivas como o basket de rua, além do que me parece mais interessante, que é o conhecimento. A partir da necessidade política de valorização da história local e das raízes culturais do hip hop, podemos observar nas comunidades hip hop brasileiras um investimento bastante significativo nas formas de aquisição e produção de conhecimento em formas cada vez mais amplas e diversificadas, incluindo-se aqui um real aumento na taxa de entrada destes artistas em instituições de educação formal de ensino médio e superior



Essa filiação do hip hop à literatura, sobretudo às práticas poéticas do rap, encontram eco nas considerações de Patrocínio (2013) e da própria autora, em artigo intitulado “Crônica marginal”. Assim como o movimento hip hop, a produção literária marginal, segundo Patrocínio (2013), é um discurso de contestação que aglutina vozes marginalizadas, a fim de produzir uma fala contrária ao estabelecido e, assim, gerar um projeto de resistência e afirmação de uma identidade própria, já que o discurso é construído pelo subalterno. Engajamento político e compromisso social que acabam suscitando o protesto e a conscientização dos indivíduos à margem que, por sua vez, motivam ações culturais pedagógicas “[...] com excelentes resultados para as comunidades pobres” (HOLLANDA, 2014, p. 31). Além disso, ambas as manifestações culturais apresentam um discurso de valorização da identidade periférica e o mesmo teor de crítica social e, por isso, instrumento de denúncia de um cotidiano marcado pela vulnerabilidade e pela desigualdade social. Por isso, continua Hollanda em “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, o movimento artístico das periferias brasileiras possui um cunho intervencionista, que se manifesta no compromisso de dedicar-se à defesa das causas e das experiências dos oprimidos, denunciando as mazelas das comunidades, e em promover mudanças sociais. E, como força dessa (nova) cultura periférica, ela cita o AfroReggae, mundialmente reconhecido pelo seu ativismo por meio da arte, e a produção literária dos escritores periféricos, consumida nas próprias comunidades.

É, então, nesse contexto que a autora aponta para a produção literária desenvolvida na periferia e menciona Ferréz, ressaltando a sua atuação na comunidade de Capão Redondo e, assim, seu ativismo ao ressaltar que o escritor “[...] assume publicamente o compromisso de sua literatura em estilo e em ativismo com o movimento hip hop”. Além disso, ela o caracteriza como “uma forte liderança entre seus “brothers””, referindo-se à organização das edições da Caros Amigos, que “[...] reúne diversos escritores da periferia, abrindo assim espaço para os talentos locais”; consideração presente nas duas publicações encontradas da estudiosa.

Já no artigo “Literatura Marginal”, a pesquisadora evidencia o caráter de autorrepresentatividade do movimento literário periférico, afirmando que a partir dele “[...] a própria noção de cultura, e por tabela a de literatura, é forçada a repensar seus parâmetros e até mesmo, – o que mais interessante –, sua função social”. Outros estudiosos da literatura marginal também apontam para a necessidade de rever o estatuto que rege o texto literário quando a produção literária dos escritores da periferia são objeto de reflexão. É o caso de Nascimento (2009), para quem “[...] a criação literária é o meio pelo qual os autores estão expressando outras preocupações que não as pertinentes à formalização estética, e que envolvem questões, sociais, culturais e políticas” (NASCIMENTO, 2009, p. 165). Ou, ainda, Patrocínio (2013), que define a literatura marginal como “[...] ferramenta para o estabelecimento de uma compreensão de estruturas sociais desiguais e para denunciar situações de vulnerabilidade sofridas pelos residentes em favelas e bairros de periferia” (PATROCÍNIO, 2013, p. 49) e, por isso, deve ser lida segundo “[...] uma chave de leitura que possibilite uma análise conjugada: ler no texto literário a presença do sentido político e social do movimento” (PATROCÍNIO, 2013, p. 51). Sob essa ótica, a literatura marginal deve ser avaliada, principalmente, por meio de sua orientação política, social e ética, em detrimento de sua dimensão estética: “[...] na estruturação desse novo grupo, o estético foi colocado em segundo plano, não negligenciado, mas é suprimido pela importância conferida à ética” (PATROCÍNIO, 2013, p. 39).

Nessa perspectiva é que, segundo Hollanda, a literatura periférica institui um novo cânone que estaria “[...] em processo de gestação”. Em artigo já aqui referenciado, “Crônica marginal”, a autora reitera essa percepção quando destaca que a publicação de Cidade de Deus, de Paulo Lins, em 1997, funda não apenas “[...] um formato narrativo-descritivo de ação que vai marcar a estética do final do século na



literatura, na TV e no cinema” (HOLLANDA, 2014, p. 29), mas também um “novo cânone” (HOLLANDA, 2014, p. 29). Ponto de vista partilhado por Patrocínio (2013), que compreende a obra de Lins como uma espécie de marco inaugural do movimento de autores periféricos; caminho aberto que “[...] está sendo percorrido por inúmeros autores da periferia, como Ferréz, Allan Santos Rosa, Sérgio Vaz, Sacolinha, Alexandre Buzo e Rodrigo Ciríaco, para citar os mais representativos” (PATROCÍNIO, 2013, p. 15). Além da autorrepresentatividade, a estudiosa também põe em relevo o olhar para o que ela chama de “interior” dos escritos marginais, que possibilita “[...] pela primeira vez [...] uma detalhada anatomia do cotidiano da miséria e do crime no Brasil, agora com as cores da experiência vivida” e que, por isso, “[...] já não se trata mais da favela idealizada”. Esse olhar de dentro produzida por esses autores, baseada nas cores da experiência vivida e materializada nos textos literários, caracteriza um dos elementos configuradores mais relevantes **da literatura marginal periférica**, conforme assinalado anteriormente. Não por acaso, o retrato gerado pela ficcionalização dos traços autobiográficos dificulta a separação do que é ficcional e do que é biográfico, o que, não raro, dá aos escritos marginais um caráter documental; procedimento que visa ao desenvolvimento de uma consciência identitária coletiva dos sujeitos que vivem nas periferias, como aponta Patrocínio :

O objetivo, claramente ancorado em um engajamento através da literatura, aponta para **o desejo de** formar um povo que se configura de forma anômala, espreado nas margens urbanas. A formação desse povo marginalizado se dá na sua ficcionalização, empreendendo para isso o resgate de elementos reais e fatos concretos. Nessa articulação, entre ficção e realidade, o povo é reinventado, favorecendo **a construção identitária a partir de** um discurso de afirmação. (2013, p. 59).

É, então, na **busca por retratar** a realidade e a experiência marginais, que o diálogo entre o ficcional e a realidade se concretiza, contribuindo, dessa forma, para **a construção identitária** da própria periferia, sem, entretanto, abrir mão da denúncia, já que **a literatura marginal é** uma enunciação marcada por um forte apelo político e social, não se reduzindo “[...] ao literário, expande-se e passa a observar o seu sentido político, social e cultural” (PATROCÍNIO, 2013, p. 50).

Para finalizar as discussões **de “Literatura Marginal”**, Hollanda revisita questões importantes já apresentadas, como a ocupação da cena literária pelas vozes marginais e o novo processo de mediação de suas realidades, já que em vez de objeto de discurso, os periféricos passam a ser sujeitos de discurso: “[...] estamos aprendendo que em vez de interpretar demandas e traduzir diretamente culturas devemos exercer o papel de negociadores que possam relativizar nossos espaços de fala”. Ela, também, expõe o impacto causado por essa produção literária no cenário cultural brasileiro, que possibilita repensar “[...] o que seria uma cultura ‘alta’ **e uma cultura** ‘baixa’ seja ela uma cultura de massa ou popular”. Apontamento que sinaliza para o deslocamento das esferas do saber e do poder no âmbito das práticas histórico-culturais, afinal, a produção intelectual epistemológica e cultural não fica mais restrita a um grupo minoritário. Por último, a pesquisadora encerra o texto dando seu parecer em relação a essas novas vozes : “[...] e, finalmente, gostaria de passar para vocês o entusiasmo que estou vivendo com esse momento meio assustador, mas certamente atraente”. Logo, verifica-se que Hollanda possui uma visão positiva em relação a essa linha de força da **produção literária contemporânea**. Vale ressaltar que a recepção entusiasmada dos textos oriundos de escritores da periferia se mantém presente mesmo depois de mais de uma década da publicação dos volumes especiais da Caros Amigos, haja vista, por exemplo, o sucesso de crítica e de público do livro *O sol na cabeça*, de Giovani Martins, publicado em 2018, recentemente indicado ao Prêmio Jabuti na categoria conto; autor que toma para si a alcunha de escritor



periférico.

No que se refere às manifestações críticas não vinculadas à crítica especializada, foram localizados dois comentários no blog pessoal de Ferréz, publicados em 2005. Apesar de não coincidirem com o lançamento dos atos, estão temporalmente situados no período da publicação da coletânea *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, que reúne alguns escritos das três edições. No primeiro comentário, um morador da periferia apresenta seu ponto de vista sobre o livro *Capão Pecado*, de Ferréz (2000): “[...] tempos atrás li o capão pecado e particularmente não gostei muito (achei um tanto apelativo em relação a sociedade) antes que você pense algo, também sou da periferia”. Entende-se que é a partir da estratégia narrativa da produção literária marginal de colocar o próprio excluído para narrar a sua história e a dos seus iguais, o que, não raro, reverbera uma relação direta com o mundo (realidade elevada à máxima potência), conferindo ao texto certa referencialidade, que se pode ler as ponderações desse leitor. A busca pela autenticidade da “vida como ela é” dos escritos marginais pode ter motivado o leitor a chamar de “apelativo” o retrato social da periferia figurado por Ferréz em *Capão Pecado*. E acrescenta: “[...] espero que não se sinta ofendido pela crítica, é apenas minha humilde opinião, além do mais eu penso o seguinte ‘quem é competente, não tem medo de críticas’”.

O internauta também revela seu posicionamento quanto à publicação da coletânea organizada por Ferréz, em 2005, que reuniu parte dos textos dados à público pelas edições da *Caros Amigos*: “[...] achei bem legal isso, quando eu li a primeira vez já havia achado muito boa as idéias publicadas na revista”. Evidencia, ainda, certo preconceito e descrença por parte da sociedade em relação aos escritores oriundos da periferia, incluindo-se entre eles: “É engraçado o quanto ninguém dá nada para você quando você é da periferia não é mesmo? [...] eles pensam que você é burro, não conhece nada e adoram dar uma de Pseudos Intelectuais”. Por fim, informa que possui um blog e convida Ferréz a acessá-lo:

[...] gostaria que lesse meu blog e me respondesse [...] ignore este blog do Blogspot [...] eu pretendo logo fazer um blog com uma ideologia mais séria, pois este blog que estou usando é mais uma espécie de “passatempo”, afinal eu publico de tudo um pouco lá.

A citação acima corrobora aspecto anteriormente destacado e que se refere à possibilidade de o usuário comum da internet criar plataformas para produzir conteúdo e/ou manifestar-se criticamente sobre literatura, não sendo necessário que seja especialista na área para realizar tal exercício.

O segundo comentário foi realizado por uma estudante de Letras, e versa a respeito da forma em que teve acesso à produção de Ferréz: “Oi Ferréz você não me conhece e eu pouco lhe conheço mas já sou uma fã e leitora, tive acesso à seus textos através da *Caros Amigos*, incrível essa revista”. A seguir, acrescenta: “Estou 2º ano do curso de Letras aqui perto de minha cidade, ja levei textos seus para apresentação de trabalhos, quero pesquisá-los, será meu tema de conclusão de curso”. E finaliza seu comentário dizendo: “A partir de agora mantereí sempre o contato e vou sentir-me honrada quando concluir meu trabalho e ele for um grande sucesso, pois o tema ja é”. Com base nesse comentário, verifica-se que os três volumes do suplemento “*Literatura Marginal – A Cultura da Periferia Ato I, Ato II e Ato III*”, publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004 pela revista *Caros Amigos*, atuam como caminho condutor para outras leituras do movimento, ao mesmo tempo que revela a inserção das vozes marginais periféricas no espaço universitário, o que possibilita travar debates mais densos sobre a produção marginal.

No site Memorial da democracia foi encontrada outra publicação intitulada “**LITERATURA MARGINAL' É A VOZ DA PERIFERIA**” que, embora não trate especificamente das edições da *Caros Amigos*, aborda a coletânea *Literatura marginal: talentos da escrita periférica* que, conforme destacado anteriormente, foi



gerada a partir da publicação **dos três atos**. Para o leitor, o livro organizado por Ferréz pode ser considerada como “[...] referência **na literatura brasileira** do início do século 21, marcada pelo protagonismo de autores da periferia”. Além disso, destaca a linguagem dos escritos marginais: “A linguagem marginal se relaciona, portanto, com **a cultura da periferia** e com a valorização de seu vocabulário e de sua própria dicção”. Antes de finalizar o texto, aborda a fratura promovida pelos escritores periféricos no campo literário hegemônico, colocando em relevo o olhar “de dentro” dessas publicações por colocar o marginalizado como sujeito da sua própria história: “Nesse movimento, a periferia tomara para si o poder de narrar e produzir discursos. Não se trata, porém, de um “retrato da periferia”, mas da periferia tirando as suas próprias fotos”. Esta última citação demonstra que o leitor não apenas a leu a coletânea de contos e poemas, como também o texto introdutório da antologia, intitulado “Terrorismo Literário”, uma vez que faz paráfrase das palavras de Ferréz: “Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita em carvão, a regra é só uma, mostrar a cara. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (FERRÉZ, 2005, p. 9).

Vale destacar que foram encontrados alguns materiais que, apesar de também não estarem relacionados especificamente aos volumes da Caros Amigos, estão relacionados à **literatura marginal periférica**. É o caso de um vídeo no Youtube de entrevista concedida por Ferréz, Alessandro Buzo e Erton Moraes e transmitida pelo extinto programa “Jogo de Ideias”, em 2005, e que trata sobre o lançamento da coletânea de contos. Também uma comunidade denominada “Literatura Marginal”, no Orkut, que já se encontrava indisponível quando da elaboração deste artigo; aspecto que reforça a efemeridade das informações difundidas pela internet. Nela, os usuários da rede trocavam indicações de leitura, realizavam o exercício crítico e divulgavam suas produções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que os volumes especiais **da literatura marginal** na **Revista Caros Amigos** não passaram despercebidos, o que concorre para reforçar a visibilidade granjeada pelos autores periféricos. Não obstante consideração de Dalcastagnè (2012), que observa a invisibilização desses escritores na imprensa prestigiada e de grande circulação. Aspecto que felizmente não se aplica aos volumes aqui discutidos, como problematizado no artigo intitulado “Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições da **Caros Amigos ‘Literatura marginal - A cultura da periferia’**”, que analisa a recepção crítica no calor da hora **dos três atos** em jornais de circulação nacional.. Segundo Brandileone e Martins (2018), os recortes jornalísticos publicados em **O Estado de São Paulo** e **Folha de São Paulo** concorrem para comprovar que **o movimento literário** marginal se fez ouvir, fazendo-se ecoar não apenas pelos seus pares. O levantamento dessas manifestações críticas discutidas pelas autoras não exclui, entretanto, as problemáticas levantadas por Dalcastagnè (2012), que envolvem o apagamento de autores e obras periféricas, ainda que representem um passo importante rumo a ocupação de vozes subalternizadas da cena literária brasileira.

A partir do mapeamento da recepção crítica dos volumes especiais da Caros Amigos, pode-se verificar que a internet apresenta-se como um fértil suporte para a atuação do exercício da crítica literária, seja por meio da crítica especializada, a exemplo da pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda, que discute a respeito do movimento literário periférico de forma mais sistematizada, seja por parte dos leitores “comuns”, que encontram, na rede, espaço para manifestarem suas opiniões sobre os textos literários, ao mesmo tempo que possibilita a interação e a troca de experiências com outros leitores. Importante considerar que, embora os comentários recolhidos no blog de Ferréz não forneçam uma discussão mais densa **sobre o**



movimento literário marginal, apresentam uma visão bastante particular e peculiar sobre as edições, fator de grande relevância porque evidencia a sua recepção por indivíduos que pertencem a diferentes grupos e esferas sociais.

Pode-se, ainda, constatar que a internet, hoje, também se configura como espaço de produção literária, devido ao surgimento de projetos independentes de escritores nas plataformas sociais, cuja experimentação literária servem como termômetro de repercussão dos textos ou primeiro campo de publicação. Nesse contexto, convém mencionar os sites de financiamento coletivo, a exemplo da plataforma Catarse, que é uma espécie de “vaquinha” online que subsidia **a publicação de** livros de autores que procuram espaço **na cena literária** nacional. Ao mesmo tempo, a web caracteriza-se como veículo para a divulgação de obras, que não foge das garras do mercado, como é o caso das ações de publicidades vendidas pelos booktubers. Por fim, a rede possibilita um espaço de debate sobre a produção literária, em que os comentários dos internautas, seus likes e dislikes, bem como demais formas de reação, são ansiosamente aguardadas pelos autores, muitas vezes ponto de partida para a manifestação da crítica especializada.

5 REFERÊNCIAS

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos. In: OLIVEIRA, Vanderléia da Silva; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Desafios contemporâneos: a escrita do agora. São Paulo: AnnaBlume, 2013. p.17-33.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do testemunho. Navegação, Porto Alegre, vol.7, no.1, p.23-30. jan./jun. 2014.

BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato I. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, ago. 2001.

CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato II. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, jun. 2002.

CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato III. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, abr. 2004.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. **Rio de Janeiro**: Zahar, 2003.

CORRÊA, Almir Aquino (org). Ciberespaço: mistificação e paranóia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. Iberic@I Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, Paris, n. 2, p. 13-18, 2012. Disponível em : <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em 20 jul. 2020.



DURÃO, Fábio Akcelrud. O que é crítica literária?. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.

FERRÉZ. Capão pecado. **Rio de Janeiro**: Objetiva, 2005a.

FERRÉZ, (org). Terrorismo Literário. In: Literatura Marginal: talentos da escrita periférica. **Rio de Janeiro**: Agir, 2005b.

FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A política do hip hop nas favelas brasileiras. Disponível em: <<https://www.heloisabuarquedehollanda.com/periferia>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “Crônica marginal”. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRA, Ettore. Possibilidades da Nova Escrita Literária no Brasil. **Rio de Janeiro**: Revan, 2014. p. 25-38.

LINS, Paulo. Cidade de Deus. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARTINS, Geovani. O sol na cabeça. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

MARTINS, Maria Luiza Navarro; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições da **Caros Amigos** “Literatura marginal - A cultura da periferia”. Revista Crioula, São Paulo, no.21, p.67-88, jan./jul. 2018.

Memorial da democracia. 'Literatura marginal' é a voz da periferia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/a-periferia-por-ela-mesma>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Vozes marginais na literatura. **Rio de Janeiro**: Aeroplano, 2009.

PATROCÍNIO, **Paulo Roberto Tonani do**. Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. **Rio de Janeiro**: 7 Letras; FAPERJ, 2013.

PERRONE–MOISÉS, Leyla. A crítica literária. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das letras, 2016. p. 60-69.

RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no século XXI. **Rio de Janeiro**: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. **Rio de Janeiro**: Civilização Brasileira, 2011.

Title
@Peripheral_Literature: the critical reception of the special volumes of **Caros Amigos** “Literatura Marginal – A Cultura Da Periferia” on internet.



Abstract

Diversity stands out as a feature of contemporary Brazilian fiction, present in multiple forms: tones, themes and, especially, multiple convictions about what literature is (RESENDE, 2008). In this context, the occupation of the literary scene by voices that were once on the fringes of national artistic production is earning importance. This aspect is in line with the changes that have occurred in the post-modern period, especially those related to the field of communication, whom the Internet has changed our way of being in the world, which includes literary practices. In view of this, the network becomes a new and important support for the production, dissemination and critical exercise of literature. Based on these aspects, and taking as a basis the theoretical assumptions discussed by Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013) and Resende (2008), among other scholars, this paper aims to discuss the critical reception of Caros Amigos' special volumes entitled "Literatura Marginal – A Cultura da Periferia" on internet. As a result, it is observed that, although timidly, the exercise of critical reception of these editions was not absent from the internet, contributing to the strengthening of the visibility of the political-literary project idealized and developed by peripheral writers.

Keywords

Critical reception; Internet; Marginal literature; Caros Amigos – "A cultura da periferia" magazine.

Recebido em:

Aceito em



=====
Arquivo 1: [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#) (6257 termos)

Arquivo 2: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/download/67/475> (5279 termos)

Termos comuns: 66

Similaridade: 0,57%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento

<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/download/67/475>

=====
@LITERATURA_PERIFÉRICA: **A RECEPÇÃO CRÍTICA** DAS EDIÇÕES DA CAROS AMIGOS
“LITERATURA MARGINAL – A CULTURA DA PERIFERIA” - NA INTERNET .

RESUMO: A diversidade destaca-se como característica marcante **da ficção brasileira** contemporânea, presente em múltiplas formas, tons, temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura (RESENDE, 2008). Neste contexto, ganha relevo a ocupação da cena literária protagonizada por vozes que, antes, se encontravam à margem da produção literária nacional. Esse aspecto está alinhado a mudanças ocorridas no período pós-moderno, entre elas as relacionadas ao campo da comunicação, no qual a internet alterou o **modo de ser** e estar no mundo, o que inclui as práticas literárias. Diante disso, a rede passa a ser um novo e importante suporte para a produção, a divulgação e o exercício crítico do fazer literário. A partir do exposto e tomando como base os pressupostos teóricos abordados por Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013), Resende (2008), entre outros estudiosos, o presente artigo **tem por objetivo** analisar **a recepção crítica** na internet das edições Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”, que são um marco para a consolidação do movimento literário marginal periférico. Como resultado do estudo, observa-se que, embora de forma tímida, o exercício de recepção crítica das edições não se fez ausente na rede, contribuindo para o fortalecimento do projeto político-literário idealizado e desenvolvido pelos escritores da periferia.

PALAVRAS-CHAVE: recepção crítica; internet; literatura marginal; revista Caros Amigos – A cultura da periferia.

1 INTRODUÇÃO

Decorrente da emergência de novas vozes na ficção brasileira contemporânea, até recentemente afastadas do universo literário, surgiu a expressão artística que vem da periferia dos grandes centros urbanos brasileiros, a literatura marginal, que “[...] procura refletir os aspectos mais inumanos e marginalizados de nossa realidade social” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 99). Passo importante rumo à democratização do campo literário, até então não formatado para ser protagonizado por indivíduos que não pertencem aos nichos de poder. Afinal, como aponta Dalcastagnè (2012, p. 13): “[...] a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele”.

Dessa forma, se outrora havia vozes que buscavam falar em “nome deles”, agora é do próprio sujeito periférico que deve emergir a denúncia, o protesto, tornando-se, assim, agente de sua própria história (BRANDILEONE, 2013, p. 26). Em outras palavras, a voz que narra não é de alguém que olha de fora, a



contar do outro, mas de uma perspectiva de dentro; identidade da literatura marginal, segundo Ferréz:

A Literatura Marginal sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita **à margem dos** núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. (FERRÉZ, 2005b, p. 12).

É, então, dessa “margem” que os escritores marginais granjeiam o seu lugar de fala para vociferarem sobre suas próprias realidades. Entre os expoentes do movimento estão Paulo Lins (2002) e Ferréz (2005a), que publicaram, respectivamente *Cidade de Deus* e *Capão Pecado*.

A literatura marginal está assentada em uma produção literária que encontra nos princípios socioeconômico e geográfico, seu fator de reconhecimento, segundo Patrocínio (2013). Por isso, **segundo o autor**, um dos elementos mais importantes para a identificação desse grupo, que reúne escritores da periferia, é a territorialidade do texto, seja porque a periferia torna-se o cenário das narrativas, seja pelo fato de seus autores residirem em espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões.

O termo, ainda, designa uma literatura **que se propõe** a intervir no modelo de produção literária praticado pelo sujeito burguês: “Nesses termos, passa a ser denominada não apenas a literatura que está à margem, mas aquela que se coloca à margem enquanto proposta de intervenção literária que busca uma sombra na modelação do sujeito burguês” (PATROCÍNIO, 2013, p. 27). **Não por acaso**, a literatura marginal leva para o centro da discussão a realidade de violência e de vulnerabilidade social sofrida pelos sujeitos periféricos, que narram **a partir de** suas próprias experiências de vida. Sob esta perspectiva, opera segundo um caráter híbrido, entre o referencial, dado pelo discurso biográfico do autor, que utiliza a sua própria trajetória **de vida como** matéria fundante de sua produção ficcional, e o discurso propriamente ficcional da narrativa.

É fruto desse movimento os três volumes da Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia” que, organizados por Ferréz, em parceria com a Editora Casa Amarela, foram publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004. Esses volumes são compreendidos, por estudiosos, como um marco na formação e estruturação **de um projeto** literário coletivo, cujo objetivo era reunir as diversas vozes das periferias. É o caso de Patrocínio, para quem as edições especiais da Caros Amigos favoreceram “[...] a formação de um espaço discursivo próprio dentro da série literária hegemônica” (2013, p.16).

Também para Nascimento (2009), os três atos propiciaram a apropriação e a legitimação de um novo sentido para o adjetivo marginal, qualificando uma nova vertente literária no panorama contemporâneo. Além disso, foram porta de entrada para a inserção de diversos escritores da periferia na cena literária brasileira (NASCIMENTO, 2009). Já para Holanda (2014), os números especiais da revista são “[...] seminais, **no sentido de** que Caros Amigos tem uma circulação mais ampla e diversificada, tem a atenção dos antenados, uma boa distribuição, e me parece que foi aí, nesses números especiais, que nasceu e se firmou a noção de literatura marginal como a nova expressão literária das periferias” (HOLLANDA, 2014, p. 33).

Compostos de poemas, contos, crônicas e letras de rap, os atos possuem a marca de 48 escritores e rappers, provenientes das grandes periferias urbanas, principalmente **de São Paulo e do Rio de Janeiro**. Vale destacar que a distribuição das revistas foi realizada, de forma gratuita, nos bairros das comunidades, como apontado por Nascimento (2009); fator que evidencia o lema dessas produções: uma literatura da periferia para a própria periferia. Logo, esses textos estabelecem um diálogo contínuo com as comunidades em que vivem e tematizam assuntos relacionados ao seu cotidiano, como, por exemplo, a



violência e a falta de estrutura, que afeta a sobrevivência e a subsistência dos moradores (NASCIMENTO, 2009).

Considerando a relevância dessa coletânea para firmar e afirmar a expressão literária vinda das periferias e, assim, edificar um projeto literário de cunho inédito, é que surgiu o interesse em **investigar a recepção crítica** desses volumes na internet. **De um lado** para identificar o espaço que esses volumes obtiveram na cena literária brasileira, já que se inscreveram como marco para afiançar e consolidar o movimento literário marginal e, de outro, verificar a sua ressonância em outro suporte, que não o jornal; lócus até então institucionalizado para o exercício **da crítica literária**, mas que tem, paulatinamente, deixado de ser o principal meio de difusão da literatura.

Sabe-se que o advento da internet e da tecnologia eletrônica aplicada à literatura, por meio da apropriação de novos dispositivos, tornou a circulação de textos muito mais fácil e rápida, bem como vitrine para novos autores, o que “[...] possibilitou o aparecimento de milhares de novos leitores críticos, de competência variada, em sites ou em blogs” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 68). Além disso, o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, **uma vez que** o processo de criação literária se tornou um processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor. Desse modo, **o texto literário** ganhou uma nova dimensão não só pela velocidade da criação, mas também pela transmissão e recepção dos textos, muitas vezes associada a debates inflamados sobre textos e autores (CORRÊA, 2008). Aspecto que se pretende esquadrihar, a partir do mapeamento da recepção crítica, os três atos de “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia” em blogs e demais práticas da internet. O presente trabalho está organizado em duas seções: na primeira, contextualiza-se a respeito da manifestação **da crítica literária** na internet e no fortalecimento das práticas virtuais na recepção e divulgação dos autores e textos literários. Em seguida, na última seção, análise do mapeamento da fortuna crítica, a fim de evidenciar a repercussão dos referidos volumes na internet.

2 A CRÍTICA LITERÁRIA ENTRE FIOS E CONEXÕES

Desde o advento do jornalismo no Brasil, em meados do século XIX, a literatura ganhou espaço privilegiado e, **por isso, a crítica literária** era aguardada (e temida) com expectativa por escritores e editores. **De um lado** porque o jornal tornou-se o principal veículo de divulgação do literário, seja através da publicação de obras literárias, notícia de lançamentos de livros, notas sobre escritores e obras ou, ainda, por exercer a função de difundir artigos críticos, resenhas e entrevistas. **Por outro lado**, prestou-se como fonte de renda para os escritores, concedendo-lhes não só condições mínimas de independência econômica, mas também os libertando, ainda que provisoriamente, das demandas éticas e estéticas dos mecenas (BORDIEU, 2009). Desse modo, o jornal configurou-se como prestigiada instância de legitimação de escritores **e de suas obras**.

Atualmente, no entanto, pode-se verificar o paulatino apagamento **da crítica literária** nos jornais, ficando restrita aos poucos suplementos literários que ainda resistem, como é o caso do Jornal Rascunho, Cândido e o Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco ou, então, aos cadernos culturais de circulação em massa que, atualmente, estão mais à serviço do colonismo social que do exercício propriamente **da crítica literária** (FRANCHETTI, 2005). Já **a crítica literária** produzida nas universidades, ficam, em sua grande maioria, encastelada nelas mesmas, sobrevivendo bravamente, sem sucumbir. Essas constatações encontram eco em Durão (2016), que evidencia as fragilidades **da crítica literária** contemporânea, tanto da crítica acadêmica quando da crítica praticada no jornal:



Quando postas lado a lado, a crítica acadêmica e a crítica de jornal deixam entrever suas fraquezas: por não ter um compromisso direto com o receptor, a crítica acadêmica é muitas vezes abstrusa e desnecessariamente difícil, a desproporção entre a produção e o uso – centenas e centenas de livros e milhares de artigos científicos não têm **mais do que** meia dúzia de leitores cada [...] Já a crítica de jornal parece estar cada vez mais incluída em uma lógica de mercado. Isso se manifesta em uma tendência para beneficiar a superficialidade, reduzir o espaço de reflexo e ignorar aquele desinteresse sem o qual a crítica alguma pode ser exercida: no limite, o jornal pode fazer o comentário **de um livro como se estivesse** planejando sua campanha publicitária. (DURÃO, 2016, p. 12-13).

Tendo em vista **os limites da crítica literária exercida** no jornal e na Academia **é que a** internet se apresenta como um novo suporte que, entretanto, não foge à lógica comercial; aspecto já delineado por Franchetti a respeito do jornal. Para Durão (2016), a prática **da crítica literária** nos espaços virtuais serve, não raro, como veículo de propaganda de certos escritores e obras:

[...] quando a crítica é submetida à mesma lógica comercial da indústria cultural, o ter-que-dizer antepõe-se ao ter-o-que-dizer. Ela vê-se muitas vezes obrigada a achar o que comentar em objetos que talvez não fossem merecedores de comentário. Se a crítica abre mão da resistência ao ter-que-dizer como a priori, ela converte-se em algo não muito melhor que uma simples propaganda da obra e de sua editora. (DURÃO, 2016, p. 114).

Nesse contexto, pode-se observar diferentes atuações do mercado, que se manifestam, sobretudo, pela contratação de ações de publicidade por parte das editoras e de autores independentes, que vão desde a divulgação da capa e/ou da sinopse de determinado livro nas redes sociais, maior destaque para o Instagram, até a leitura de parte de determinada obra e/ou **a publicação de** um vídeo com impressões de leitura para o Youtube. Outra prática comum nesses canais de vídeos sobre livros no Youtube é o envio, por parte das editoras, de seus livros recém lançados, os quais aparecem em vídeos intitulados como “bookhall” e/ou de caixa-postal que são publicados mensalmente; nessa prática, no entanto, não ocorre a contratação de um serviço como mencionado anteriormente. Em todas essas situações, o booktub toma o lugar do outdoor; estratégia de marketing ainda responsável por divulgar o que de mais novo há no mercado.

Espaço decorrente das transformações tecnológicas ocorridas no final do século passado, principalmente no que tange à democratização do acesso à rede e ao surgimento de plataformas de comunicação como blogs e redes sociais, a exemplo o Blogger, Orkut, Facebook e Youtube, a internet assemelha-se, portanto, a uma (nova) ágora, no qual os indivíduos têm a possibilidade de se expressarem e construir linhas de pensamentos de forma coletiva.

É, então, por meio das redes sociais que os usuários encontram a possibilidade de organizarem lócus de interesse comuns, **na medida em que** surgiram “[...] novas formas de sociabilidade construídas **em torno de** interesses específicos” (CASTELLS, 2003, p. 110). Por favorecer a liberdade de expressão, os indivíduos encontram, ainda, a possibilidade de ampliar suas formas de interação social e, **ao mesmo tempo**, encontrar um espaço de uso comum e coletivo.

Sendo assim, não é surpreendente verificar que surgiram novos círculos, formados pelos usuários da rede, que se unem para debater assuntos relacionados ao universo literário em diversos sites e redes sociais. Entre eles, pode-se citar os blogs “Literature-se”, criado por Mellory Ferraz, e “Tiny Little Things”, de Tatiana Feltrin, que também se inscrevem em outras plataformas sociais, como canais no Youtube, perfis



no Instagram e página no Facebook . **No caso de** Mellory Ferraz, há também um grupo produzido por ela no Facebook, em que seus membros compartilham informações, dicas de leitura e realizam o exercício crítico das leituras em curso e/ou finalizadas.

Apesar do exercício crítico praticado nessas plataformas de comunicação ser de base mais impressionista , o leitor (comum) pode estabelecer um canal de comunicação não apenas para manifestar e expor sua opinião, mas também debater com outros leitores. Aspecto que encontra ressonância em considerações de Resende, para quem a literatura “[...] na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação” (2008, p. 18). Também Schøllhammer (2009) enfatiza que a rede alterou a circulação e a recepção do texto literário, bem como **a relação entre** o escritor e o público:

As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os blogs, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 13).

Diante do exposto, verifica-se que a produção e a circulação de textos literários e da própria crítica se tornaram mais veloz, podendo alcançar tanto o público já interessado em literatura quanto aquele que não possui tanto contato com o universo literário, instigando-o a conhecer e a realizar novas leituras. Entretanto, **a crítica literária** na rede é uma faca de dois gumes. Se por um lado a internet é espaço aberto , em que os usuários possuem vasta liberdade para exprimir seu **ponto de vista** a respeito do que tem lido, por outro, o exercício crítico nas práticas virtuais pode, muitas vezes, ser superficial, como alerta Perrone-Moisés: “[...] a crítica dos blogs assemelha-se à jornalística por seu dinamismo e seu caráter judicativo, mas por ser individual e anárquica carece, frequentemente, de fundamentos sólidos” (2016, p. 61). Outra faceta da internet se encontra na efemeridade das informações publicizadas. Assim, se a força da internet está na sua forte relação **com o presente**, dado o seu consumo instantâneo e seu caráter intempestivo, os dados exibidos na rede podem se obliterar, seja por falta de atualização contínua, problemas na hospedagem de sites e blogs, ou até mesmo devido à ação de hackers. É por esse motivo que muitos blogs e sites desaparecem no universo de informações que há por detrás das conexões. Nessa perspectiva **é que o** os jornais e livros físicos facilitam a preservação **da crítica literária** se comparado às práticas virtuais. A seguir, análise do mapeamento da recepção crítica dos volumes da Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia”.

3. NAVEGANDO NO MAPEAMENTO

O mapeamento realizado entre 2017 e 2018 da fortuna crítica das três edições de Literatura Marginal da Revista Caros Amigos deu-se por meio de pesquisas no Google, **a partir de** palavras-chave relacionados aos volumes, a exemplo: Ferréz e Caros Amigos; Literatura Marginal; Talentos da Periferia; A cultura da periferia; Revista Caros Amigos. Importante dizer que **o objetivo da** pesquisa foi o resgatar as manifestações críticas **do calor da hora**, entre de 2001 a 2004. Entretanto, também foram consideradas manifestações críticas de 2005, por coincidirem com o lançamento da coletânea intitulada Literatura marginal: talentos da escrita periférica, organizada por Ferréz e publicada em 2005, que reúne textos das três edições em questão.

Ao todo foram encontradas duas publicações em blogs especializados de literatura que, apesar de não tratarem especificamente dos volumes, ambas as postagens apresentam uma densa discussão sobre a literatura marginal, citando inclusive as edições da revista, de forma que é possível obter um



posicionamento crítico. Quanto ao exercício crítico por leitores não especializados, foram encontradas duas manifestações no blog do escritor Ferréz.

Os artigos referentes à crítica especializada foram localizados no blog homônimo de Heloisa Buarque de Hollanda e são dois: “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” e “Literatura marginal”. O segundo texto mencionado já não se encontra, porém, disponível, **uma vez que** o blog da pesquisadora passou por alterações, inclusive no link, que passou a se denominar “Heloisa Buarque Projetos”. Desse modo, grande parte do conteúdo antes disponível já não pode ser acessado. Além disso, o artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” foi atualizado na nova versão do portal. Isso demonstra e reforça a efemeridade dos dados na rede; aspecto já discutido na seção anterior deste artigo. Felizmente, ambos os artigos foram salvos previamente. Relevante ressaltar que no blog, de onde inicialmente os artigos foram encontrados, não há referência sobre a data das publicações. Infere-se, no entanto, que os artigos foram publicados no intervalo entre os atos I e II dos volumes especiais da Caros Amigos, isto é, entre junho de 2002 e abril de 2004, pois em um trecho do artigo “Literatura marginal”, a pesquisadora escreve: “Ferréz organizou dois números especiais da Revista Caros Amigos chamados “Literatura Marginal” com que reúnem e divulgam escritores da periferia, abrindo espaço para nos talentos locais”.

No artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, a pesquisadora inicia a discussão abordando a intensificação do processo de “favelização” ocorrido nas últimas décadas, ressaltando a importância das manifestações culturais nessas comunidades:

Uma das mais interessantes reações ao recuo do Estado **no que diz** respeito às políticas sociais, é o caso dos processos de atuação que se desenvolvem na cultura do hip hop tal como vêm sendo praticados nas favelas e comunidades de baixa renda no Brasil.

A seguir, a autora aborda o hip hop para evidenciar que essa manifestação artística adquiriu novas características no Brasil, sendo a principal delas assumir um caráter de “capitalismo cultural”, devido à abertura para o mercado; aspecto que se distancia do local de origem do movimento, a Jamaica. Salienta, também, que aqui os artistas da cultura hip hop passaram a concebê-la como mecanismo para o desenvolvimento social e político nas comunidades. Outra especificidade adquirida em terras nacionais foi que o hip hop passou a agregar em sua forma novas expressões artísticas, como a literatura, associando-se a um projeto educacional que visa à ampliação do acesso ao conhecimento:

Antes de mais nada, é importante esclarecer que o hip-hop, nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, é mais abrangente do que sua forma original norte americana que é composto tradicionalmente pelo rap, grafite, MCs e break dance (bboys). No Brasil, o hip hop, além desses, agrega a literatura (uma tendência muito forte e prestigiada do nosso hip hop), algumas formas de competição esportivas como o basket de rua, além do que me parece mais interessante, que é o conhecimento. **A partir da** necessidade política de valorização da história local e das raízes culturais do hip hop, podemos observar nas comunidades hip hop brasileiras um investimento bastante significativo nas formas de aquisição e produção de conhecimento em formas cada vez mais amplas e diversificadas, incluindo-se aqui um real aumento na taxa de entrada destes artistas em instituições de educação formal de ensino médio e superior

Essa filiação do hip hop à literatura, sobretudo às práticas poéticas do rap, encontram eco **nas considerações de** Patrocínio (2013) e da própria autora, em artigo intitulado “Crônica marginal”. **Assim**



como o movimento hip hop, a produção literária marginal, segundo Patrocínio (2013), é um discurso de contestação que aglutina vozes marginalizadas, a fim de produzir uma fala contrária ao estabelecido e, assim, gerar um projeto de resistência e afirmação de uma identidade própria, já que o discurso é construído pelo subalterno. Engajamento político e compromisso social que acabam suscitando o protesto e a conscientização dos indivíduos à margem que, por sua vez, motivam ações culturais pedagógicas “[...] com excelentes resultados para as comunidades pobres” (HOLLANDA, 2014, p. 31). Além disso, ambas as manifestações culturais apresentam um discurso de valorização da identidade periférica e o mesmo teor de crítica social e, por isso, instrumento de denúncia de um cotidiano marcado pela vulnerabilidade e pela desigualdade social. Por isso, continua Hollanda em “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, o movimento artístico das periferias brasileiras possui um cunho intervencionista, que se manifesta no compromisso de dedicar-se à defesa das causas e das experiências dos oprimidos, denunciando as mazelas das comunidades, e em promover mudanças sociais. E, como força dessa (nova) cultura periférica, ela cita o AfroReggae, mundialmente reconhecido pelo seu ativismo por meio da arte, e a produção literária dos escritores periféricos, consumida nas próprias comunidades.

É, então, nesse contexto que a autora aponta para a produção literária desenvolvida na periferia e menciona Ferréz, ressaltando a sua atuação na comunidade de Capão Redondo e, assim, seu ativismo ao ressaltar que o escritor “[...] assume publicamente o compromisso de sua literatura em estilo e em ativismo com o movimento hip hop”. Além disso, ela o caracteriza como “uma forte liderança entre seus “brothers”, referindo-se à organização das edições da Caros Amigos, que “[...] reúne diversos escritores da periferia, abrindo assim espaço para os talentos locais”; consideração presente nas duas publicações encontradas da estudiosa.

Já no artigo “Literatura Marginal”, a pesquisadora evidencia o caráter de autorrepresentatividade do movimento literário periférico, afirmando que a partir dele “[...] a própria noção de cultura, e por tabela a de literatura, é forçada a repensar seus parâmetros e até mesmo, – o que mais interessante –, sua função social”. Outros estudiosos da literatura marginal também apontam para a necessidade de rever o estatuto que rege o texto literário quando a produção literária dos escritores da periferia são objeto de reflexão. É o caso de Nascimento (2009), para quem “[...] a criação literária é o meio pelo qual os autores estão expressando outras preocupações que não as pertinentes à formalização estética, e que envolvem questões, sociais, culturais e políticas” (NASCIMENTO, 2009, p. 165). Ou, ainda, Patrocínio (2013), que define a literatura marginal como “[...] ferramenta para o estabelecimento de uma compreensão de estruturas sociais desiguais e para denunciar situações de vulnerabilidade sofridas pelos residentes em favelas e bairros de periferia” (PATROCÍNIO, 2013, p. 49) e, por isso, deve ser lida segundo “[...] uma chave de leitura que possibilite uma análise conjugada: ler no texto literário a presença do sentido político e social do movimento” (PATROCÍNIO, 2013, p. 51). Sob essa ótica, a literatura marginal deve ser avaliada, principalmente, por meio de sua orientação política, social e ética, em detrimento de sua dimensão estética: “[...] na estruturação desse novo grupo, o estético foi colocado em segundo plano, não negligenciado, mas é suprimido pela importância conferida à ética” (PATROCÍNIO, 2013, p. 39).

Nessa perspectiva é que, segundo Hollanda, a literatura periférica institui um novo cânone que estaria “[...] em processo de gestação”. Em artigo já aqui referenciado, “Crônica marginal”, a autora reitera essa percepção quando destaca que a publicação de Cidade de Deus, de Paulo Lins, em 1997, funda não apenas “[...] um formato narrativo-descritivo de ação que vai marcar a estética do final do século na literatura, na TV e no cinema” (HOLLANDA, 2014, p. 29), mas também um “novo cânone” (HOLLANDA, 2014, p. 29). Ponto de vista partilhado por Patrocínio (2013), que compreende a obra de Lins como uma espécie de marco inaugural do movimento de autores periféricos; caminho aberto que “[...] está sendo



percorrido por inúmeros autores da periferia, como Ferréz, Allan Santos Rosa, Sérgio Vaz, Sacolinha, Alexandre Buzo e Rodrigo Ciríaco, para citar os mais representativos” (PATROCÍNIO, 2013, p. 15). Além da autorrepresentatividade, a estudiosa também põe em relevo o olhar para **o que ela** chama de “interior” dos escritos marginais, que possibilita “[...] pela primeira vez [...] uma detalhada anatomia do cotidiano da miséria e do crime no Brasil, agora com as cores da experiência vivida” e que, por isso, “[...] já não se trata mais da favela idealizada”. Esse olhar de dentro produzida por esses autores, baseada nas cores da experiência vivida e materializada nos textos literários, caracteriza um dos elementos configuradores mais relevantes da literatura marginal periférica, conforme assinalado anteriormente. **Não por acaso**, o retrato gerado pela ficcionalização dos traços autobiográficos dificulta a separação do que é ficcional e do que é biográfico, o que, não raro, dá aos escritos marginais um caráter documental; procedimento que visa ao desenvolvimento de uma consciência identitária coletiva dos sujeitos que vivem nas periferias, como aponta Patrocínio :

O objetivo, claramente ancorado em um engajamento através da literatura, aponta para o desejo de formar um povo que se configura de forma anômala, espreado nas margens urbanas. A formação desse povo marginalizado se dá na sua ficcionalização, empreendendo para isso o resgate de elementos reais e fatos concretos. Nessa articulação, entre ficção e realidade, o povo é reinventado, favorecendo a construção identitária **a partir de** um discurso de afirmação. (2013, p. 59).

É, então, na busca por retratar a realidade e a experiência marginais, que o diálogo entre o ficcional e a realidade se concretiza, contribuindo, dessa forma, para a construção identitária da própria periferia, sem, entretanto, abrir mão da denúncia, **já que a** literatura marginal é uma enunciação marcada por um forte apelo político e social, não se reduzindo “[...] ao literário, expande-se e passa a observar o seu sentido político, social e cultural” (PATROCÍNIO, 2013, p. 50).

Para finalizar as discussões de “Literatura Marginal”, Hollanda revisita questões importantes já apresentadas, como a ocupação da cena literária pelas vozes marginais e o novo processo de mediação de suas realidades, já que em vez de objeto de discurso, os periféricos passam a ser sujeitos de discurso: “[...] estamos aprendendo que em vez de interpretar demandas e traduzir diretamente culturas devemos exercer o papel de negociadores que possam relativizar nossos espaços de fala”. Ela, também, expõe o impacto causado por essa produção literária no cenário cultural brasileiro, que possibilita repensar “[...] o que seria uma cultura ‘alta’ e uma cultura ‘baixa’ seja ela uma cultura de massa ou popular”. Apontamento que sinaliza para o deslocamento das esferas do saber e do poder no âmbito das práticas histórico-culturais, afinal, a produção intelectual epistemológica e cultural não fica mais restrita a um grupo minoritário. Por último, a pesquisadora encerra o texto dando seu parecer em relação a essas novas vozes : “[...] e, finalmente, gostaria de passar para vocês o entusiasmo que estou vivendo com esse momento meio assustador, mas certamente atraente”. Logo, verifica-se que Hollanda possui uma visão positiva em relação a essa linha de força da produção literária contemporânea. Vale ressaltar que a recepção entusiasmada dos textos oriundos de escritores da periferia se mantém presente mesmo depois de mais de uma década da publicação dos volumes especiais da Caros Amigos, haja vista, por exemplo, o sucesso de crítica e de público **do livro O sol na cabeça**, de Giovani Martins, publicado em 2018, recentemente indicado ao Prêmio Jabuti na categoria conto; autor que toma para si a alcunha de escritor periférico.

No que se refere às manifestações críticas não vinculadas à crítica especializada, foram localizados dois comentários no blog pessoal de Ferréz, publicados em 2005. Apesar de não coincidirem com o



lançamento dos atos, estão temporalmente situados no período da publicação da coletânea Literatura marginal: talentos da escrita periférica, que reúne alguns escritos das três edições. No primeiro comentário, um morador da periferia apresenta seu **ponto de vista** sobre o livro Capão Pecado, de Ferréz (2000): “[...] tempos atrás li o capão pecado e particularmente não gostei muito (achei um tanto apelativo em relação a sociedade) antes que você pense algo, também sou da periferia”. Entende-se **que é a partir da** estratégia narrativa da produção literária marginal de colocar o próprio excluído para narrar a sua história e a dos seus iguais, o que, não raro, reverbera uma relação direta **com o mundo** (realidade elevada à máxima potência), conferindo ao texto certa referencialidade, que se pode ler as ponderações desse leitor. A busca pela autenticidade da “vida como ela é” dos escritos marginais pode ter motivado o leitor a chamar de “apelativo” o retrato social da periferia figurado por Ferréz em Capão Pecado. E acrescenta: “[...] espero que não se sinta ofendido pela crítica, é apenas minha humilde opinião, além do mais eu penso o seguinte ‘quem é competente, não tem medo de críticas’”.

O internauta também revela seu posicionamento quanto à publicação da coletânea organizada por Ferréz, em 2005, que reuniu parte dos textos dados à público pelas edições da Caros Amigos: “[...] achei bem legal isso, quando eu li a primeira vez já havia achado muito boa as idéias publicadas na revista”. Evidencia, ainda, certo preconceito e descrença **por parte da** sociedade em relação aos escritores oriundos da periferia, incluindo-se entre eles: “É engraçado o quanto ninguém dá nada para você quando você é da periferia não é mesmo? [...] eles pensam que você é burro, não conhece nada e adoram dar uma de Pseudos Intelectuais”. Por fim, informa que possui um blog e convida Ferréz a acessá-lo:

[...] gostaria que lesse meu blog e me respondesse [...] ignore este blog do Blogspot [...] eu pretendo logo fazer um blog com uma ideologia mais séria, pois este blog que estou usando é mais **uma espécie de** “passatempo”, afinal eu publico de tudo um pouco lá.

A citação acima corrobora aspecto anteriormente destacado **e que se** refere à possibilidade de o usuário comum da internet criar plataformas para produzir conteúdo e/ou manifestar-se criticamente sobre literatura, não sendo necessário que seja especialista na área para realizar tal exercício.

O segundo comentário foi realizado por uma estudante **de Letras**, e versa a respeito da forma em que teve acesso à produção de Ferréz: “Oi Ferréz você não me conhece e eu pouco lhe conheço mas já sou uma fã e leitora, tive acesso à seus textos através da caros amigos, incrível essa revista”. A seguir, acrescenta: “Estou 2º ano do curso de Letras aqui perto de minha cidade, ja levei textos seus para apresentação de trabalhos, quero pesquisá-los, será meu tema de conclusão de curso”. E finaliza seu comentário dizendo: “**A partir de** agora mantereí sempre o contato e vou sentir-me honrada quando concluir meu trabalho e ele for um grande sucesso, pois o tema ja é”. Com base nesse comentário, verifica-se que os três volumes do suplemento “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia Ato I, Ato II e Ato III”, publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004 pela revista Caros Amigos, atuam como caminho condutor para outras leituras do movimento, **ao mesmo tempo** que revela a inserção das vozes marginais periféricas no espaço universitário, o que possibilita travar debates mais densos sobre a produção marginal.

No site Memorial da democracia foi encontrada outra publicação intitulada “LITERATURA MARGINAL' É A VOZ DA PERIFERIA” que, embora não trate especificamente das edições da Caros Amigos, aborda a coletânea Literatura marginal: talentos da escrita periférica que, conforme destacado anteriormente, foi gerada **a partir da** publicação dos três atos. **Para o leitor**, o livro organizado por Ferréz pode ser considerada como “[...] referência na literatura brasileira do início do século 21, marcada pelo protagonismo de autores da periferia”. Além disso, destaca a linguagem dos escritos marginais: “A



linguagem marginal se relaciona, portanto, com a cultura da periferia e com a valorização de seu vocabulário e de sua própria dicção”. Antes de finalizar o texto, aborda a fratura promovida pelos escritores periféricos no campo literário hegemônico, colocando em relevo o olhar “de dentro” dessas publicações por colocar o marginalizado como sujeito da sua própria história: “Nesse movimento, a periferia tomara para si o poder de narrar e produzir discursos. Não se trata, porém, de um “retrato da periferia”, mas da periferia tirando as suas próprias fotos”. Esta última citação demonstra que o leitor não apenas a leu a coletânea de contos e poemas, como também o texto introdutório da antologia, intitulado “Terrorismo Literário”, **uma vez que** faz paráfrase das palavras de Ferréz: “Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita em carvão, a regra é só uma, mostrar a cara. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (FERRÉZ, 2005, p. 9).

Vale destacar que foram encontrados alguns materiais que, apesar de também não estarem relacionados especificamente aos volumes da Caros Amigos, estão relacionados à literatura marginal periférica. É o caso de um vídeo no Youtube de entrevista concedida por Ferréz, Alessandro Buzo e Erton Moraes e transmitida pelo extinto programa “Jogo de Ideias”, em 2005, e que trata sobre o lançamento da coletânea de contos. Também uma comunidade denominada “Literatura Marginal”, no Orkut, que já se encontrava indisponível quando da elaboração deste artigo; aspecto que reforça a efemeridade das informações difundidas pela internet. Nela, os usuários da rede trocavam indicações de leitura, realizavam o exercício crítico e divulgavam suas produções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que os volumes especiais da literatura marginal na Revista Caros Amigos não passaram despercebidos, o que concorre para reforçar a visibilidade granjeada pelos autores periféricos. Não obstante consideração de Dalcastagnè (2012), que observa a invisibilização desses escritores na imprensa prestigiada e de grande circulação. Aspecto que felizmente não se aplica aos volumes aqui discutidos, como problematizado no artigo intitulado “Vozes sobre a literatura periférica: **A recepção crítica** das edições da Caros Amigos ‘Literatura marginal - A cultura da periferia’”, que analisa **a recepção crítica no calor da hora** dos três atos em jornais de circulação nacional.. Segundo Brandileone e Martins (2018), os recortes jornalísticos publicados em O Estado **de São Paulo** e Folha **de São Paulo** concorrem para comprovar que o movimento literário marginal se fez ouvir, fazendo-se ecoar não apenas pelos seus pares. O levantamento dessas manifestações críticas discutidas pelas autoras não exclui, entretanto, as problemáticas levantadas por Dalcastagnè (2012), que envolvem o apagamento de autores e obras periféricas, ainda que representem um passo importante rumo a ocupação de vozes subalternizadas da cena literária brasileira.

A partir do mapeamento da recepção crítica dos volumes especiais da Caros Amigos, pode-se verificar que a internet apresenta-se como um fértil suporte para a atuação do exercício **da crítica literária**, seja por meio da crítica especializada, a exemplo da pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda, que discute a respeito do movimento literário periférico de forma mais sistematizada, seja por parte dos leitores “comuns”, que encontram, na rede, espaço para manifestarem suas opiniões sobre os textos literários, **ao mesmo tempo** que possibilita a interação e a troca de experiências com outros leitores. Importante considerar que, embora os comentários recolhidos no blog de Ferréz não forneçam uma discussão mais densa sobre o movimento literário marginal, apresentam uma visão bastante particular e peculiar sobre as edições, fator de grande relevância porque evidencia a sua recepção por indivíduos que pertencem a diferentes grupos e esferas sociais.



Pode-se, ainda, constatar que a internet, hoje, também se configura como espaço de produção literária, devido ao surgimento de projetos independentes de escritores nas plataformas sociais, cuja experimentação literária servem como termômetro de repercussão dos textos ou primeiro campo de publicação. Nesse contexto, convém mencionar os sites de financiamento coletivo, a exemplo da plataforma Catarse, que é **uma espécie de** “vaquinha” online que subsidia **a publicação de** livros de autores que procuram espaço na cena literária nacional. **Ao mesmo tempo**, a web caracteriza-se como veículo para a divulgação de obras, que não foge das garras do mercado, como é o caso das ações de publicidades vendidas pelos booktubers. Por fim, a rede possibilita um espaço de debate sobre a produção literária, em que os comentários dos internautas, seus likes e dislikes, bem como demais formas de reação, são ansiosamente aguardadas pelos autores, muitas vezes ponto de partida para a manifestação da crítica especializada.

5 REFERÊNCIAS

- BRANDILEONE, **Ana Paula Franco Nobile**. Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos. In: OLIVEIRA, Vanderléia da Silva; BRANDILEONE, **Ana Paula Franco Nobile**. Desafios contemporâneos: a escrita do agora. São Paulo: AnnaBlume, 2013. p.17-33.
- BRANDILEONE, **Ana Paula Franco Nobile**; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do testemunho. Navegação, Porto Alegre, vol.7, no.1, p.23-30. jan./jun. 2014.
- BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato I. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, ago. 2001.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato II. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, jun. 2002.
- CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato III. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, abr. 2004.
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. **Rio de Janeiro**: Zahar, 2003.
- CORRÊA, Almir Aquino (org). Ciberespaço: mistificação e paranóia. Londrina: **Universidade Estadual de Londrina**, 2008.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. Iberic@I Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, Paris, n. 2, p. 13-18, 2012. Disponível em : <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em 20 jul. 2020.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. O que é crítica literária?. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.
- FERRÉZ. Capão pecado. **Rio de Janeiro**: Objetiva, 2005a.



FERRÉZ, (org). Terrorismo Literário. In: Literatura Marginal: talentos da escrita periférica. **Rio de Janeiro:** Agir, 2005b.

FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A política do hip hop nas favelas brasileiras. Disponível em: <<https://www.heloisabuarquedehollanda.com/periferia>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “Crônica marginal”. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRA, Ettore. Possibilidades da Nova Escrita Literária no Brasil. **Rio de Janeiro:** Revan, 2014. p. 25-38.

LINS, Paulo. Cidade de Deus. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARTINS, Geovani. O sol na cabeça. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

MARTINS, Maria Luiza Navarro; BRANDILEONE, **Ana Paula Franco Nobile**. Vozes sobre a literatura periférica: **A recepção crítica** das edições da Caros Amigos “Literatura marginal - A cultura da periferia”. Revista Crioula, São Paulo, no.21, p.67-88, jan./jul. 2018.

Memorial da democracia. 'Literatura marginal' é a voz da periferia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/a-periferia-por-ela-mesma>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Vozes marginais na literatura. **Rio de Janeiro:** Aeroplano, 2009.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. **Rio de Janeiro:** 7 Letras; FAPERJ, 2013.

PERRONE–MOISÉS, Leyla. **A crítica literária**. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das letras, 2016. p. 60-69.

RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: Expressões **da Literatura Brasileira** no século XXI. **Rio de Janeiro:** Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. **Rio de Janeiro:** Civilização Brasileira, 2011.

Title

@Peripheral_Literature: **the critical reception** of the special volumes of Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura Da Periferia” on internet.

Abstract

Diversity stands out as a feature of contemporary Brazilian fiction, present in multiple forms: tones, themes



and, especially, multiple convictions about what literature is (RESENDE, 2008). In this context, the occupation of the literary scene by voices that were once on the fringes of national artistic production is earning importance. This aspect is in line with the changes that have occurred in the post-modern period, especially those related to the field of communication, whom the Internet has changed our way of being in the world, which includes literary practices. In view of this, the network becomes a new and important support for the production, dissemination and critical exercise of literature. Based on these aspects, and taking as a basis the theoretical assumptions discussed by Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013) and Resende (2008), among other scholars, this paper aims to discuss **the critical reception of** Caros Amigos' special volumes entitled "Literatura Marginal – A Cultura da Periferia" on internet. As a result, it is observed that, although timidly, the exercise of **critical reception of** these editions was not absent from the internet, contributing to the strengthening of the visibility of the political-literary project idealized and developed by peripheral writers.

Keywords

Critical reception; Internet; Marginal literature; Caros Amigos – "A cultura da periferia" magazine.

Recebido em:

Aceito em



=====
Arquivo 1: [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#) (6257 termos)

Arquivo 2: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/26238> (355 termos)

Termos comuns: 16

Similaridade: 0,24%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#). Os termos em vermelho foram encontrados no documento

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/26238>

=====
@LITERATURA_PERIFÉRICA: A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS EDIÇÕES DA CAROS AMIGOS “
LITERATURA MARGINAL – A CULTURA DA PERIFERIA” - NA INTERNET .

RESUMO: A diversidade destaca-se como característica marcante da ficção brasileira contemporânea, presente em múltiplas formas, tons, temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura (RESENDE, 2008). Neste contexto, ganha relevo a ocupação da cena literária protagonizada por vozes que, antes, se encontravam à margem da produção literária nacional. Esse aspecto está alinhado a mudanças ocorridas no período pós-moderno, entre elas as relacionadas ao campo da comunicação, no qual a internet alterou o modo de ser e estar no mundo, o que inclui as práticas literárias. Diante disso, a rede passa a ser um novo e importante suporte para a produção, a divulgação e o exercício crítico do fazer literário. A partir do exposto e tomando como base os pressupostos teóricos abordados por Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013), Resende (2008), entre outros estudiosos, o presente artigo tem por objetivo analisar a recepção crítica na internet das edições Caros Amigos “**Literatura Marginal – A Cultura da Periferia**”, que são um marco para a consolidação do movimento literário marginal periférico. Como resultado do estudo, observa-se que, embora de forma tímida, o exercício de recepção crítica das edições não se fez ausente na rede, contribuindo para o fortalecimento do projeto político-literário idealizado e desenvolvido pelos escritores da periferia.

PALAVRAS-CHAVE: recepção crítica; internet; literatura marginal; revista Caros Amigos – **A cultura da periferia**.

1 INTRODUÇÃO

Decorrente da emergência de novas vozes na ficção brasileira contemporânea, até recentemente afastadas do universo literário, surgiu a expressão artística que vem da periferia dos grandes centros urbanos brasileiros, a literatura marginal, que “[...] procura refletir os aspectos mais inumanos e marginalizados de nossa realidade social” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 99). Passo importante rumo à democratização do campo literário, até então não formatado para ser protagonizado por indivíduos que não pertencem aos nichos de poder. Afinal, como aponta Dalcastagnè (2012, p. 13): “[...] a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele”.

Dessa forma, se outrora havia vozes que buscavam falar em “nome deles”, agora é do próprio sujeito periférico que deve emergir a denúncia, o protesto, tornando-se, assim, agente de sua própria história (BRANDILEONE, 2013, p. 26). Em outras palavras, a voz que narra não é de alguém que olha de fora, a



contar do outro, mas de uma perspectiva de dentro; identidade **da literatura marginal**, segundo Ferréz:

A Literatura Marginal sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. (FERRÉZ, 2005b, p. 12).

É, então, dessa “margem” que os escritores marginais granjeiam o seu lugar de fala para vociferarem sobre suas próprias realidades. Entre os expoentes do movimento estão Paulo Lins (2002) e Ferréz (2005a), que publicaram, respectivamente *Cidade de Deus* e *Capão Pecado*.

A literatura marginal está assentada em uma produção literária que encontra nos princípios socioeconômico e geográfico, seu fator de reconhecimento, segundo Patrocínio (2013). Por isso, segundo o autor, um dos elementos mais importantes para a identificação desse grupo, que reúne escritores da periferia, é a territorialidade do texto, seja porque a periferia torna-se o cenário das narrativas, seja pelo fato de seus autores residirem em espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões.

O termo, ainda, designa uma literatura que se propõe a intervir no modelo de produção literária praticado pelo sujeito burguês: “Nesses termos, passa a ser denominada não apenas a literatura que está à margem, mas aquela que se coloca à margem enquanto proposta de intervenção literária que busca uma sombra na modelação do sujeito burguês” (PATROCÍNIO, 2013, p. 27). Não por acaso, a literatura marginal leva para o centro da discussão a realidade de violência e de vulnerabilidade social sofrida pelos sujeitos periféricos, que narram **a partir de** suas próprias experiências de vida. Sob esta perspectiva, opera segundo um caráter híbrido, entre o referencial, dado pelo discurso biográfico do autor, que utiliza a sua própria trajetória de vida como matéria fundante de sua produção ficcional, e o discurso propriamente ficcional da narrativa.

É fruto desse movimento os três volumes da Revista Caros Amigos - **Literatura Marginal: “A cultura da periferia”** que, organizados por Ferréz, em parceria com a Editora Casa Amarela, foram publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004. Esses volumes são compreendidos, por estudiosos, como um marco na formação e estruturação de um projeto literário coletivo, cujo objetivo era reunir as diversas vozes das periferias. É o caso de Patrocínio, para quem as edições especiais da Caros Amigos favoreceram “[...] a formação de um espaço discursivo próprio dentro da série literária hegemônica” (2013, p.16).

Também para Nascimento (2009), os três atos propiciaram a apropriação e a legitimação de um novo sentido para o adjetivo marginal, qualificando uma nova vertente literária no panorama contemporâneo. Além disso, foram porta de entrada para a inserção de diversos escritores da periferia na cena literária brasileira (NASCIMENTO, 2009). Já para Holanda (2014), os números especiais da revista são “[...] seminais, no sentido de que Caros Amigos tem uma circulação mais ampla e diversificada, tem a atenção dos antenados, uma boa distribuição, e me parece que foi aí, nesses números especiais, que nasceu e se firmou a noção de literatura marginal como a nova expressão literária das periferias” (HOLLANDA, 2014, p. 33).

Compostos de poemas, contos, crônicas e letras de rap, os atos possuem a marca de 48 escritores e rappers, provenientes das grandes periferias urbanas, principalmente de São Paulo e do **Rio de Janeiro**. Vale destacar que a distribuição das revistas foi realizada, de forma gratuita, nos bairros das comunidades, como apontado por Nascimento (2009); fator que evidencia o lema dessas produções: uma literatura da periferia para a própria periferia. Logo, esses textos estabelecem um diálogo contínuo com as comunidades em que vivem e tematizam assuntos relacionados ao seu cotidiano, como, por exemplo, a



violência e a falta de estrutura, que afeta a sobrevivência e a subsistência dos moradores (NASCIMENTO, 2009).

Considerando a relevância dessa coletânea para firmar e afirmar a expressão literária vinda das periferias e, assim, edificar um projeto literário de cunho inédito, é que surgiu o interesse em investigar a recepção crítica desses volumes na internet. De um lado para identificar o espaço que esses volumes obtiveram na cena literária brasileira, já que se inscreveram como marco para afiançar e consolidar o movimento literário marginal e, de outro, verificar a sua ressonância em outro suporte, que não o jornal; lócus até então institucionalizado para o exercício da crítica literária, mas que tem, paulatinamente, deixado de ser o principal meio de difusão da literatura.

Sabe-se que o advento da internet e da tecnologia eletrônica aplicada à literatura, por meio da apropriação de novos dispositivos, tornou a circulação de textos muito mais fácil e rápida, bem como vitrine para novos autores, o que “[...] possibilitou o aparecimento de milhares de novos leitores críticos, de competência variada, em sites ou em blogs” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 68). Além disso, o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, uma vez que o processo de criação literária se tornou um processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor. Desse modo, o texto literário ganhou uma nova dimensão não só pela velocidade da criação, mas também pela transmissão e recepção dos textos, muitas vezes associada a debates inflamados sobre textos e autores (CORRÊA, 2008). Aspecto que se pretende esquadriñar, a partir do mapeamento da recepção crítica, os três atos de “**Literatura Marginal – A Cultura da Periferia**” em blogs e demais práticas da internet. O presente trabalho está organizado em duas seções: na primeira, contextualiza-se a respeito da manifestação da crítica literária na internet e no fortalecimento das práticas virtuais na recepção e divulgação dos autores e textos literários. Em seguida, na última seção, análise do mapeamento da fortuna crítica, a fim de evidenciar a repercussão dos referidos volumes na internet.

2 A CRÍTICA LITERÁRIA ENTRE FIOS E CONEXÕES

Desde o advento do jornalismo no Brasil, em meados do século XIX, a literatura ganhou espaço privilegiado e, por isso, a crítica literária era aguardada (e temida) com expectativa por escritores e editores. De um lado porque o jornal tornou-se o principal veículo de divulgação do literário, seja através da publicação de obras literárias, notícia de lançamentos de livros, notas sobre escritores e obras ou, ainda, por exercer a função de difundir artigos críticos, resenhas e entrevistas. Por outro lado, prestou-se como fonte de renda para os escritores, concedendo-lhes não só condições mínimas de independência econômica, mas também os libertando, ainda que provisoriamente, das demandas éticas e estéticas dos mecenas (BORDIEU, 2009). Desse modo, o jornal configurou-se como prestigiada instância de legitimação de escritores e de suas obras.

Atualmente, no entanto, pode-se verificar o paulatino apagamento da crítica literária nos jornais, ficando restrita aos poucos suplementos literários que ainda resistem, como é o caso do Jornal Rascunho, Cândido e o Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco ou, então, aos cadernos culturais de circulação em massa que, atualmente, estão mais à serviço do colunismo social que do exercício propriamente da crítica literária (FRANCHETTI, 2005). Já a crítica literária produzida nas universidades, ficam, em sua grande maioria, encastelada nelas mesmas, sobrevivendo bravamente, sem sucumbir. Essas constatações encontram eco em Durão (2016), que evidencia as fragilidades da crítica literária contemporânea, tanto da crítica acadêmica quando da crítica praticada no jornal:



Quando postas lado a lado, a crítica acadêmica e a crítica de jornal deixam entrever suas fraquezas: por não ter um compromisso direto com o receptor, a crítica acadêmica é muitas vezes abstrusa e desnecessariamente difícil, a desproporção entre a produção e o uso – centenas e centenas de livros e milhares de artigos científicos não têm mais do que meia dúzia de leitores cada [...] Já a crítica de jornal parece estar cada vez mais incluída em uma lógica de mercado. Isso se manifesta em uma tendência para beneficiar a superficialidade, reduzir o espaço de reflexo e ignorar aquele desinteresse sem o qual a crítica alguma pode ser exercida: no limite, o jornal pode fazer o comentário de um livro como se estivesse planejando sua campanha publicitária. (DURÃO, 2016, p. 12-13).

Tendo em vista os limites da crítica literária exercida no jornal e na Academia é que a internet se apresenta como um novo suporte que, entretanto, não foge à lógica comercial; aspecto já delineado por Franchetti a respeito do jornal. Para Durão (2016), a prática da crítica literária nos espaços virtuais serve, não raro, como veículo de propaganda de certos escritores e obras:

[...] quando a crítica é submetida à mesma lógica comercial da indústria cultural, o ter-que-dizer antepõe-se ao ter-o-que-dizer. Ela vê-se muitas vezes obrigada a achar o que comentar em objetos que talvez não fossem merecedores de comentário. Se a crítica abre mão da resistência ao ter-que-dizer como a priori, ela converte-se em algo não muito melhor que uma simples propaganda da obra e de sua editora. (DURÃO, 2016, p. 114).

Nesse contexto, pode-se observar diferentes atuações do mercado, que se manifestam, sobretudo, pela contratação de ações de publicidade por parte das editoras e de autores independentes, que vão desde a divulgação da capa e/ou da sinopse de determinado livro nas redes sociais, maior destaque para o Instagram, até a leitura de parte de determinada obra e/ou a publicação de um vídeo com impressões de leitura para o Youtube. Outra prática comum nesses canais de vídeos sobre livros no Youtube é o envio, por parte das editoras, de seus livros recém lançados, os quais aparecem em vídeos intitulados como “bookhall” e/ou de caixa-postal que são publicados mensalmente; nessa prática, no entanto, não ocorre a contratação de um serviço como mencionado anteriormente. Em todas essas situações, o booktub toma o lugar do outdoor; estratégia de marketing ainda responsável por divulgar o que de mais novo há no mercado.

Espaço decorrente das transformações tecnológicas ocorridas no final do século passado, principalmente no que tange à democratização do acesso à rede e ao surgimento de plataformas de comunicação como blogs e redes sociais, a exemplo o Blogger, Orkut, Facebook e Youtube, a internet assemelha-se, portanto, a uma (nova) ágora, no qual os indivíduos têm a possibilidade de se expressarem e construir linhas de pensamentos de forma coletiva.

É, então, por meio das redes sociais que os usuários encontram a possibilidade de organizarem lócus de interesse comuns, na medida em que surgiram “[...] novas formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos” (CASTELLS, 2003, p. 110). Por favorecer a liberdade de expressão, os indivíduos encontram, ainda, a possibilidade de ampliar suas formas de interação social e, ao mesmo tempo, encontrar um espaço de uso comum e coletivo.

Sendo assim, não é surpreendente verificar que surgiram novos círculos, formados pelos usuários da rede, que se unem para debater assuntos relacionados ao universo literário em diversos sites e redes sociais. Entre eles, pode-se citar os blogs “Literature-se”, criado por Mellory Ferraz, e “Tiny Little Things”, de Tatiana Feltrin, que também se inscrevem em outras plataformas sociais, como canais no Youtube, perfis



no Instagram e página no Facebook . No caso de Mellory Ferraz, há também um grupo produzido por ela no Facebook, em que seus membros compartilham informações, dicas de leitura e realizam o exercício crítico das leituras em curso e/ou finalizadas.

Apesar do exercício crítico praticado nessas plataformas de comunicação ser de base mais impressionista , o leitor (comum) pode estabelecer um canal de comunicação não apenas para manifestar e expor sua opinião, mas também debater com outros leitores. Aspecto que encontra ressonância em considerações de Resende, para quem a literatura “[...] na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação” (2008, p. 18). Também Schøllhammer (2009) enfatiza que a rede alterou a circulação e a recepção do texto literário, bem como a relação entre o escritor e o público:

As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os blogs, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 13).

Diante do exposto, verifica-se que a produção e a circulação de textos literários e da própria crítica se tornaram mais veloz, podendo alcançar tanto o público já interessado em literatura quanto aquele que não possui tanto contato com o universo literário, instigando-o a conhecer e a realizar novas leituras. Entretanto, a crítica literária na rede é uma faca de dois gumes. Se por um lado a internet é espaço aberto , em que os usuários possuem vasta liberdade para exprimir seu ponto de vista a respeito do que tem lido, por outro, o exercício crítico nas práticas virtuais pode, muitas vezes, ser superficial, como alerta Perrone-Moisés: “[...] a crítica dos blogs assemelha-se à jornalística por seu dinamismo e seu caráter judicativo, mas por ser individual e anárquica carece, frequentemente, de fundamentos sólidos” (2016, p. 61). Outra faceta da internet se encontra na efemeridade das informações publicizadas. Assim, se a força da internet está na sua forte relação com o presente, dado o seu consumo instantâneo e seu caráter intempestivo, os dados exibidos na rede podem se obliterar, seja por falta de atualização contínua, problemas na hospedagem de sites e blogs, ou até mesmo devido à ação de hackers. É por esse motivo que muitos blogs e sites desaparecem no universo de informações que há por detrás das conexões. Nessa perspectiva é que os jornais e livros físicos facilitam a preservação da crítica literária se comparado às práticas virtuais. A seguir, análise do mapeamento da recepção crítica dos volumes da Revista Caros Amigos - **Literatura Marginal: “A cultura da periferia”**.

3. NAVEGANDO NO MAPEAMENTO

O mapeamento realizado entre 2017 e 2018 da fortuna crítica das três edições de Literatura Marginal da Revista Caros Amigos deu-se por meio de pesquisas no Google, **a partir de** palavras-chave relacionados aos volumes, a exemplo: Ferréz e Caros Amigos; Literatura Marginal; Talentos da Periferia; **A cultura da periferia**; Revista Caros Amigos. Importante dizer que o objetivo da pesquisa foi o resgatar as manifestações críticas do calor da hora, entre de 2001 a 2004. Entretanto, também foram consideradas manifestações críticas de 2005, por coincidirem com o lançamento da coletânea intitulada Literatura marginal: talentos da escrita periférica, organizada por Ferréz e publicada em 2005, que reúne textos das três edições em questão.

Ao todo foram encontradas duas publicações em blogs especializados de literatura que, apesar de não tratarem especificamente dos volumes, ambas as postagens apresentam uma densa discussão sobre a literatura marginal, citando inclusive as edições da revista, de forma que é possível obter um



posicionamento crítico. Quanto ao exercício crítico por leitores não especializados, foram encontradas duas manifestações no blog do escritor Ferréz.

Os artigos referentes à crítica especializada foram localizados no blog homônimo de Heloisa Buarque de Hollanda e são dois: “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” e “Literatura marginal”. O segundo texto mencionado já não se encontra, porém, disponível, uma vez que o blog da pesquisadora passou por alterações, inclusive no link, que passou a se denominar “Heloisa Buarque Projetos”. Desse modo, grande parte do conteúdo antes disponível já não pode ser acessado. Além disso, o artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” foi atualizado na nova versão do portal. Isso demonstra e reforça a efemeridade dos dados na rede; aspecto já discutido na seção anterior deste artigo. Felizmente, ambos os artigos foram salvos previamente. Relevante ressaltar que no blog, de onde inicialmente os artigos foram encontrados, não há referência sobre a data das publicações. Infere-se, no entanto, que os artigos foram publicados no intervalo entre os atos I e II dos volumes especiais da Caros Amigos, isto é, entre junho de 2002 e abril de 2004, pois em um trecho do artigo “**Literatura marginal**”, a pesquisadora escreve: “Ferréz organizou dois números especiais da Revista Caros Amigos chamados “Literatura Marginal” com que reúnem e divulgam escritores da periferia, abrindo espaço para nos talentos locais”.

No artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, a pesquisadora inicia a discussão abordando a intensificação do processo de “favelização” ocorrido nas últimas décadas, ressaltando a importância das manifestações culturais nessas comunidades:

Uma das mais interessantes reações ao recuo do Estado no que diz respeito às políticas sociais, é o caso dos processos de atuação que se desenvolvem na cultura do hip hop tal como vêm sendo praticados nas favelas e comunidades de baixa renda no Brasil.

A seguir, a autora aborda o hip hop para evidenciar que essa manifestação artística adquiriu novas características no Brasil, sendo a principal delas assumir um caráter de “capitalismo cultural”, devido à abertura para o mercado; aspecto que se distancia do local de origem do movimento, a Jamaica. Salienta, também, que aqui os artistas da cultura hip hop passaram a concebê-la como mecanismo para o desenvolvimento social e político nas comunidades. Outra especificidade adquirida em terras nacionais foi que o hip hop passou a agregar em sua forma novas expressões artísticas, como a literatura, associando-se a um projeto educacional que visa à ampliação do acesso ao conhecimento:

Antes de mais nada, é importante esclarecer que o hip-hop, nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, é mais abrangente do que sua forma original norte americana que é composto tradicionalmente pelo rap, grafite, MCs e break dance (bboys). No Brasil, o hip hop, além desses, agrega a literatura (uma tendência muito forte e prestigiada do nosso hip hop), algumas formas de competição esportivas como o basket de rua, além do que me parece mais interessante, que é o conhecimento. A partir da necessidade política de valorização da história local e das raízes culturais do hip hop, podemos observar nas comunidades hip hop brasileiras um investimento bastante significativo nas formas de aquisição e produção de conhecimento em formas cada vez mais amplas e diversificadas, incluindo-se aqui um real aumento na taxa de entrada destes artistas em instituições de educação formal de ensino médio e superior

Essa filiação do hip hop à literatura, sobretudo às práticas poéticas do rap, encontram eco nas considerações de Patrocínio (2013) e da própria autora, em artigo intitulado “Crônica marginal”. Assim



como o movimento hip hop, a produção literária marginal, segundo Patrocínio (2013), é um discurso de contestação que aglutina vozes marginalizadas, a fim de produzir uma fala contrária ao estabelecido e, assim, gerar um projeto de resistência e afirmação de uma identidade própria, já que o discurso é construído pelo subalterno. Engajamento político e compromisso social que acabam suscitando o protesto e a conscientização dos indivíduos à margem que, por sua vez, motivam ações culturais pedagógicas “[...] com excelentes resultados para as comunidades pobres” (HOLLANDA, 2014, p. 31). Além disso, ambas as manifestações culturais apresentam um discurso de valorização da identidade periférica e o mesmo teor de crítica social e, por isso, instrumento de denúncia de um cotidiano marcado pela vulnerabilidade e pela desigualdade social. Por isso, continua Hollanda em “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, o movimento artístico das periferias brasileiras possui um cunho intervencionista, que se manifesta no compromisso de dedicar-se à defesa das causas e das experiências dos oprimidos, denunciando as mazelas das comunidades, e em promover mudanças sociais. E, como força dessa (nova) cultura periférica, ela cita o AfroReggae, mundialmente reconhecido pelo seu ativismo por meio da arte, e a produção literária dos escritores periféricos, consumida nas próprias comunidades.

É, então, nesse contexto que a autora aponta para a produção literária desenvolvida na periferia e menciona Ferréz, ressaltando a sua atuação na comunidade de Capão Redondo e, assim, seu ativismo ao ressaltar que o escritor “[...] assume publicamente o compromisso de sua literatura em estilo e em ativismo com o movimento hip hop”. Além disso, ela o caracteriza como “uma forte liderança entre seus “brothers”, referindo-se à organização das edições da Caros Amigos, que “[...] reúne diversos escritores da periferia, abrindo assim espaço para os talentos locais”; consideração presente nas duas publicações encontradas da estudiosa.

Já no artigo “**Literatura Marginal**”, a pesquisadora evidencia o caráter de autorrepresentatividade do movimento literário periférico, afirmando que a partir dele “[...] a própria noção de cultura, e por tabela a de literatura, é forçada a repensar seus parâmetros e até mesmo, – o que mais interessante –, sua função social”. Outros estudiosos **da literatura marginal** também apontam para a necessidade de rever o estatuto que rege o texto literário quando a produção literária dos escritores da periferia são objeto de reflexão. É o caso de Nascimento (2009), para quem “[...] a criação literária é o meio pelo qual os autores estão expressando outras preocupações que não as pertinentes à formalização estética, e que envolvem questões, sociais, culturais e políticas” (NASCIMENTO, 2009, p. 165). Ou, ainda, Patrocínio (2013), que define a literatura marginal como “[...] ferramenta para o estabelecimento de uma compreensão de estruturas sociais desiguais e para denunciar situações de vulnerabilidade sofridas pelos residentes em favelas e bairros de periferia” (PATROCÍNIO, 2013, p. 49) e, por isso, deve ser lida segundo “[...] uma chave de leitura que possibilite uma análise conjugada: ler no texto literário a presença do sentido político e social do movimento” (PATROCÍNIO, 2013, p. 51). Sob essa ótica, a literatura marginal deve ser avaliada, principalmente, por meio de sua orientação política, social e ética, em detrimento de sua dimensão estética: “[...] na estruturação desse novo grupo, o estético foi colocado em segundo plano, não negligenciado, mas é suprimido pela importância conferida à ética” (PATROCÍNIO, 2013, p. 39). Nessa perspectiva é que, segundo Hollanda, a literatura periférica institui um novo cânone que estaria “[...] em processo de gestação”. Em artigo já aqui referenciado, “Crônica marginal”, a autora reitera essa percepção quando destaca que a publicação de Cidade de Deus, de Paulo Lins, em 1997, funda não apenas “[...] um formato narrativo-descritivo de ação que vai marcar a estética do final do século na literatura, na TV e no cinema” (HOLLANDA, 2014, p. 29), mas também um “novo cânone” (HOLLANDA, 2014, p. 29). Ponto de vista partilhado por Patrocínio (2013), que compreende a obra de Lins como uma espécie de marco inaugural do movimento de autores periféricos; caminho aberto que “[...] está sendo



percorrido por inúmeros autores da periferia, como Ferréz, Allan Santos Rosa, Sérgio Vaz, Sacolinha, Alexandre Buzo e Rodrigo Ciríaco, para citar os mais representativos” (PATROCÍNIO, 2013, p. 15). Além da autorrepresentatividade, a estudiosa também põe em relevo o olhar para o que ela chama de “interior” dos escritos marginais, que possibilita “[...] pela primeira vez [...] uma detalhada anatomia do cotidiano da miséria e do crime no Brasil, agora com as cores da experiência vivida” e que, por isso, “[...] já não se trata mais da favela idealizada”. Esse olhar de dentro produzida por esses autores, baseada nas cores da experiência vivida e materializada nos textos literários, caracteriza um dos elementos configuradores mais relevantes **da literatura marginal** periférica, conforme assinalado anteriormente. Não por acaso, o retrato gerado pela ficcionalização dos traços autobiográficos dificulta a separação do que é ficcional e do que é biográfico, o que, não raro, dá aos escritos marginais um caráter documental; procedimento que visa ao desenvolvimento de uma consciência identitária coletiva dos sujeitos que vivem nas periferias, como aponta Patrocínio :

O objetivo, claramente ancorado em um engajamento através da literatura, aponta para o desejo de formar um povo que se configura de forma anômala, espreado nas margens urbanas. A formação desse povo marginalizado se dá na sua ficcionalização, empreendendo para isso o resgate de elementos reais e fatos concretos. Nessa articulação, entre ficção e realidade, o povo é reinventado, favorecendo a construção identitária **a partir de** um discurso de afirmação. (2013, p. 59).

É, então, na busca por retratar a realidade e a experiência marginais, que o diálogo entre o ficcional e a realidade se concretiza, contribuindo, dessa forma, para a construção identitária da própria periferia, sem, entretanto, abrir mão da denúncia, já que a literatura marginal é uma enunciação marcada por um forte apelo político e social, não se reduzindo “[...] ao literário, expande-se e passa a observar o seu sentido político, social e cultural” (PATROCÍNIO, 2013, p. 50).

Para finalizar as discussões de “Literatura Marginal”, Hollanda revisita questões importantes já apresentadas, como a ocupação da cena literária pelas vozes marginais e o novo processo de mediação de suas realidades, já que em vez de objeto de discurso, os periféricos passam a ser sujeitos de discurso: “[...] estamos aprendendo que em vez de interpretar demandas e traduzir diretamente culturas devemos exercer o papel de negociadores que possam relativizar nossos espaços de fala”. Ela, também, expõe o impacto causado por essa produção literária no cenário cultural brasileiro, que possibilita repensar “[...] o que seria uma cultura ‘alta’ e uma cultura ‘baixa’ seja ela uma cultura de massa ou popular”. Apontamento que sinaliza para o deslocamento das esferas do saber e do poder no âmbito das práticas histórico-culturais, afinal, a produção intelectual epistemológica e cultural não fica mais restrita a um grupo minoritário. Por último, a pesquisadora encerra o texto dando seu parecer em relação a essas novas vozes : “[...] e, finalmente, gostaria de passar para vocês o entusiasmo que estou vivendo com esse momento meio assustador, mas certamente atraente”. Logo, verifica-se que Hollanda possui uma visão positiva em relação a essa linha de força da produção literária contemporânea. Vale ressaltar que a recepção entusiasmada dos textos oriundos de escritores da periferia se mantém presente mesmo depois de mais de uma década da publicação dos volumes especiais da Caros Amigos, haja vista, por exemplo, o sucesso de crítica e de público do livro *O sol na cabeça*, de Giovani Martins, publicado em 2018, recentemente indicado ao Prêmio Jabuti na categoria conto; autor que toma para si a alcunha de escritor periférico.

No que se refere às manifestações críticas não vinculadas à crítica especializada, foram localizados dois comentários no blog pessoal de Ferréz, publicados em 2005. Apesar de não coincidirem com o



lançamento dos atos, estão temporalmente situados no período da publicação da coletânea Literatura marginal: talentos da escrita periférica, que reúne alguns escritos das três edições. No primeiro comentário, um morador da periferia apresenta seu ponto de vista sobre o livro Capão Pecado, de Ferréz (2000): “[...] tempos atrás li o capão pecado e particularmente não gostei muito (achei um tanto apelativo em relação a sociedade) antes que você pense algo, também sou da periferia”. Entende-se que é a partir da estratégia narrativa da produção literária marginal de colocar o próprio excluído para narrar a sua história e a dos seus iguais, o que, não raro, reverbera uma relação direta com o mundo (realidade elevada à máxima potência), conferindo ao texto certa referencialidade, que se pode ler as ponderações desse leitor. A busca pela autenticidade da “vida como ela é” dos escritos marginais pode ter motivado o leitor a chamar de “apelativo” o retrato social da periferia figurado por Ferréz em Capão Pecado. E acrescenta: “[...] espero que não se sinta ofendido pela crítica, é apenas minha humilde opinião, além do mais eu penso o seguinte ‘quem é competente, não tem medo de críticas’”.

O internauta também revela seu posicionamento quanto à publicação da coletânea organizada por Ferréz, em 2005, que reuniu parte dos textos dados à público pelas edições da Caros Amigos: “[...] achei bem legal isso, quando eu li a primeira vez já havia achado muito boa as idéias publicadas na revista”. Evidencia, ainda, certo preconceito e descrença por parte da sociedade em relação aos escritores oriundos da periferia, incluindo-se entre eles: “É engraçado o quanto ninguém dá nada para você quando você é da periferia não é mesmo? [...] eles pensam que você é burro, não conhece nada e adoram dar uma de Pseudos Intelectuais”. Por fim, informa que possui um blog e convida Ferréz a acessá-lo:

[...] gostaria que lesse meu blog e me respondesse [...] ignore este blog do Blogspot [...] eu pretendo logo fazer um blog com uma ideologia mais séria, pois este blog que estou usando é mais uma espécie de “passatempo”, afinal eu publico de tudo um pouco lá.

A citação acima corrobora aspecto anteriormente destacado e que se refere à possibilidade de o usuário comum da internet criar plataformas para produzir conteúdo e/ou manifestar-se criticamente sobre literatura, não sendo necessário que seja especialista na área para realizar tal exercício.

O segundo comentário foi realizado por uma estudante de Letras, e versa a respeito da forma em que teve acesso à produção de Ferréz: “Oi Ferréz você não me conhece e eu pouco lhe conheço mas já sou uma fã e leitora, tive acesso à seus textos através da caros amigos, incrível essa revista”. A seguir, acrescenta: “Estou 2º ano do curso de Letras aqui perto de minha cidade, ja levei textos seus para apresentação de trabalhos, quero pesquisá-los, será meu tema de conclusão de curso”. E finaliza seu comentário dizendo: “**A partir de** agora mantereí sempre o contato e vou sentir-me honrada quando concluir meu trabalho e ele for um grande sucesso, pois o tema ja é”. Com base nesse comentário, verifica-se que os três volumes do suplemento “**Literatura Marginal – A Cultura da Periferia Ato I, Ato II e Ato III**”, publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004 pela revista Caros Amigos, atuam como caminho condutor para outras leituras do movimento, ao mesmo tempo que revela a inserção das vozes marginais periféricas no espaço universitário, o que possibilita travar debates mais densos sobre a produção marginal.

No site Memorial da democracia foi encontrada outra publicação intitulada “LITERATURA MARGINAL' É A VOZ DA PERIFERIA” que, embora não trate especificamente das edições da Caros Amigos, aborda a coletânea Literatura marginal: talentos da escrita periférica que, conforme destacado anteriormente, foi gerada a partir da publicação dos três atos. Para o leitor, o livro organizado por Ferréz pode ser considerada como “[...] referência **na literatura brasileira** do início do século 21, marcada pelo protagonismo de autores da periferia”. Além disso, destaca a linguagem dos escritos marginais: “A



linguagem marginal se relaciona, portanto, com **a cultura da periferia** e com a valorização de seu vocabulário e de sua própria dicção”. Antes de finalizar o texto, aborda a fratura promovida pelos escritores periféricos no campo literário hegemônico, colocando em relevo o olhar “de dentro” dessas publicações por colocar o marginalizado como sujeito da sua própria história: “Nesse movimento, a periferia tomaria para si o poder de narrar e produzir discursos. Não se trata, porém, de um “retrato da periferia”, mas da periferia tirando as suas próprias fotos”. Esta última citação demonstra que o leitor não apenas a leu a coletânea de contos e poemas, como também o texto introdutório da antologia, intitulado “Terrorismo Literário”, uma vez que faz paráfrase das palavras de Ferréz: “Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita cm carvão, a regra é só uma, mostrar a cara. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (FERRÉZ, 2005, p. 9).

Vale destacar que foram encontrados alguns materiais que, apesar de também não estarem relacionados especificamente aos volumes da Caros Amigos, estão relacionados à literatura marginal periférica. É o caso de um vídeo no Youtube de entrevista concedida por Ferréz, Alessandro Buzo e Erton Moraes e transmitida pelo extinto programa “Jogo de Ideias”, em 2005, e que trata sobre o lançamento da coletânea de contos. Também uma comunidade denominada “Literatura Marginal”, no Orkut, que já se encontrava indisponível quando da elaboração deste artigo; aspecto que reforça a efemeridade das informações difundidas pela internet. Nela, os usuários da rede trocavam indicações de leitura, realizavam o exercício crítico e divulgavam suas produções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que os volumes especiais **da literatura marginal** na Revista Caros Amigos não passaram despercebidos, o que concorre para reforçar a visibilidade granjeada pelos autores periféricos. Não obstante consideração de Dalcastagnè (2012), que observa a invisibilização desses escritores na imprensa prestigiada e de grande circulação. Aspecto que felizmente não se aplica aos volumes aqui discutidos, como problematizado no artigo intitulado “Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições da Caros Amigos ‘**Literatura marginal - A cultura da periferia**’”, que analisa a recepção crítica no calor da hora dos três atos em jornais de circulação nacional.. Segundo Brandileone e Martins (2018), os recortes jornalísticos publicados em O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo concorrem para comprovar que o movimento literário marginal se fez ouvir, fazendo-se ecoar não apenas pelos seus pares. O levantamento dessas manifestações críticas discutidas pelas autoras não exclui, entretanto, as problemáticas levantadas por Dalcastagnè (2012), que envolvem o apagamento de autores e obras periféricas, ainda que representem um passo importante rumo a ocupação de vozes subalternizadas da cena literária brasileira.

A partir do mapeamento da recepção crítica dos volumes especiais da Caros Amigos, pode-se verificar que a internet apresenta-se como um fértil suporte para a atuação do exercício da crítica literária, seja por meio da crítica especializada, a exemplo da pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda, que discute a respeito do movimento literário periférico de forma mais sistematizada, seja por parte dos leitores “comuns”, que encontram, na rede, espaço para manifestarem suas opiniões sobre os textos literários, ao mesmo tempo que possibilita a interação e a troca de experiências com outros leitores. Importante considerar que, embora os comentários recolhidos no blog de Ferréz não forneçam uma discussão mais densa sobre o movimento literário marginal, apresentam uma visão bastante particular e peculiar sobre as edições, fator de grande relevância porque evidencia a sua recepção por indivíduos que pertencem a diferentes grupos e esferas sociais.



Pode-se, ainda, constatar que a internet, hoje, também se configura como espaço de produção literária, devido ao surgimento de projetos independentes de escritores nas plataformas sociais, cuja experimentação literária servem como termômetro de repercussão dos textos ou primeiro campo de publicação. Nesse contexto, convém mencionar os sites de financiamento coletivo, a exemplo da plataforma Catarse, que é uma espécie de “vaquinha” online que subsidia a publicação de livros de autores que procuram espaço na cena literária nacional. Ao mesmo tempo, a web caracteriza-se como veículo para a divulgação de obras, que não foge das garras do mercado, como é o caso das ações de publicidades vendidas pelos booktubers. Por fim, a rede possibilita um espaço de debate sobre a produção literária, em que os comentários dos internautas, seus likes e dislikes, bem como demais formas de reação, são ansiosamente aguardadas pelos autores, muitas vezes ponto de partida para a manifestação da crítica especializada.

5 REFERÊNCIAS

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. **Literatura brasileira contemporânea**: caminhos diversos. In: OLIVEIRA, Vanderléia da Silva; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Desafios contemporâneos: a escrita do agora. São Paulo: AnnaBlume, 2013. p.17-33.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do testemunho. Navegação, Porto Alegre, vol.7, no.1, p.23-30. jan./jun. 2014.

BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). **Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato I**. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, ago. 2001.

CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). **Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato II**. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, jun. 2002.

CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). **Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato III**. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, abr. 2004.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. **Rio de Janeiro**: Zahar, 2003.

CORRÊA, Almir Aquino (org). Ciberespaço: mistificação e paranóia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: **literatura brasileira contemporânea** e as novas vozes sociais. Iberic@I Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, Paris, n. 2, p. 13-18, 2012. Disponível em : <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em 20 jul. 2020.

DURÃO, Fábio Akcelrud. O que é crítica literária?. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.

FERRÉZ. Capão pecado. **Rio de Janeiro**: Objetiva, 2005a.



FERRÉZ, (org). Terrorismo Literário. In: Literatura Marginal: talentos da escrita periférica. **Rio de Janeiro:** Agir, 2005b.

FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A política do hip hop nas favelas brasileiras. Disponível em: <<https://www.heloisabuarquedehollanda.com/periferia>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “Crônica marginal”. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRA, Ettore. Possibilidades da Nova Escrita Literária no Brasil. **Rio de Janeiro:** Revan, 2014. p. 25-38.

LINS, Paulo. Cidade de Deus. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARTINS, Geovani. O sol na cabeça. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

MARTINS, Maria Luiza Navarro; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições da Caros Amigos “**Literatura marginal - A cultura da periferia**”. Revista Crioula, São Paulo, no.21, p.67-88, jan./jul. 2018.

Memorial da democracia. 'Literatura marginal' é a voz da periferia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/a-periferia-por-ela-mesma>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Vozes marginais na literatura. **Rio de Janeiro:** Aeroplano, 2009.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. **Rio de Janeiro:** 7 Letras; FAPERJ, 2013.

PERRONE–MOISÉS, Leyla. A crítica literária. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das letras, 2016. p. 60-69.

RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no século XXI. **Rio de Janeiro:** Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. **Rio de Janeiro:** Civilização Brasileira, 2011.

Title
@Peripheral_Literature: the critical reception of the special volumes of Caros Amigos “**Literatura Marginal – A Cultura Da Periferia**” on internet.

Abstract
Diversity stands out as a feature of contemporary Brazilian fiction, present in multiple forms: tones, themes



and, especially, multiple convictions about what literature is (RESENDE, 2008). In this context, the occupation of the literary scene by voices that were once on the fringes of national artistic production is earning importance. This aspect is in line with the changes that have occurred in the post-modern period, especially those related to the field of communication, whom the Internet has changed our way of being in the world, which includes literary practices. In view of this, the network becomes a new and important support for the production, dissemination and critical exercise of literature. Based on these aspects, and taking as a basis the theoretical assumptions discussed by Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013) and Resende (2008), among other scholars, this paper aims to discuss the critical reception of Caros Amigos' special volumes entitled "**Literatura Marginal – A Cultura da Periferia**" on internet. As a result, it is observed that, although timidly, the exercise of critical reception of these editions was not absent from the internet, contributing to the strengthening of the visibility of the political-literary project idealized and developed by peripheral writers.

Keywords

Critical reception; Internet; Marginal literature; Caros Amigos – "**A cultura da periferia**" magazine.

Recebido em:

Aceito em



=====
Arquivo 1: [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#) (6257 termos)

Arquivo 2: <https://pt-br.facebook.com/anapaulafranconobile.brandileone> (159 termos)

Termos comuns: 3

Similaridade: 0,04%

O texto abaixo é o conteúdo do documento [Artigo Travessias - @Literatura_periférica.doc](#). **Os termos em vermelho foram encontrados no documento** <https://pt-br.facebook.com/anapaulafranconobile.brandileone>

=====
@LITERATURA_PERIFÉRICA: A RECEPÇÃO CRÍTICA DAS EDIÇÕES DA CAROS AMIGOS
“LITERATURA MARGINAL – A CULTURA DA PERIFERIA” - NA INTERNET .

RESUMO: A diversidade destaca-se como característica marcante da ficção brasileira contemporânea, presente em múltiplas formas, tons, temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura (RESENDE, 2008). Neste contexto, ganha relevo a ocupação da cena literária protagonizada por vozes que, antes, se encontravam à margem da produção literária nacional. Esse aspecto está alinhado a mudanças ocorridas no período pós-moderno, entre elas as relacionadas ao campo da comunicação, no qual a internet alterou o modo de ser e estar no mundo, o que inclui as práticas literárias. Diante disso, a rede passa a ser um novo e importante suporte para a produção, a divulgação e o exercício crítico do fazer literário. A partir do exposto e tomando como base os pressupostos teóricos abordados por Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013), Resende (2008), entre outros estudiosos, o presente artigo tem por objetivo analisar a recepção crítica na internet das edições Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia”, que são um marco para a consolidação do movimento literário marginal periférico. Como resultado do estudo, observa-se que, embora de forma tímida, o exercício de recepção crítica das edições não se fez ausente na rede, contribuindo para o fortalecimento do projeto político-literário idealizado e desenvolvido pelos escritores da periferia.

PALAVRAS-CHAVE: recepção crítica; internet; literatura marginal; revista Caros Amigos – A cultura da periferia.

1 INTRODUÇÃO

Decorrente da emergência de novas vozes na ficção brasileira contemporânea, até recentemente afastadas do universo literário, surgiu a expressão artística que vem da periferia dos grandes centros urbanos brasileiros, a literatura marginal, que “[...] procura refletir os aspectos mais inumanos e marginalizados de nossa realidade social” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 99). Passo importante rumo à democratização do campo literário, até então não formatado para ser protagonizado por indivíduos que não pertencem aos nichos de poder. Afinal, como aponta Dalcastagnè (2012, p. 13): “[...] a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele”.

Dessa forma, se outrora havia vozes que buscavam falar em “nome deles”, agora é do próprio sujeito periférico que deve emergir a denúncia, o protesto, tornando-se, assim, agente de sua própria história (BRANDILEONE, 2013, p. 26). Em outras palavras, a voz que narra não é de alguém que olha de fora, a



contar do outro, mas de uma perspectiva de dentro; identidade da literatura marginal, segundo Ferréz:

A Literatura Marginal sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. (FERRÉZ, 2005b, p. 12).

É, então, dessa “margem” que os escritores marginais granjeiam o seu lugar de fala para vociferarem sobre suas próprias realidades. Entre os expoentes do movimento estão Paulo Lins (2002) e Ferréz (2005a), que publicaram, respectivamente *Cidade de Deus* e *Capão Pecado*.

A literatura marginal está assentada em uma produção literária que encontra nos princípios socioeconômico e geográfico, seu fator de reconhecimento, segundo Patrocínio (2013). Por isso, segundo o autor, um dos elementos mais importantes para a identificação desse grupo, que reúne escritores da periferia, é a territorialidade do texto, seja porque a periferia torna-se o cenário das narrativas, seja pelo fato de seus autores residirem em espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões.

O termo, ainda, designa uma literatura que se propõe a intervir no modelo de produção literária praticado pelo sujeito burguês: “Nesses termos, passa a ser denominada não apenas a literatura que está à margem, mas aquela que se coloca à margem enquanto proposta de intervenção literária que busca uma sombra na modelação do sujeito burguês” (PATROCÍNIO, 2013, p. 27). Não por acaso, a literatura marginal leva para o centro da discussão a realidade de violência e de vulnerabilidade social sofrida pelos sujeitos periféricos, que narram a partir de suas próprias experiências de vida. Sob esta perspectiva, opera segundo um caráter híbrido, entre o referencial, dado pelo discurso biográfico do autor, que utiliza a sua própria trajetória de vida como matéria fundante de sua produção ficcional, e o discurso propriamente ficcional da narrativa.

É fruto desse movimento os três volumes da Revista *Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia”* que, organizados por Ferréz, em parceria com a Editora Casa Amarela, foram publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004. Esses volumes são compreendidos, por estudiosos, como um marco na formação e estruturação de um projeto literário coletivo, cujo objetivo era reunir as diversas vozes das periferias. É o caso de Patrocínio, para quem as edições especiais da *Caros Amigos* favoreceram “[...] a formação de um espaço discursivo próprio dentro da série literária hegemônica” (2013, p.16).

Também para Nascimento (2009), os três atos propiciaram a apropriação e a legitimação de um novo sentido para o adjetivo marginal, qualificando uma nova vertente literária no panorama contemporâneo. Além disso, foram porta de entrada para a inserção de diversos escritores da periferia na cena literária brasileira (NASCIMENTO, 2009). Já para Holanda (2014), os números especiais da revista são “[...] seminais, no sentido de que *Caros Amigos* tem uma circulação mais ampla e diversificada, tem a atenção dos antenados, uma boa distribuição, e me parece que foi aí, nesses números especiais, que nasceu e se firmou a noção de literatura marginal como a nova expressão literária das periferias” (HOLLANDA, 2014, p. 33).

Compostos de poemas, contos, crônicas e letras de rap, os atos possuem a marca de 48 escritores e rappers, provenientes das grandes periferias urbanas, principalmente de São Paulo e do Rio de Janeiro. Vale destacar que a distribuição das revistas foi realizada, de forma gratuita, nos bairros das comunidades, como apontado por Nascimento (2009); fator que evidencia o lema dessas produções: uma literatura da periferia para a própria periferia. Logo, esses textos estabelecem um diálogo contínuo com as comunidades em que vivem e tematizam assuntos relacionados ao seu cotidiano, como, por exemplo, a



violência e a falta de estrutura, que afeta a sobrevivência e a subsistência dos moradores (NASCIMENTO, 2009).

Considerando a relevância dessa coletânea para firmar e afirmar a expressão literária vinda das periferias e, assim, edificar um projeto literário de cunho inédito, é que surgiu o interesse em investigar a recepção crítica desses volumes na internet. De um lado para identificar o espaço que esses volumes obtiveram na cena literária brasileira, já que se inscreveram como marco para afiançar e consolidar o movimento literário marginal e, de outro, verificar a sua ressonância em outro suporte, que não o jornal; lócus até então institucionalizado para o exercício da crítica literária, mas que tem, paulatinamente, deixado de ser o principal meio de difusão da literatura.

Sabe-se que o advento da internet e da tecnologia eletrônica aplicada à literatura, por meio da apropriação de novos dispositivos, tornou a circulação de textos muito mais fácil e rápida, bem como vitrine para novos autores, o que “[...] possibilitou o aparecimento de milhares de novos leitores críticos, de competência variada, em sites ou em blogs” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 68). Além disso, o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, uma vez que o processo de criação literária se tornou um processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor. Desse modo, o texto literário ganhou uma nova dimensão não só pela velocidade da criação, mas também pela transmissão e recepção dos textos, muitas vezes associada a debates inflamados sobre textos e autores (CORRÊA, 2008). Aspecto que se pretende esquadrihar, a partir do mapeamento da recepção crítica, os três atos de “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia” em blogs e demais práticas da internet. O presente trabalho está organizado em duas seções: na primeira, contextualiza-se a respeito da manifestação da crítica literária na internet e no fortalecimento das práticas virtuais na recepção e divulgação dos autores e textos literários. Em seguida, na última seção, análise do mapeamento da fortuna crítica, a fim de evidenciar a repercussão dos referidos volumes na internet.

2 A CRÍTICA LITERÁRIA ENTRE FIOS E CONEXÕES

Desde o advento do jornalismo no Brasil, em meados do século XIX, a literatura ganhou espaço privilegiado e, por isso, a crítica literária era aguardada (e temida) com expectativa por escritores e editores. De um lado porque o jornal tornou-se o principal veículo de divulgação do literário, seja através da publicação de obras literárias, notícia de lançamentos de livros, notas sobre escritores e obras ou, ainda, por exercer a função de difundir artigos críticos, resenhas e entrevistas. Por outro lado, prestou-se como fonte de renda para os escritores, concedendo-lhes não só condições mínimas de independência econômica, mas também os libertando, ainda que provisoriamente, das demandas éticas e estéticas dos mecenas (BORDIEU, 2009). Desse modo, o jornal configurou-se como prestigiada instância de legitimação de escritores e de suas obras.

Atualmente, no entanto, pode-se verificar o paulatino apagamento da crítica literária nos jornais, ficando restrita aos poucos suplementos literários que ainda resistem, como é o caso do Jornal Rascunho, Cândido e o Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco ou, então, aos cadernos culturais de circulação em massa que, atualmente, estão mais à serviço do colunismo social que do exercício propriamente da crítica literária (FRANCHETTI, 2005). Já a crítica literária produzida nas universidades, ficam, em sua grande maioria, encastelada nelas mesmas, sobrevivendo bravamente, sem sucumbir. Essas constatações encontram eco em Durão (2016), que evidencia as fragilidades da crítica literária contemporânea, tanto da crítica acadêmica quando da crítica praticada no jornal:



Quando postas lado a lado, a crítica acadêmica e a crítica de jornal deixam entrever suas fraquezas: por não ter um compromisso direto com o receptor, a crítica acadêmica é muitas vezes abstrusa e desnecessariamente difícil, a desproporção entre a produção e o uso – centenas e centenas de livros e milhares de artigos científicos não têm mais do que meia dúzia de leitores cada [...] Já a crítica de jornal parece estar cada vez mais incluída em uma lógica de mercado. Isso se manifesta em uma tendência para beneficiar a superficialidade, reduzir o espaço de reflexo e ignorar aquele desinteresse sem o qual a crítica alguma pode ser exercida: no limite, o jornal pode fazer o comentário de um livro como se estivesse planejando sua campanha publicitária. (DURÃO, 2016, p. 12-13).

Tendo em vista os limites da crítica literária exercida no jornal e na Academia é que a internet se apresenta como um novo suporte que, entretanto, não foge à lógica comercial; aspecto já delineado por Franchetti a respeito do jornal. Para Durão (2016), a prática da crítica literária nos espaços virtuais serve, não raro, como veículo de propaganda de certos escritores e obras:

[...] quando a crítica é submetida à mesma lógica comercial da indústria cultural, o ter-que-dizer antepõe-se ao ter-o-que-dizer. Ela vê-se muitas vezes obrigada a achar o que comentar em objetos que talvez não fossem merecedores de comentário. Se a crítica abre mão da resistência ao ter-que-dizer como a priori, ela converte-se em algo não muito melhor que uma simples propaganda da obra e de sua editora. (DURÃO, 2016, p. 114).

Nesse contexto, pode-se observar diferentes atuações do mercado, que se manifestam, sobretudo, pela contratação de ações de publicidade por parte das editoras e de autores independentes, que vão desde a divulgação da capa e/ou da sinopse de determinado livro nas redes sociais, maior destaque para o Instagram, até a leitura de parte de determinada obra e/ou a publicação de um vídeo com impressões de leitura para o Youtube. Outra prática comum nesses canais de vídeos sobre livros no Youtube é o envio, por parte das editoras, de seus livros recém lançados, os quais aparecem em vídeos intitulados como “bookhall” e/ou de caixa-postal que são publicados mensalmente; nessa prática, no entanto, não ocorre a contratação de um serviço como mencionado anteriormente. Em todas essas situações, o booktub toma o lugar do outdoor; estratégia de marketing ainda responsável por divulgar o que de mais novo há no mercado.

Espaço decorrente das transformações tecnológicas ocorridas no final do século passado, principalmente no que tange à democratização do acesso à rede e ao surgimento de plataformas de comunicação como blogs e redes sociais, a exemplo o Blogger, Orkut, Facebook e Youtube, a internet assemelha-se, portanto, a uma (nova) ágora, no qual os indivíduos têm a possibilidade de se expressarem e construir linhas de pensamentos de forma coletiva.

É, então, por meio das redes sociais que os usuários encontram a possibilidade de organizarem lócus de interesse comuns, na medida em que surgiram “[...] novas formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos” (CASTELLS, 2003, p. 110). Por favorecer a liberdade de expressão, os indivíduos encontram, ainda, a possibilidade de ampliar suas formas de interação social e, ao mesmo tempo, encontrar um espaço de uso comum e coletivo.

Sendo assim, não é surpreendente verificar que surgiram novos círculos, formados pelos usuários da rede, que se unem para debater assuntos relacionados ao universo literário em diversos sites e redes sociais. Entre eles, pode-se citar os blogs “Literature-se”, criado por Mellory Ferraz, e “Tiny Little Things”, de Tatiana Feltrin, que também se inscrevem em outras plataformas sociais, como canais no Youtube, perfis



no Instagram e página no Facebook . No caso de Mellory Ferraz, há também um grupo produzido por ela no Facebook, em que seus membros compartilham informações, dicas de leitura e realizam o exercício crítico das leituras em curso e/ou finalizadas.

Apesar do exercício crítico praticado nessas plataformas de comunicação ser de base mais impressionista , o leitor (comum) pode estabelecer um canal de comunicação não apenas para manifestar e expor sua opinião, mas também debater com outros leitores. Aspecto que encontra ressonância em considerações de Resende, para quem a literatura “[...] na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação” (2008, p. 18). Também Schøllhammer (2009) enfatiza que a rede alterou a circulação e a recepção do texto literário, bem como a relação entre o escritor e o público:

As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os blogs, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 13).

Diante do exposto, verifica-se que a produção e a circulação de textos literários e da própria crítica se tornaram mais veloz, podendo alcançar tanto o público já interessado em literatura quanto aquele que não possui tanto contato com o universo literário, instigando-o a conhecer e a realizar novas leituras. Entretanto, a crítica literária na rede é uma faca de dois gumes. Se por um lado a internet é espaço aberto , em que os usuários possuem vasta liberdade para exprimir seu ponto de vista a respeito do que tem lido, por outro, o exercício crítico nas práticas virtuais pode, muitas vezes, ser superficial, como alerta Perrone-Moisés: “[...] a crítica dos blogs assemelha-se à jornalística por seu dinamismo e seu caráter judicativo, mas por ser individual e anárquica carece, frequentemente, de fundamentos sólidos” (2016, p. 61). Outra faceta da internet se encontra na efemeridade das informações publicizadas. Assim, se a força da internet está na sua forte relação com o presente, dado o seu consumo instantâneo e seu caráter intempestivo, os dados exibidos na rede podem se obliterar, seja por falta de atualização contínua, problemas na hospedagem de sites e blogs, ou até mesmo devido à ação de hackers. É por esse motivo que muitos blogs e sites desaparecem no universo de informações que há por detrás das conexões. Nessa perspectiva é que os jornais e livros físicos facilitam a preservação da crítica literária se comparado às práticas virtuais. A seguir, análise do mapeamento da recepção crítica dos volumes da Revista Caros Amigos - Literatura Marginal: “A cultura da periferia”.

3. NAVEGANDO NO MAPEAMENTO

O mapeamento realizado entre 2017 e 2018 da fortuna crítica das três edições de Literatura Marginal da Revista Caros Amigos deu-se por meio de pesquisas no Google, a partir de palavras-chave relacionados aos volumes, a exemplo: Ferréz e Caros Amigos; Literatura Marginal; Talentos da Periferia; A cultura da periferia; Revista Caros Amigos. Importante dizer que o objetivo da pesquisa foi o resgatar as manifestações críticas do calor da hora, entre de 2001 a 2004. Entretanto, também foram consideradas manifestações críticas de 2005, por coincidirem com o lançamento da coletânea intitulada Literatura marginal: talentos da escrita periférica, organizada por Ferréz e publicada em 2005, que reúne textos das três edições em questão.

Ao todo foram encontradas duas publicações em blogs especializados de literatura que, apesar de não tratarem especificamente dos volumes, ambas as postagens apresentam uma densa discussão sobre a literatura marginal, citando inclusive as edições da revista, de forma que é possível obter um



posicionamento crítico. Quanto ao exercício crítico por leitores não especializados, foram encontradas duas manifestações no blog do escritor Ferréz.

Os artigos referentes à crítica especializada foram localizados no blog homônimo de Heloisa Buarque de Hollanda e são dois: “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” e “Literatura marginal”. O segundo texto mencionado já não se encontra, porém, disponível, uma vez que o blog da pesquisadora passou por alterações, inclusive no link, que passou a se denominar “Heloisa Buarque Projetos”. Desse modo, grande parte do conteúdo antes disponível já não pode ser acessado. Além disso, o artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras” foi atualizado na nova versão do portal. Isso demonstra e reforça a efemeridade dos dados na rede; aspecto já discutido na seção anterior deste artigo. Felizmente, ambos os artigos foram salvos previamente. Relevante ressaltar que no blog, de onde inicialmente os artigos foram encontrados, não há referência sobre a data das publicações. Infere-se, no entanto, que os artigos foram publicados no intervalo entre os atos I e II dos volumes especiais da Caros Amigos, isto é, entre junho de 2002 e abril de 2004, pois em um trecho do artigo “Literatura marginal”, a pesquisadora escreve: “Ferréz organizou dois números especiais da Revista Caros Amigos chamados “Literatura Marginal” com que reúnem e divulgam escritores da periferia, abrindo espaço para nos talentos locais”.

No artigo “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, a pesquisadora inicia a discussão abordando a intensificação do processo de “favelização” ocorrido nas últimas décadas, ressaltando a importância das manifestações culturais nessas comunidades:

Uma das mais interessantes reações ao recuo do Estado no que diz respeito às políticas sociais, é o caso dos processos de atuação que se desenvolvem na cultura do hip hop tal como vêm sendo praticados nas favelas e comunidades de baixa renda no Brasil.

A seguir, a autora aborda o hip hop para evidenciar que essa manifestação artística adquiriu novas características no Brasil, sendo a principal delas assumir um caráter de “capitalismo cultural”, devido à abertura para o mercado; aspecto que se distancia do local de origem do movimento, a Jamaica. Salienta, também, que aqui os artistas da cultura hip hop passaram a concebê-la como mecanismo para o desenvolvimento social e político nas comunidades. Outra especificidade adquirida em terras nacionais foi que o hip hop passou a agregar em sua forma novas expressões artísticas, como a literatura, associando-se a um projeto educacional que visa à ampliação do acesso ao conhecimento:

Antes de mais nada, é importante esclarecer que o hip-hop, nas periferias urbanas das metrópoles brasileiras, é mais abrangente do que sua forma original norte americana que é composto tradicionalmente pelo rap, grafite, MCs e break dance (bboys). No Brasil, o hip hop, além desses, agrega a literatura (uma tendência muito forte e prestigiada do nosso hip hop), algumas formas de competição esportivas como o basket de rua, além do que me parece mais interessante, que é o conhecimento. A partir da necessidade política de valorização da história local e das raízes culturais do hip hop, podemos observar nas comunidades hip hop brasileiras um investimento bastante significativo nas formas de aquisição e produção de conhecimento em formas cada vez mais amplas e diversificadas, incluindo-se aqui um real aumento na taxa de entrada destes artistas em instituições de educação formal de ensino médio e superior

Essa filiação do hip hop à literatura, sobretudo às práticas poéticas do rap, encontram eco nas considerações de Patrocínio (2013) e da própria autora, em artigo intitulado “Crônica marginal”. Assim



como o movimento hip hop, a produção literária marginal, segundo Patrocínio (2013), é um discurso de contestação que aglutina vozes marginalizadas, a fim de produzir uma fala contrária ao estabelecido e, assim, gerar um projeto de resistência e afirmação de uma identidade própria, já que o discurso é construído pelo subalterno. Engajamento político e compromisso social que acabam suscitando o protesto e a conscientização dos indivíduos à margem que, por sua vez, motivam ações culturais pedagógicas “[...] com excelentes resultados para as comunidades pobres” (HOLLANDA, 2014, p. 31). Além disso, ambas as manifestações culturais apresentam um discurso de valorização da identidade periférica e o mesmo teor de crítica social e, por isso, instrumento de denúncia de um cotidiano marcado pela vulnerabilidade e pela desigualdade social. Por isso, continua Hollanda em “A política do Hip Hop nas favelas brasileiras”, o movimento artístico das periferias brasileiras possui um cunho intervencionista, que se manifesta no compromisso de dedicar-se à defesa das causas e das experiências dos oprimidos, denunciando as mazelas das comunidades, e em promover mudanças sociais. E, como força dessa (nova) cultura periférica, ela cita o AfroReggae, mundialmente reconhecido pelo seu ativismo por meio da arte, e a produção literária dos escritores periféricos, consumida nas próprias comunidades.

É, então, nesse contexto que a autora aponta para a produção literária desenvolvida na periferia e menciona Ferréz, ressaltando a sua atuação na comunidade de Capão Redondo e, assim, seu ativismo ao ressaltar que o escritor “[...] assume publicamente o compromisso de sua literatura em estilo e em ativismo com o movimento hip hop”. Além disso, ela o caracteriza como “uma forte liderança entre seus “brothers”, referindo-se à organização das edições da Caros Amigos, que “[...] reúne diversos escritores da periferia, abrindo assim espaço para os talentos locais”; consideração presente nas duas publicações encontradas da estudiosa.

Já no artigo “Literatura Marginal”, a pesquisadora evidencia o caráter de autorrepresentatividade do movimento literário periférico, afirmando que a partir dele “[...] a própria noção de cultura, e por tabela a de literatura, é forçada a repensar seus parâmetros e até mesmo, – o que mais interessante –, sua função social”. Outros estudiosos da literatura marginal também apontam para a necessidade de rever o estatuto que rege o texto literário quando a produção literária dos escritores da periferia são objeto de reflexão. É o caso de Nascimento (2009), para quem “[...] a criação literária é o meio pelo qual os autores estão expressando outras preocupações que não as pertinentes à formalização estética, e que envolvem questões, sociais, culturais e políticas” (NASCIMENTO, 2009, p. 165). Ou, ainda, Patrocínio (2013), que define a literatura marginal como “[...] ferramenta para o estabelecimento de uma compreensão de estruturas sociais desiguais e para denunciar situações de vulnerabilidade sofridas pelos residentes em favelas e bairros de periferia” (PATROCÍNIO, 2013, p. 49) e, por isso, deve ser lida segundo “[...] uma chave de leitura que possibilite uma análise conjugada: ler no texto literário a presença do sentido político e social do movimento” (PATROCÍNIO, 2013, p. 51). Sob essa ótica, a literatura marginal deve ser avaliada, principalmente, por meio de sua orientação política, social e ética, em detrimento de sua dimensão estética: “[...] na estruturação desse novo grupo, o estético foi colocado em segundo plano, não negligenciado, mas é suprimido pela importância conferida à ética” (PATROCÍNIO, 2013, p. 39).

Nessa perspectiva é que, segundo Hollanda, a literatura periférica institui um novo cânone que estaria “[...] em processo de gestação”. Em artigo já aqui referenciado, “Crônica marginal”, a autora reitera essa percepção quando destaca que a publicação de Cidade de Deus, de Paulo Lins, em 1997, funda não apenas “[...] um formato narrativo-descritivo de ação que vai marcar a estética do final do século na literatura, na TV e no cinema” (HOLLANDA, 2014, p. 29), mas também um “novo cânone” (HOLLANDA, 2014, p. 29). Ponto de vista partilhado por Patrocínio (2013), que compreende a obra de Lins como uma espécie de marco inaugural do movimento de autores periféricos; caminho aberto que “[...] está sendo



percorrido por inúmeros autores da periferia, como Ferréz, Allan Santos Rosa, Sérgio Vaz, Sacolinha, Alexandre Buzo e Rodrigo Ciríaco, para citar os mais representativos” (PATROCÍNIO, 2013, p. 15). Além da autorrepresentatividade, a estudiosa também põe em relevo o olhar para o que ela chama de “interior” dos escritos marginais, que possibilita “[...] pela primeira vez [...] uma detalhada anatomia do cotidiano da miséria e do crime no Brasil, agora com as cores da experiência vivida” e que, por isso, “[...] já não se trata mais da favela idealizada”. Esse olhar de dentro produzida por esses autores, baseada nas cores da experiência vivida e materializada nos textos literários, caracteriza um dos elementos configuradores mais relevantes da literatura marginal periférica, conforme assinalado anteriormente. Não por acaso, o retrato gerado pela ficcionalização dos traços autobiográficos dificulta a separação do que é ficcional e do que é biográfico, o que, não raro, dá aos escritos marginais um caráter documental; procedimento que visa ao desenvolvimento de uma consciência identitária coletiva dos sujeitos que vivem nas periferias, como aponta Patrocínio :

O objetivo, claramente ancorado em um engajamento através da literatura, aponta para o desejo de formar um povo que se configura de forma anômala, espreado nas margens urbanas. A formação desse povo marginalizado se dá na sua ficcionalização, empreendendo para isso o resgate de elementos reais e fatos concretos. Nessa articulação, entre ficção e realidade, o povo é reinventado, favorecendo a construção identitária a partir de um discurso de afirmação. (2013, p. 59).

É, então, na busca por retratar a realidade e a experiência marginais, que o diálogo entre o ficcional e a realidade se concretiza, contribuindo, dessa forma, para a construção identitária da própria periferia, sem, entretanto, abrir mão da denúncia, já que a literatura marginal é uma enunciação marcada por um forte apelo político e social, não se reduzindo “[...] ao literário, expande-se e passa a observar o seu sentido político, social e cultural” (PATROCÍNIO, 2013, p. 50).

Para finalizar as discussões de “Literatura Marginal”, Hollanda revisita questões importantes já apresentadas, como a ocupação da cena literária pelas vozes marginais e o novo processo de mediação de suas realidades, já que em vez de objeto de discurso, os periféricos passam a ser sujeitos de discurso: “[...] estamos aprendendo que em vez de interpretar demandas e traduzir diretamente culturas devemos exercer o papel de negociadores que possam relativizar nossos espaços de fala”. Ela, também, expõe o impacto causado por essa produção literária no cenário cultural brasileiro, que possibilita repensar “[...] o que seria uma cultura ‘alta’ e uma cultura ‘baixa’ seja ela uma cultura de massa ou popular”. Apontamento que sinaliza para o deslocamento das esferas do saber e do poder no âmbito das práticas histórico-culturais, afinal, a produção intelectual epistemológica e cultural não fica mais restrita a um grupo minoritário. Por último, a pesquisadora encerra o texto dando seu parecer em relação a essas novas vozes : “[...] e, finalmente, gostaria de passar para vocês o entusiasmo que estou vivendo com esse momento meio assustador, mas certamente atraente”. Logo, verifica-se que Hollanda possui uma visão positiva em relação a essa linha de força da produção literária contemporânea. Vale ressaltar que a recepção entusiasmada dos textos oriundos de escritores da periferia se mantém presente mesmo depois de mais de uma década da publicação dos volumes especiais da Caros Amigos, haja vista, por exemplo, o sucesso de crítica e de público do livro *O sol na cabeça*, de Giovani Martins, publicado em 2018, recentemente indicado ao Prêmio Jabuti na categoria conto; autor que toma para si a alcunha de escritor periférico.

No que se refere às manifestações críticas não vinculadas à crítica especializada, foram localizados dois comentários no blog pessoal de Ferréz, publicados em 2005. Apesar de não coincidirem com o



lançamento dos atos, estão temporalmente situados no período da publicação da coletânea Literatura marginal: talentos da escrita periférica, que reúne alguns escritos das três edições. No primeiro comentário, um morador da periferia apresenta seu ponto de vista sobre o livro Capão Pecado, de Ferréz (2000): “[...] tempos atrás li o capão pecado e particularmente não gostei muito (achei um tanto apelativo em relação a sociedade) antes que você pense algo, também sou da periferia”. Entende-se que é a partir da estratégia narrativa da produção literária marginal de colocar o próprio excluído para narrar a sua história e a dos seus iguais, o que, não raro, reverbera uma relação direta com o mundo (realidade elevada à máxima potência), conferindo ao texto certa referencialidade, que se pode ler as ponderações desse leitor. A busca pela autenticidade da “vida como ela é” dos escritos marginais pode ter motivado o leitor a chamar de “apelativo” o retrato social da periferia figurado por Ferréz em Capão Pecado. E acrescenta: “[...] espero que não se sinta ofendido pela crítica, é apenas minha humilde opinião, além do mais eu penso o seguinte ‘quem é competente, não tem medo de críticas’”.

O internauta também revela seu posicionamento quanto à publicação da coletânea organizada por Ferréz, em 2005, que reuniu parte dos textos dados à público pelas edições da Caros Amigos: “[...] achei bem legal isso, quando eu li a primeira vez já havia achado muito boa as idéias publicadas na revista”. Evidencia, ainda, certo preconceito e descrença por parte da sociedade em relação aos escritores oriundos da periferia, incluindo-se entre eles: “É engraçado o quanto ninguém dá nada para você quando você é da periferia não é mesmo? [...] eles pensam que você é burro, não conhece nada e adoram dar uma de Pseudos Intelectuais”. Por fim, informa que possui um blog e convida Ferréz a acessá-lo:

[...] gostaria que lesse meu blog e me respondesse [...] ignore este blog do Blogspot [...] eu pretendo logo fazer um blog com uma ideologia mais séria, pois este blog que estou usando é mais uma espécie de “passatempo”, afinal eu publico de tudo um pouco lá.

A citação acima corrobora aspecto anteriormente destacado e que se refere à possibilidade de o usuário comum da internet criar plataformas para produzir conteúdo e/ou manifestar-se criticamente sobre literatura, não sendo necessário que seja especialista na área para realizar tal exercício.

O segundo comentário foi realizado por uma estudante de Letras, e versa a respeito da forma em que teve acesso à produção de Ferréz: “Oi Ferréz você não me conhece e eu pouco lhe conheço mas já sou uma fã e leitora, tive acesso à seus textos através da caros amigos, incrível essa revista”. A seguir, acrescenta: “Estou 2º ano do curso de Letras aqui perto de minha cidade, ja levei textos seus para apresentação de trabalhos, quero pesquisá-los, será meu tema de conclusão de curso”. E finaliza seu comentário dizendo: “A partir de agora mantereí sempre o contato e vou sentir-me honrada quando concluir meu trabalho e ele for um grande sucesso, pois o tema ja é”. Com base nesse comentário, verifica-se que os três volumes do suplemento “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia Ato I, Ato II e Ato III”, publicados entre agosto de 2001 a abril de 2004 pela revista Caros Amigos, atuam como caminho condutor para outras leituras do movimento, ao mesmo tempo que revela a inserção das vozes marginais periféricas no espaço universitário, o que possibilita travar debates mais densos sobre a produção marginal.

No site Memorial da democracia foi encontrada outra publicação intitulada “LITERATURA MARGINAL' É A VOZ DA PERIFERIA” que, embora não trate especificamente das edições da Caros Amigos, aborda a coletânea Literatura marginal: talentos da escrita periférica que, conforme destacado anteriormente, foi gerada a partir da publicação dos três atos. Para o leitor, o livro organizado por Ferréz pode ser considerada como “[...] referência na literatura brasileira do início do século 21, marcada pelo protagonismo de autores da periferia”. Além disso, destaca a linguagem dos escritos marginais: “A



linguagem marginal se relaciona, portanto, com a cultura da periferia e com a valorização de seu vocabulário e de sua própria dicção”. Antes de finalizar o texto, aborda a fratura promovida pelos escritores periféricos no campo literário hegemônico, colocando em relevo o olhar “de dentro” dessas publicações por colocar o marginalizado como sujeito da sua própria história: “Nesse movimento, a periferia tomara para si o poder de narrar e produzir discursos. Não se trata, porém, de um “retrato da periferia”, mas da periferia tirando as suas próprias fotos”. Esta última citação demonstra que o leitor não apenas a leu a coletânea de contos e poemas, como também o texto introdutório da antologia, intitulado “Terrorismo Literário”, uma vez que faz paráfrase das palavras de Ferréz: “Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita em carvão, a regra é só uma, mostrar a cara. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (FERRÉZ, 2005, p. 9).

Vale destacar que foram encontrados alguns materiais que, apesar de também não estarem relacionados especificamente aos volumes da Caros Amigos, estão relacionados à literatura marginal periférica. É o caso de um vídeo no Youtube de entrevista concedida por Ferréz, Alessandro Buzo e Erton Moraes e transmitida pelo extinto programa “Jogo de Ideias”, em 2005, e que trata sobre o lançamento da coletânea de contos. Também uma comunidade denominada “Literatura Marginal”, no Orkut, que já se encontrava indisponível quando da elaboração deste artigo; aspecto que reforça a efemeridade das informações difundidas pela internet. Nela, os usuários da rede trocavam indicações de leitura, realizavam o exercício crítico e divulgavam suas produções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que os volumes especiais da literatura marginal na Revista Caros Amigos não passaram despercebidos, o que concorre para reforçar a visibilidade granjeada pelos autores periféricos. Não obstante consideração de Dalcastagnè (2012), que observa a invisibilização desses escritores na imprensa prestigiada e de grande circulação. Aspecto que felizmente não se aplica aos volumes aqui discutidos, como problematizado no artigo intitulado “Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições da Caros Amigos ‘Literatura marginal - A cultura da periferia’”, que analisa a recepção crítica no calor da hora dos três atos em jornais de circulação nacional.. Segundo Brandileone e Martins (2018), os recortes jornalísticos publicados em O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo concorrem para comprovar que o movimento literário marginal se fez ouvir, fazendo-se ecoar não apenas pelos seus pares. O levantamento dessas manifestações críticas discutidas pelas autoras não exclui, entretanto, as problemáticas levantadas por Dalcastagnè (2012), que envolvem o apagamento de autores e obras periféricas, ainda que representem um passo importante rumo a ocupação de vozes subalternizadas da cena literária brasileira.

A partir do mapeamento da recepção crítica dos volumes especiais da Caros Amigos, pode-se verificar que a internet apresenta-se como um fértil suporte para a atuação do exercício da crítica literária, seja por meio da crítica especializada, a exemplo da pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda, que discute a respeito do movimento literário periférico de forma mais sistematizada, seja por parte dos leitores “comuns”, que encontram, na rede, espaço para manifestarem suas opiniões sobre os textos literários, ao mesmo tempo que possibilita a interação e a troca de experiências com outros leitores. Importante considerar que, embora os comentários recolhidos no blog de Ferréz não forneçam uma discussão mais densa sobre o movimento literário marginal, apresentam uma visão bastante particular e peculiar sobre as edições, fator de grande relevância porque evidencia a sua recepção por indivíduos que pertencem a diferentes grupos e esferas sociais.



Pode-se, ainda, constatar que a internet, hoje, também se configura como espaço de produção literária, devido ao surgimento de projetos independentes de escritores nas plataformas sociais, cuja experimentação literária servem como termômetro de repercussão dos textos ou primeiro campo de publicação. Nesse contexto, convém mencionar os sites de financiamento coletivo, a exemplo da plataforma Catarse, que é uma espécie de “vaquinha” online que subsidia a publicação de livros de autores que procuram espaço na cena literária nacional. Ao mesmo tempo, a web caracteriza-se como veículo para a divulgação de obras, que não foge das garras do mercado, como é o caso das ações de publicidades vendidas pelos booktubers. Por fim, a rede possibilita um espaço de debate sobre a produção literária, em que os comentários dos internautas, seus likes e dislikes, bem como demais formas de reação, são ansiosamente aguardadas pelos autores, muitas vezes ponto de partida para a manifestação da crítica especializada.

5 REFERÊNCIAS

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos. In: OLIVEIRA, Vanderléia da Silva; **BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile.** Desafios contemporâneos: a escrita do agora. São Paulo: AnnaBlume, 2013. p.17-33.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. A narrativa brasileira no século XXI: Ferréz e a escrita do testemunho. Navegação, Porto Alegre, vol.7, no.1, p.23-30. jan./jun. 2014.

BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato I. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, ago. 2001.

CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato II. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, jun. 2002.

CAROS AMIGOS (Suplemento Literário). Literatura marginal: a cultura da periferia – Ato III. (Coord. e apresentação Ferréz). São Paulo, abr. 2004.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CORRÊA, Almir Aquino (org). Ciberespaço: mistificação e paranóia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. Iberic@I Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, Paris, n. 2, p. 13-18, 2012. Disponível em : <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em 20 jul. 2020.

DURÃO, Fábio Akcelrud. O que é crítica literária?. São Paulo: Nankin Editorial, Parábola Editorial, 2016.

FERRÉZ. Capão pecado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005a.



FERRÉZ, (org). Terrorismo Literário. In: Literatura Marginal: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005b.

FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. A política do hip hop nas favelas brasileiras. Disponível em: <<https://www.heloisabuarquedehollanda.com/periferia>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “Crônica marginal”. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRA, Ettore. Possibilidades da Nova Escrita Literária no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2014. p. 25-38.

LINS, Paulo. Cidade de Deus. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARTINS, Geovani. O sol na cabeça. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

MARTINS, Maria Luiza Navarro; BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Vozes sobre a literatura periférica: A recepção crítica das edições da Caros Amigos “Literatura marginal - A cultura da periferia”. Revista Crioula, São Paulo, no.21, p.67-88, jan./jul. 2018.

Memorial da democracia. 'Literatura marginal' é a voz da periferia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/a-periferia-por-ela-mesma>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Vozes marginais na literatura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira. Rio de Janeiro: 7 Letras; FAPERJ, 2013.

PERRONE–MOISÉS, Leyla. A crítica literária. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das letras, 2016. p. 60-69.

RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Title

@Peripheral_Literature: the critical reception of the special volumes of Caros Amigos “Literatura Marginal – A Cultura Da Periferia” on internet.

Abstract

Diversity stands out as a feature of contemporary Brazilian fiction, present in multiple forms: tones, themes



and, especially, multiple convictions about what literature is (RESENDE, 2008). In this context, the occupation of the literary scene by voices that were once on the fringes of national artistic production is earning importance. This aspect is in line with the changes that have occurred in the post-modern period, especially those related to the field of communication, whom the Internet has changed our way of being in the world, which includes literary practices. In view of this, the network becomes a new and important support for the production, dissemination and critical exercise of literature. Based on these aspects, and taking as a basis the theoretical assumptions discussed by Dalcastagnè (2012), Nascimento (2009), Patrocínio (2013) and Resende (2008), among other scholars, this paper aims to discuss the critical reception of Caros Amigos' special volumes entitled "Literatura Marginal – A Cultura da Periferia" on internet. As a result, it is observed that, although timidly, the exercise of critical reception of these editions was not absent from the internet, contributing to the strengthening of the visibility of the political-literary project idealized and developed by peripheral writers.

Keywords

Critical reception; Internet; Marginal literature; Caros Amigos – "A cultura da periferia" magazine.

Recebido em:

Aceito em